Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUARTA-FEIRA, 29 DE MARÇO DE 1972 -N.º 17696-ANO 51.º- PREÇO 1$50

ALEMANHA OCIDENTAL FECHA AS FRONTEIRAS

Nixon reprova o plano Hussein

WASHINGTON, 29 — (F.P.) — O rei Hussein avistou-se ontem com os dirigentes americanos durante mais de quatro horas sem, no entanto, ter conseguido a aprovação oficial para o seu plano de criação de um reino federal constituído pela Jordânia e pela Cisjôrdania.

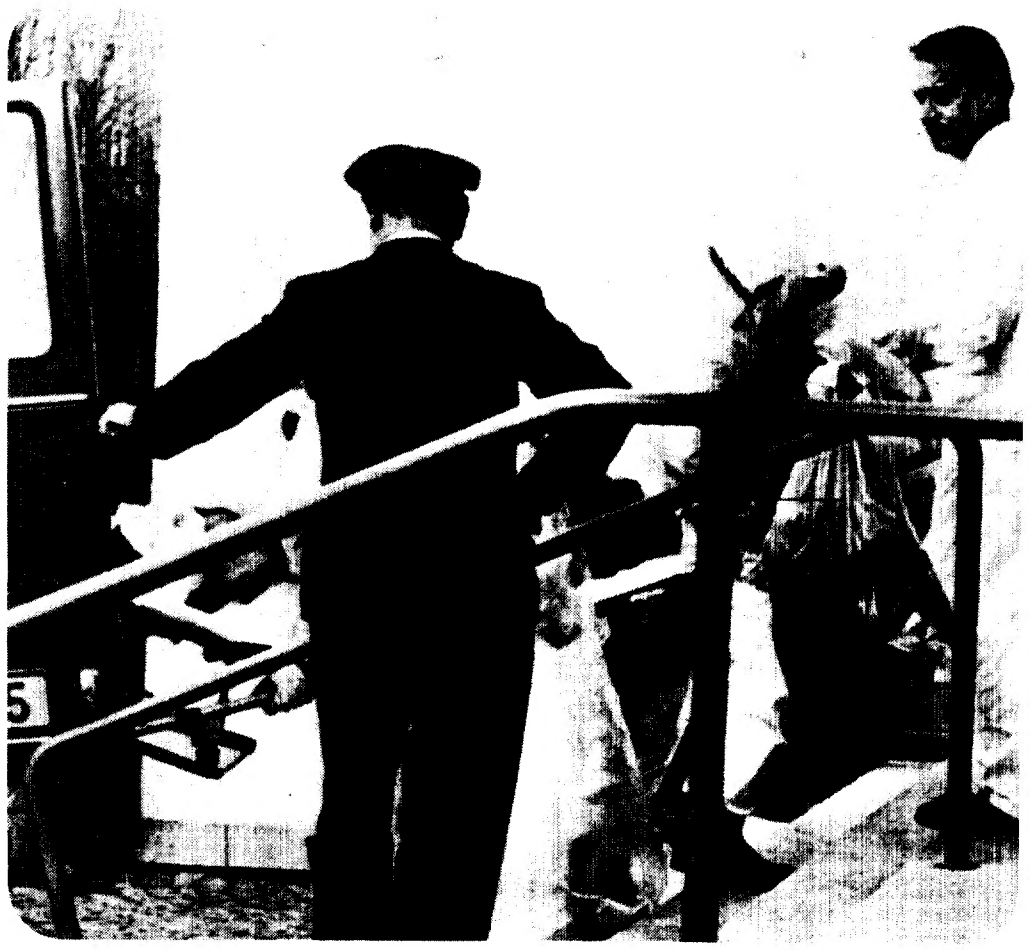
Depois de se encontrar da parte de manhã com o presidente Nixon e com o secretário de Estado William Rogers, o soberano hachemita voltou à noite à Casa Branca para um jantar de trabalho.

Os observadores salientam que o relevo dado pelas autoridades americanas a esta visita particular do soberano contrasta com a lentidão com que as autoridades americanas parecem querer pronunciar-se sobre os ambiciosos planos que o rei hachemita lhes veio expor. Estas recepções que se podem considerar calorosas parecem pretender compensar as reticências postas pelos dirigentes americanos aos planos do rei, julgados aleatórios e prematuros.

Durante as conversações com o soberano hachemita o presidente Nixon garantiu-lhe o apoio dos Estados Unidos para qualquer solução pacífica que tivesse em conta a resolução votada pelas Nações Unidas, em Novembro de 1967.

O secretário de Imprensa do

Continua na pág. 14



Um operário jugoslavo, contaminado, foi internado ontem num hospital dos subúrbios de Hanover, Alemanha. (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

VARÍOLA ALARMA A EUROPA

HANOVER (Alemanha Ocidental), 29 (ANI/«DL») Nos aeroportos da Alemanha Federal os funcionários da alfândega redobraram a vigilância, a fim de se evitar o surto de varíola procedente da Jugoslávia, ao mesmo tempo que eram fechadas as fronteiras com a Áustria e a Checoslováquia.

Foram dadas ordens para fazer regressar à origem os jugoslavos que não provem estar vacinados contra o mal, a menos que prefiram ficar de quarentena duas semanas e meia.

Estas medidas seguiram-se à confirmação de que um operário jugoslavo, de 30 anos, chegado recentemente a Hanover, era portador da varíola.

O contaminado, Ejub Kodzag, de Kosovo, foi isolado num hospital perto de Stolzenbau, ontem. Cento e sessenta e cinco pessoas que se sabe terem estado em contacto com ele foram postas de quarentena por 17 dias, sendo mais umas 150, com contactos secundários, vacinadas e enviadas para casa.

As autoridades bávaras encerraram as fronteiras com a Áustria e com a Checoslováquia ás pessoas que viajam por terra, vindas de áreas infestadas pela varíola e não apresentem atestado de vacina.

É no entanto, a via aérea que mais preocupa os responsáveis pela saúde pública, dado que muitos alemães ocidentais visitam a Jugoslávia utilizando os transportes aéreos.

CASOS MORTAIS NA JUGOSLÁVIA

BELGRADO, 29 - (R.) - Foi ontem oficialmente anunciado que na Sérvia faleceram, até agora sete pessoas vitimadas pela varíola, iniciando-se imediatamente uma campanha de

Continua na pág. 14

A LIBERTAÇÃO DE SALLUSTRO CUSTA UM MILHÃO DE DÓLARES

BUENOS AIRES, 29 (R) — A sorte do director da Fiat local, Oberdan Sallustro, continua a ser desconhecida, várias horas depois de ter expirado o prazo dado pelos guerrilheiros para o pagamento do resgate, agora de um milhão de dólares, sob pena de execução.

O prazo terminou à meia-noite local (4 horas em Lisboa), mas, até agora, não foi recebido qualquer novo comunicado do Exército Revolucionário Popular, que raptou Sallustro na terça-feira.

A notícia de que um corpo tinha sido encontrado nos subúrbios da cidade levou a polícia a dirigir-se para o local imediatamente mas, mais tar-

Continua na pág. 14

Cães policias tentam localizar a pista de Sallustro (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

Hoje no DL /Mulher

TWIGGY

PÁGS. 16/17/18

«Uma empresa em franca ascensão» — a Torralta — vai consagrar-se à nova cidade a surgir em Tróia e que terá condições ímpares (quase sem automóveis e onde não haverá qualquer espécie de poluição).

Enfermeiras reclamam o aumento

O pessoal de enfermagem de saúde pública, dependente da Direcção-Geral de Assistência, descontente com o atraso no pagamento dos aumentos legalmente estipulados, tem insistentemente reclamado junto das entidades competentes. Até agora sem resultado.

Segundo o Decreto-Lei 414-71, de Setembro do ano passado, o pessoal de enfermagem - auxiliares - enquadrado naquela Direcção-Geral seria aumentado do seguinte modo: auxiliar de enfermagem de saúde pública de 2.ª classe (letra R) o aumento de 700 escudos; de 1.ª classe (letra Q), aumento de 800 escudos.

Entraria em vigor em 1 de Outubro de 71. Há todavia um prazo legal de 90 dias para que esses aumentos começem efectivamente a ser pagos. Assim deveriam as referidas auxiliares de enfermagem ser obrigatòriamente pagas a partir de Janeiro deste ano. Ora já passaram quase três meses e isso ainda não aconteceu e embora o pessoal dependente da Direcção-Geral de Saúde tenha já recebido os aumentos.

As interessadas fizeram exposições individuais, contactaram com entidades responsáveis e apenas tomaram conhecimento de que não receberiam os aumentos em atraso quando o pagamento das novas remunerações se concretizassem.

As próprias interessadas pôem a questão: como poderá alargar-se a rede de creches e centros de saúde em todo o País, se o pessoal (fundamentalmente para o objectivo) já medìocramente remunerado verifica que um simples aumento não é satisfeito?

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

Passou por Lisboa o "Ville de Grass" em viagem de cruzeiro

O «Ville de Grasse», paquete de 18000 toneladas de deslocamento, da «Compagnie Generale Transatlantique», a companhia de navegação francesa que também é proprietária dessa outra maravilha flutuante chamado «France», esteve pela primeira vez em Lisboa, numa rota de cruzeiro. Acostou ao cais de Alcântara pela manhã de ontem e largou para Tanger, Cádis, Nápoles e Marselha, às 20 horas. Leva a bordo, em viagem de cruzeiro, 209 passageiros, todos pertencentes à alta finança francesa, alemã e inglesa. Entre os financeiros, uma excepção: André Malraux, o grande escritor e político francês, que no entanto defendeu a sua augusta figura da aproximação dos jornalistas.

E o «Ville de Grasse» um navio de passageiros de características muito específicas. Nos seus interiores, o luxo casa-se com o bom gosto, o regalo visual, o ambiente repousante. Ultimo representante duma época que foi áurea na história da navegação marítima no tocante a unidades de transportes de passageiros, o «Ville de Grasse» traz consigo o espírito de Paris: lá está o «Jardin d'Hiver», o salão «Pigalle», o «Café Concerto». «Moulin Rouge» não viaja a bordo do «Ville de Grasse», talvez porque o ambiente nao se coaduna, mas há um ar Vangoguesco em certos painéis. E todo um universo de requinte, posto ao serviço de quem o possa usufruir. De qualquer modo, o «Ville de Grasse» representa mais do que um simples navio de passageiros: é um palácio, um recanto das mil e uma noites, para milionário descansar. Os seus camarotes têm tudo quanto há de facilidades privativas. Possui um cine-teatro, duas salas de baile, mais duas de convívio, livrarias, galerias, piscina e jardins.

Voltará no dia 5 de Maio a Portugal, noutra viagem de cruzeiro. Tem uma tripulação seleccionada, à frente da qual se encontram o comandante Martinie e Comissário Faure. O seu representante em Portugal é, como se sabe, a «Sociedade Comercial Orey Antunes, Lda.».

Totobola no Rotary

Na habitual reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa, o dr. Correia da Fonseca, director do Totobola, dissertou longamente sobre as apostas mútuas desportivas, tendo esclarecido, nomeadamente, que na Europa apenas dois países (a França e a Albânia) não dispõem de organizações do género. Referiu, por outro lado, o benefício de um milhão e seiscentos mil contos proporcionado pelo Totobola ao fomento desportivo e à assistência de reabilitação de diminuidos físicos.

CASAS DO POVO

Alvarás do subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência criam as Casas do Povo de Castro Verde, Mértola e S. Miguel do Pinheiro, ficando assim completo o processo de cobertura do distrito de Beja.

ACORDO

O embaixador de Portugal em Ottawa, dr. Salvador de Sampaio Garrido, e o secretário de Estado para os Assuntos Externos do Canadá, sr. Mitchell Sharp, assinaram, naquela cidade, um acordo por troca de notas tendentes a fixar as condições em que os barcos portugueses poderão exercer, no futuro, as suas tradicionais actividades de pesca nas águas territoriais e zonas de pesca canadiana.

F.A.O.

O ministro Rui Patrício, dos Negócios Estrangeiros, visitou a sede da Comissão Nacional da F.A.O., onde foi recebido pelo dr. Cancella de Abreu e demais membros da instituição.

HOMENAGEM

O coronel Osório e Cruz, que durante mais de um ano comandou a P.S.P. de Lisboa, indo agora assumir as funções de inspector na mesma corporação, foi alvo de homenagem durante a qual falaram o primeiro comissário Cândido Morais e o major Matoso Ramalho.

DL de ONTEM para HOJE

COLAR NA PARTE POSTERIOR DE UM POSTAL MODELO NORMAL DOS C.T.T.

JOGO DO GALO CONCURSO

SESSÃO nº 7

NOME _____

MORADA _____

IDADE _____ TELEF. _____

CORTAR

COLAR NO LOCAL DO ENDEREÇO

CONCURSO - JOGO DO GALO -
APARTADOS 3011 ou 3088
LISBOA

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

PRÉMIOS
CRÉDITO PREDIAL
DE TELEVISÃO 1972

já votou?

Já votou no melhor programa português de Televisão de Março ?
Qual foi, na sua opinião, o melhor programa apresentado este mês pela R.T.P. ?
A sua opinião é, para nós, muito importante e, para si, pode valer 15.000$00 !

ENVIE ATÉ AO PRÓXIMO DIA 3 DE ABRIL UM POSTAL PARA O CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS, RUA AUGUSTA, 237 - LISBOA - 2

COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA

Os escritórios desta Companhia fecham amanhã, às 12.30 horas e só reabrem na próxima segunda-feira, 3 de Abril às 9 horas.

Compre a

J. PIMENTA S. A. R. L.

ANDARES

OU

APARTAMENTOS

MOBILADOS

Preços desde 180 contos

Com 25 contos pode participar na modalidade de compropriedade e obter um bom rendimento

Informações:
Queluz — Edifício Sede
Av. António Enes, 25
Telef. 95 20 21

LISBOA
Pr. Marquês de Pombal, 15
Telef. 4 53 43 - 4 78 43

AS DIFICULDADES FÁCEIS

A falta de verba e as dificuldades burocráticas têm sido, desde sempre, as grandes explicações de porque não se fazem coisas, ou se fazem tarde, ou não se fazem nunca. Em todo o caso, reconheça-se que a frase «não há verba» tem um carácter incisivo, cortante, que desanima outras indagações ulteriores, porventura tendentes a saber porque não a há para isto, se a houve para aquilo, e porque se destinou a Pedro a verba existente, se Paulo estava mais necessitado... Não há verba, não há perguntas...

Já as dificuldades burocráticas representam mistério bastante mais emaranhado. De sua natureza vagas, difusas, protegem-se por trás da própria vaguidade, esperançadas que a entrevisão do labirinto dissuada os mais curiosos. E em geral assim acontece: as dificuldades burocráticas são pau-para-toda-a-colher, ao ponto de já se sobreporem, em importância, à tradicional falta de verba...

Tivemos agora nova amostra do efeito retardador da burocracia, continuando, no entanto, ignorantes das razões do retardamento. A propósito de uma próxima exposição de seiscentos objectos produzidos por povos africanos de Angola, Guiné, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé, foi anunciado que as 21 000 peças que constituem a colecção geral se encontram deficientemente instaladas em dois andares do Palácio Vale Flor, na Rua Jau. Este seria apenas um dos mil casos de serviços públicos mal instalados, se não se desse a curiosa circunstância de já existir verba para a construção de um edifício que reúna, em condições museològicamente correctas, o espólio existente. Por desgraça, acrescentou-se, essa construção tem esbarrado numa série de dificuldades burocráticas (cá estão elas!) de que não se vê o fim...

Deste modo, restar-nos-ia a todos lamentar que assim seja, pedir desculpa a estudiosos nacionais e estrangeiros pelas más condições de trabalho que os esperam, pelo catálogo inacessível, pela arrumação precária — por tudo quanto diminui um museu, seja qual for a riqueza artística e cultural que contenha. Existe dinheiro para construir um edifício apropriado e existem as dificuldades burocráticas. Nada mais.

Cremos, porém, que não será censurável curiosidade formular umas tantas perguntas que desdobrem mais inteligìvelmente essas dificuldades. Por exemplo: Há terreno? Há projecto? Se há terreno e projecto (verba já sabemos que há) que razões burocráticas são estas que se opõem à construção? Será o caso de conflitos de competência entre departamentos administrativos, ciosos de prerrogativas e tradições? Estas são algumas das perguntas que o leitor interessado não deixará de fazer — e ninguém lhe poderá levar a mal que as faça...

Por tudo isto nos parece indispensável que, não havendo segredos do Estado a revelar (e não os há, decerto, em matéria tão pacífica), a referência a dificuldades burocráticas seja imediatamente acompanhada de explicação pormenorizada do teor dessas dificuldades, de modo que o público colha das entidades responsáveis algo mais que uma alusão fugidia, e talvez constrangida, às barreiras que se opõem ao caminho do trabalho útil.

A toda a hora se fala de informação, de responsabilização, de dinamismo, de vontade de progresso. Nada disto ultrapassará o simples estatuto de palavras se não for acompanhado de comprovação sistemática. Falar de dificuldades burocráticas é fácil de mais como justificação: melhor seria falar fàcilmente, mesmo se as matérias são difíceis...

Prever e conceder

Se dissermos que o subsecretário de Estado da Saúde e Assistência visitou Aveiro, os leitores menos atentos ao elenco ministerial cuidarão que essa visita foi feita por um homem, uma vez que de homens se compõe quase todo o Ministério. Dizemos quase todo porque, precisamente neste caso, o subsecretário é subsecretária... Afigura-se-nos que a função deveria ser desmaculinizada, antes mesmo que outras mulheres ocupem cadeiras ministeriais.

Não é, porém, tão pequeno problema gramatical que motiva esta nota. A nossa atenção foi atraída pelo facto de a dr.ª Maria Teresa Lobo ter atribuído subsídios no valor total de mais de mil contos, e de ter feito essas concessões à medida que ia visitando sucessivos estabelecimentos de assistência. À primeira vista, poder-se-á julgar que nada se conhecia das necessidades desses estabelecimentos e que estas só se revelaram no decorrer da visita. Claro que não é assim. Tais necessidades eram já conhecidas, os subsídios iam já na pasta da subsecretaria de Estado, e até poderiam ter sido despachados de Lisboa... Mas é inegável que estas viagens são de proveito.

Do nosso ponto de vista, contudo, o que mais importância teve foi a declaração do provedor da Misericórdia de Aveiro, segundo a qual o hospital distrital teria sido programado para um número de camas que em 1980 já não satisfará as necessidades mínimas... Isto sim, não pode ser despachado em viagem, e exige uma capacidade previsional que se tem mostrado claudicante...

Aquecer e aprender

Aquela nacional tendência para um espartanismo mal compreendido que fazia das nossas casas, escolas e lugares de trabalho prolongamentos dos dois pólos, tende a extinguir-se. Aceita-se hoje que não dá saúde nem a conserva tiritar de frio diante de um quadro preto, sentir os dedos engadanhados, incapazes de segurarem o lápis das contas ou a caneta da caligrafia apurada. Já se vai reconhecendo que não há alegria possível numa sala de aula tão fria como o interior de um frigorífico...

Está agora em execução um plano de aquecimento das escolas primárias das regiões mais frias do País,e através dele foi recentemente concedido um subsídio ao Governo Civil de Viseu, relativamente a todos os edifícios do ensino primário daquele distrito. Bom será que os outros distritos venham a ser contemplados em tempo útil, e que, sobretudo, não se adopte a falsa ideia de que há distritos em Portugal cujas escolas dispensam o aquecimento no Inverno. Foi num liceu de Lisboa que um professor pediu desculpa aos seus alunos por ter o direito de conservar as luvas calçadas, enquanto eles tinham de sofrer o frio na pele nua - e as frieiras. O mesmo professor decidiu um dia participar do sacrifício dos rapazes e entrar na aula já sem luvas, com um frio de gelo na atmosfera. Foi aplaudido. Maneira de aquecer as mãos, evidentemente...

Será bom que estes episódios passem definitivamente à história. Por muito pitorescos que possam ser os atrasos aos olhos de quem confortàvelmente vive, melhor é parecer desinteressante do que subdesenvolvido... E agora importa menos saber quantas escolas já têm aquecimento do que quantas não o têm ainda...

BRASIL/ 72

UMA IMPRENSA DE CLASSE

Os mais importantes jornais brasileiros são, actualmente, «O Estado de São Paulo», o «Jornal do Brasil» e «O Globo». São importantes não apenas pela sua solidez económica, mas também por formarem opinião.

Por ARMINDO BLANCO

A imprensa popular opinativa desapareceu. A «débacle» mais notada foi a da cadeia de jornais «Última Hora», de Samuel Wainer. Havia uma «UH» no Rio, outra em São Paulo, outra em Minas Gerais, outra no Estado do Rio, outra no Paraná e ainda uma sexta em Pernambuco. A primeira foi a do Rio, que apareceu quando Getúlio Vargas voltou ao poder pela via eleitoral. O jornal dispunha de ampla cobertura financeira do Banco do Brasil e este foi um dos escândalos que, explorados sensacionalmente por Carlos Lacerda, levariam o presidente Vargas ao suicídio no Palácio do Catete. A «UH», que parecia condenada à asfixia económica depois da morte do seu patrono, conseguiu, porém, vencer as pressões e expandir-se à escala nacional no Governo do dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, atingindo o apogeu sob o «janguismo».

«UH» reflectia o espírito populista-demagógico de Samuel Wainer, aliás jornalista excepcional. Misturava hàbilmente as matérias de conteúdo político e trabalhista com ampla cobertura desportiva e policial, apresentando ao mesmo tempo o melhor conjunto de colunistas da imprensa brasileira, de Otávio Malta a Stanislaw Ponte Preta passando por Nelson Rodrigues e António Maria.

No plano nacional, oferecia curiosas cambiantes de engajamento: no Rio era porta-voz quase oficial do Partido Trabalhista de João Goulart, em São Paulo aproximava-se mais do reformismo de Carvalho Pinto, o banqueiro que sucedeu a Jânio Quadros no Governo paulista. No Recife, «UH» ligou a sua sorte à de Miguel Arrais, um socialista que o próprio Jango hostilizava, enquanto no Paraná manteve sempre o melhor entendimento com os governadores da linha democrata-cristã, Ney Braga e Paulo Pimentel. No Rio Grande do Sul, começou por apoiar Leonel Brizzola quando este foi governador, mas rompeu com ele quando o cunhado de Jango, então deputado federal, assumiu um radicalismo que não excluia, inclusivé, a eventual luta armada.

Hoje, após alguns anos de exílio na Europa, Samuel Wainer dirige no Rio um semanário ilustrado dos gráficos Bloch. A «UH» carioca pertence agora ao mesmo grupo de empreiteiros que há cerca de três anos adquiriu o controlo do «Correio da Manhã» e a «UH» paulista foi incorporada pelo grupo das «Folhas». As restantes edições estaduais fecharam as portas.

No quadro geral da imprensa brasileira, «UH» desempenhou significativo papel como propulsora de um desenvolvimento técnico e jornalístico que depois se generalizou. Jornais conservadores nas ideias e no aspecto gráfico como «O Globo», o «Estado de São Paulo» e o «Jornal do Brasil» apressaram-se a acompanhar a dinamização que «UH» introduziu e que reflectia o espírito novo de um país capaz de construir uma capital em pleno sertão no exíguo quatriénio de um mandato presidencial.

Politicamente, «UH» definia-se como jornal «nacionalista», votado à defesa da preservação em mãos brasileiras das riquezas minerais e à denúncia permanente e agressiva dos interesses estrangeiros, apontados à opinião pública como travão aos anseios de emancipação económica do país. O apoio à luta em prol do monopólio estatal do petróleo foi um dos aspectos mais marcantes dessa orientação caracterizadora do jornal.

No breve consulado do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco operaram-se modificações profundas na política económico-financeira traçada pelo mais destacado ministro do regime anterior, o economista Celso Furtado, hoje professor universitário nos Estados Unidos. O Embaixador Roberto Campos, que ocupou a pasta do Planeamento, obteve «status» de todo-poderoso primeiro ministro. Foram revogadas as leis janguistas sobre a remessa de lucros, deram-se amplas garantias ao investidor estrangeiro. A cooperação externa, nos planos tecnológicos e financeiro , foi considerada vital para o desenvolvimento brasileiro. O actual Ministro da Fazenda, Delfim Neto, criador de um aperfeiçoadíssimo aparelho fiscal, apregoa o sucesso dessa política, que levou o país a um desenvolvimento global que ronda os 11 por cento ao ano.

Coerentes com as suas ideias tradicionais, o «Estado», «O Globo» e o «Jornal do Brasil» tornaram-se os arautos desta mudança de 180 graus, que fundamentalmente consistia no estímulo à iniciativa privada, na sacralização do lucro e na rigorosa contenção salarial, bem como na total «abertura dos portos» aos investimentos internacionais. Sobre estes pontos os três grandes jornais estiveram sempre de acordo, como pode ser observado na frequente coincidência dos seus pontos de vista editoriais. No plano político, todos procuram manter igualente uma certa independência na informação. De modo geral, para além das restrições impostas pelo Acto Institucional n.º 5, não há manipulação da notícia. A classe média brasileira, a que estes jornais se dirigem, não toleraria a informação subserviente.

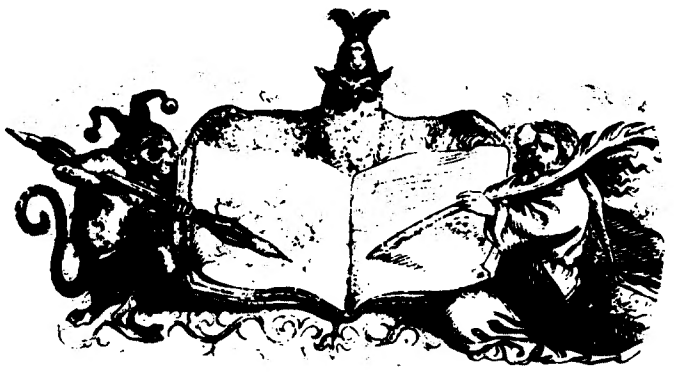
Tècnicamente, qualquer destes jornais tem nível internacional e reúne em seus quadros profissionais de primeira ordem. O jornalismo no Brasil deixou de ser, há muito, uma profissão para quem não sabe fazer mais nada. Editores centrais como Alberto Dines, do «Jornal do Brasil», Cláudio Abramo, da «Folha de São Paulo», ou Reinaldo Jardim, autor do novo esquema gráfico lançado em 1958 pelo primeiro destes grandes matutinos, são homens que poderiam desempenhar funções de chefia em qualquer grande diário de Nova York, Londres ou Paris. Para eles, o ofício não é apenas um serviço público com as suas regras e a sua ética, mas também e sobretudo o prazer diário da criação, a busca incansável de novos métodos, a prospecção constante da eficácia no diálogo com o leitor, nesta era da informação audio-visual. Cada número do jornal, como diz Cláudio Abramo, é apenas mais uma «batalha perdida»: a do dia seguinte representa uma esperança de acerto sempre renovada, na qual toda a capacidade, imaginação e fervor devem ser empenhados desde o momento em que o pequeno exército de redactores, repórteres e colunistas entra em campo.

Trabalhei com vários destes jornalistas e posso dar testemunho do seu talento e do espírito democrático com que exercem a profissão e o convívio. Trabalhei, também, sob as ordens de um espantoso capitão de imprensa, Roberto Marinho, que transformou «O Globo» na colossal potência que é hoje. Roberto Marinho é um jóvem de quase 70 anos que ainda pratica a pesca submarina e que, dirigindo simultâneamente um grande jornal, várias estações de TV, uma cadeia de mais de 90 emissoras de rádio e numerosas indústrias, continua a ser o primeiro homem a entrar na redacção e o último a sair. Ele é tudo em «O Globo»: director, redactor-chefe, editorialista, administrador, mestre de repórteres e de paginadores. Recebe um ministro e em seguida chama um repórter para discutir com ele uma reportagem feita ou a fazer. Logo de manhã compara o seu jornal com os outros: não admite que se falhe uma notícia, quer saber porque não se deu determinada foto ou telefoto, está sempre a corrigir e a dinamizar a estrutura redactorial. Uma vitalidade verdadeiramente incrível.

Quando, logo depois de 1964, o ministro Juracy Magalhães, da Justiça, convocou os directores de jornais para propôr maior vigilância sobre as tendências ideológicas dos redactores, Roberto Marinho reagiu com a habitual veemência:

— No meu jornal mando eu e trabalha quem me convier profissionalmente. Para que isto mude, vão ter que tirar-me da direcção de «O Globo».

Até hoje, Roberto Marinho continua a dirigir «O Globo». O que significa que as coisas não mudaram.



SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS

prémios escolares

D. DINIS

OITAVO ANO DA SUA ATRIBUIÇÃO PELA SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS DE ACORDO COM A PORTARIA N.º 20 332 DE 20 DE JANEIRO DE 1964

ANO LECTIVO 1970-71

ENSINO SUPERIOR

FAC. DE MEDICINA — UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Dr. José Baptista Geraldes

INST. SUPERIOR ECONÓMICO E SOCIAL — ÉVORA
Manuel Luís Abronhosa e Sousa

FAC. DE MEDICINA — UNIVERSIDADE DE LISBOA
Maria Guadalupe Carreiro da Silva Salta

INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA
Jorge Manuel Martins Soares David

INST. SUP. CIÊNCIAS ECONÓMICAS E FINANCEIRAS
José Manuel Veloso de Sousa

INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO
Maria Manuela Xavier de Basto de Oliveira

ENSINO MÉDIO

ESC. DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE COIMBRA
Florbela Esteves Fernandes de Matos

ESCOLA DE REGENTES AGRÍCOLAS DE COIMBRA
Francisco Costa Lourenço Vaz

INSTITUTO INDUSTRIAL DE COIMBRA
Eduardo Sales Silvestre do Amaral

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE ÉVORA
Maria Lucília Banza Pereira

ESCOLA DE REGENTES AGRÍCOLAS DE ÉVORA
João José Ferreira

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE FARO
Maria Paz Aleluia Paquete

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DA GUARDA
Maria Isabel Catrinacho Afonso

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE LEIRIA
Ana Maria Tomás dos Santos da Silva

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE LISBOA
Maria Filomena Correia Jota

INSTITUTO COMERCIAL DE LISBOA
Manuel Eduardo Martins

INSTITUTO INDUSTRIAL DE LISBOA
José Fernando Martinho do Carmo

ESC. DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE PORTALEGRE
José de Almeida Garraio

ESCOLA DE REGENTES AGRÍCOLAS DE SANTARÉM
Maria Bárbara Mendes Costa

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE VISEU
Maria José Lopes Duarte Rebelo

ENSINO SECUNDÁRIO

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE AVEIRO
Jaime Baptista de Figueiredo

LICEU NACIONAL DE AVEIRO
José Alberto Alves da Silva Valente

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE BEJA
Domingos António Melão

LICEU NACIONAL DE BEJA
Maria da Graça Martins da Silva Carvalho

ESC. INDUST. E COMERCIAL DE CASTELO BRANCO
Carlos Alberto Pires Salvado

LICEU NACIONAL DE CASTELO BRANCO
João Carlos de Andrade Marques Graça

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL BROTERO
Maria João Neves Pimentel

LICEU NACIONAL INFANTA D. MARIA
Maria Teresa Braga Paixão Almeida Leitão

LICEU NORMAL DE D. JOÃO III
António Manuel de Oliveira Gomes Martins

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE ÉVORA
Vítor Augusto Brinquete Bento

LICEU NACIONAL DE ÉVORA
Maria Cesaltina Ferreira das Almas

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE FARO
Américo Adelino Ramos

LICEU NACIONAL DE FARO
Maria Adelaide Neto Mascarenhas Pacheco

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DA GUARDA
António de Almeida Pereira

LICEU NACIONAL DA GUARDA
José Acácio Alves Lourenço

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE LEIRIA
Joaquim Ley Garcia

LICEU NACIONAL DE LEIRIA
João Júlio Leal Ribeiro Lopes

ESCOLA DE ARTES DECORATIVAS ANTÓNIO ARROIO
Carlos Manuel Trancoso Botica

ESCOLA COMERCIAL FERREIRA BORGES
Maria Fernanda Campos Monteiro

ESCOLA COMERCIAL DONA MARIA I
Anabela Flor Duarte

ESCOLA COMERCIAL PATRÍCIO PRAZERES
Antónia da Ascensão Rato

ESCOLA COMERCIAL VEIGA BEIRÃO
António Mendes Pato

ESCOLA INDUSTRIAL AFONSO DOMINGUES
Pompílio Antunes Lourenço

ESC. IND. E COMERCIAL DONA LUÍSA DE GUSMÃO
Maria do Rosário Oliveira da Costa Franco

ESCOLA INDUSTRIAL FONSECA BENEVIDES
José Andrade Garcia da Cruz

ESCOLA INDUSTRIAL JOSEFA DE ÓBIDOS
Maria do Céu Figueira Manteigas

ESCOLA INDUSTRIAL MACHADO DE CASTRO
Carlos Florindo dos Anjos Baptista

ESCOLA INDUSTRIAL MARQUÊS DE POMBAL
Amândio Simões

LICEU NACIONAL DE CAMÕES
Pedro Manuel Marques Fernandes

LICEU MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO
Maria Helena Baptista Manso Ribeiro

LICEU NACIONAL D. FILIPA DE LENCASTRE
Maria Isabel Patrício de Sousa Moutinho

LICEU NACIONAL DE GIL VICENTE
José Manuel Morais dos Santos Pais

LICEU NACIONAL DE D. JOÃO DE CASTRO
José Manuel Serra Herdade

LICEU NORMAL DE PEDRO NUNES
João Manuel Martins Barreira

LICEU PADRE ANTÓNIO VIEIRA
José Manuel Trindade Neves Adelino

LICEU PASSOS MANUEL
Pedro Manuel Lopes de Araújo

LICEU RAINHA D. AMÉLIA
Maria Ermelinda de Almeida Santos

LICEU NACIONAL DA RAINHA DONA LEONOR
Maria Teresa Nunes dos Santos Cochito

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE PORTALEGRE
Viriato dos Santos Dias

LICEU NACIONAL DE PORTALEGRE
António Manuel Assude Ferreira

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE SANTARÉM
António Jacinto Cordeiro

LICEU NACIONAL DE SANTARÉM
Carlos Manuel Gomes da Silva

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE SETÚBAL
José Manuel Paulo Fernandes

LICEU NACIONAL DE SETÚBAL
Paulo Rui dos Santos Reisinho Valdez

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE VISEU
José Manuel Carvalho Pereira Guedes

LICEU NACIONAL DE VISEU
Maria Teresa Coelho Dias Arede

LICEU DE D. PEDRO V
Rui Manuel de Andrade Dias da Rocha

estes são alguns dos melhores alunos de Portugal

CINEVOZ-01-C.C.69

BADMINTON, A POBREZA CORAJOSA

Sabes o que é o badminton? Confessa que não sabes. Que, quanto muito, já ouviste falar, vagamente; já leste umas poucas linhas no teu jornal desportivo. Pois não percas a possibilidade de pôr em dia os teus conhecimentos: no dia 15 de Maio a Televisão Portuguesa vai transmitir em directo os campeonatos internacionais da modalidade que se realizam em Lisboa.

Até lá, «Momento Desportivo» deu-nos a ocasião de irmos aprendendo alguma coisa sobre o assunto. A mesa-redonda, constituída para o efeito, reunia Peggy Briche, campeã nacional; Francisco Lemos, vice-presidente da Federação; Henrique Pinto, presidente da Assemblei-Geral da Federação e José Bento, o melhor praticante lusitano da modalidade.

Logo de início, no intermédio de José Mensurado, ficámos a saber que o **badmington** é modalidade três vezes pobre: em jogadores, em público, em clubes. Num país de desporto pobre, nem se pode dizer que seja anormal: mas se atendermos a que o **badmington** se considera pobre tomando como padrão uma situação de pobreza autêntica, podemos já fazer uma ideia da penúria extrema a que chegou a modalidade.

Todos os participantes contribuiram à sua maneira para dar uma pincelada no quadro e torná-lo mais escuro. E no entanto desprendeu-se desta reunião uma saudável confiança nas potencialidades do **badmington** como um desporto capaz de interessar os jovens e os espectadores.

Quem assistiu à mesa-redonda compreenderá que se dê o maior relevo à intervenção de Henrique Pinto, nesta sua segunda presença na televisão. Como se costuma dizer, Henrique Pinto não tem papas na língua. Fala direito e firme, olhos nos olhos. Com mil **volantes**! Se o **badmington** tempera, deste modo, o carácter e as palavras, então a protecção à modalidade é medida urgente e de interesse nacional.

Ouvimo-lo denunciar o interesse que o público e as entidades oficiais manifestam ùnicamente pelo desporto-espectáculo; ouvimo-lo apontar o nome de um dos culpados pela decadência do badmington: a Direcção-Geral dos Desportos; ouvimo-lo em referências aos reitores dos liceus que não permitem a prática do badmington; ouvimo-lo protestar contra o facto de se ter de pagar a utilização dos ginásios escolares, quando se encontram devolutos (já antes o professor Francisco Lemos nos dissera que a Federação gasta metade da sua verba no pagamento do aluguer de ginásios!), protesto fundamentado num argumento sem apelo:

com que direito os organismos oficiais dificultam a vida aos clubes que se dedicam a tarefas que deviam lògicamente competir... aos organismos oficiais?

Henrique Pinto voltou a ser espectáculo, embora sem assumir atitudes espectaculares. Foi simples, directo, incisivo. Para mais, ter razão é uma grande força. Na televisão, como na vida, o grande espectáculo consiste em estar senhor da verdade e saber servi-la com inteligência e com entusiasmo.

Com um homem simples e desinibido chamado Henrique Pinto, o **badmington** perde o seu carácter de desporto pobre, pois conquista o direito a servir de espelho à verdadeira situação desportiva do País:

OS POMBOS DA HERDADE

E OS TOMBOS

DO PROGRAMA

Não houve problemas?

Sim, houve.

Problemas de pombos. De pombos torcazes. Problemas? Com estes problmas podemos nós bem. Pois então vamos lá passar um bocado de tempo a falar dos pombos torcazes... Isto é o diabo é quando mete gente no caso. Gente viva. Gente com o tempo nas mãos, no rosto, nas palavras. E nos silêncios, também. Gente que sobe lá do fundo da sua solidão para nos fitar, para mais nada senão para nos fitar. Só com isso acontece uma perturbação incómoda. A cadeira onde nos sentamos tem pregos. Acordamos ao safanão da realidade daqueles olhos, daqueles rostos, daquelas presenças que nos dizem: nós somos tu e tu não o sabias...

Isso é, posso dizê-lo, de fazer tremer. Agora os pombos...

Não, meus amigos. Não tenho nada contra os pombos, torcazes ou outros. Lamento até que não existam, em Portugal, estudos sobre a sua nocividade. Ou vocês pensavam que éramos pobres só no badmington? Em Portugal, desde o século XII que nos dedicamos em força aos problemas sim, mas do coração! Olhamos tudo com olhos mansos. Somos uns colíricos.

Isso está bem é para os ingleses. Os ingleses, minhas senhoras e meus senhores, sabem tudo a respeito dos pombos torcazes. Tudo. Sabem que comem à velocidade de 60 a 100 bicadas por minutos; sabem que ingerem, diàriamente, 50 gramas de comida, o que equivale a 35 mil partículas alimentares; sabem que dão ao país um prejuízo anual da ordem dos 81 mil contos; colocados nos Pirenéus (até onde chega a coscuvilhice destes fabianos!) verificaram que nuvens de pombos se transferem para a banda de cá na proporção dos 6 mil por hora, voando a uma altura de 2 mil metros.

Quanto a nós, o que se sabe é que cada torcaz come aí umas 20 bolotas de azinheira ou sobreiro. Não se poderá dizer que sejam estes pombos que levem o país à ruína.

Os pombos. O problema da caça aos pombos. Momento de repouso na rúbrica «A Terra, o Mar e a Gente». Hélder Mendes conversa sobre pombos com os engenheiros agrónomos José António Ferreira Lima e João Filipe Flores Bogalho, a quem devemos as informações que ilustram a crónica de hoje.

Soubemos mais coisas.

O engenheiro José António Ferreira Lima, administrador da Herdade do Pinheiro, contou-nos que nesta herdade se caçaram, nos últimos quatro anos, quatro, seis, oito e 12 mil pombos. Grande matança? Nada disso. O abate representa menos de um por cento das aves que se refugiam no «Pinheiro». Isto quer dizer que só na Herdade do Pinheiro se acoitam cerca de seis milhões de pombos!

Como se consegue atrair tão grande massa de pombos? Do modo mais simples: dando aos pombos condições de vida e tranquilidade. Ali, há calma. Os pombos podem passar uma noite repousada, podem beber à vontade. Tranquilos. Ganham confiança. E mais do que uma herdade: é um «Santuário». Quase como se estivessem na casa deles. De repente, é o estoiro. Os estoiros. E aí estão eles a cair como pombinhos, depois de terem «caído» que nem os patinhos.

Por causa deste «Santuário» é que no concelho de Alcácer do Sal se mata cerca de metade de todos os pombos abatidos no país!

Pombos. Os pombos.

Pobres dos pombos.

Pobres de todos os pombos que acreditam nos «santuários». Estão muito descansados, bebem a sua auguinha, comem a sua bolota, bebem até mais auguinha do que deviam, comem até mais algumas bolotas do que deviam, pensam que, finalmente, já podem bater as asas livremente e de repente têm uma carga de chumbo no pote das migas.

Pois é verdade. «A Terra, o Mar e a Gente» em regime de dieta, insiste nos pombos torcazes. Cuidado, cuidado com a superstição: programa de pombos, programa de tombos...

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Valente Marques, «Tabacaria Marques» — ALCABIDECHE

Prémios de teatro da Casa da Imprensa

A Casa da Imprensa atribuiu ontem os seus prémios de teatro referentes ao ano de 1971, após reunião do júri constituído pelos críticos Manuela de Azevedo (do «Diário de Notícias»), Helena Sá Mesquita (de «A Capital»), Urbano Tavares Rodrigues (de «O Século»), Manuel Magro (do «Diário Popular»), Fernando Midões (da revista Rádio e Televisão»), Orlando Neves (da «República») e Carlos Porto (do «Diário de Lisboa»), secretariado pelo jornalista Fernando Dacosta em representação de Casa da Imprensa.

— Por maioria, o júri resolveu não atribuir o **Prémio de Conjunto**;

— Por unanimidade, decidiu saudar o aparecimento do novo agrupamento «Teatro-Laboratório de Lisboa, Os Bonecreiros», pelas perspectivas que abre ao teatro profissional;

— Mais uma vez não atribuiu, por unanimidade, o **Prémio de Autor**, voltando a lamentar que se mantenha a situação que impede a apresentação dos melhores originais portugueses;

— Por maioria decidiu criar o **Prémio do Melhor Espectáculo** atribuindo-o, também por maioria, a «Ivone, Princesa de Borgonha», realização da companhia do Teatro Experimental de Cascais;

— O **Prémio de Encenação** foi atribuído por maioria a Carlos Avilez e a Jorge Listopad, exaequo, respectivamente pelos seus trabalhos em «Ivone, Princesa de Borgonha» e «O Fim».

— Por maioria, deliberou atribuir, ex-aequo, o **Prémio de Interpretação Feminina** a Manuela de Freitas e a Glória de Matos pelas suas interpretações, respectivamente, em «O Fim» e «Quem Tem Medo de Virginia Woolf?». E o **Prémio de Interpretação Masculina**, também exaequo, a Rui de Carvalho e a António Montez pelas suas criações em «O Santo e a Porca» e «A Capital»;

— O **Prémio de Revelação** foi concedido por maioria a Graça Victória pela sua interpretação em «O Santo e a Porca»;

— Por maioria distinguiu Ruy Mesquita com o **Prémio de Cenografia** pelo seu trabalho em «O Fim».

— Ao atribuir três prémios ex-aequo, o júri fundamentou-se no facto da nossa reduzida actividade teatral tornar difícil distinguir aqueles que se evidenciam do nível geral, pelo que considerou justo estimulá-los.

TEATRO DE REVISTA

— Por unanimidade, o júri concordou em atribuir a «Saídas da Casca» o **Prémio da Melhor Revista** de 1971;

— Por unanimidade resolveu conceder o **Prémio de Melhor Interpretação Feminina** a Aida Baptista pelas suas criações em «Saídas da Casca». E por maioria concedeu o **Prémio de Melhor Interpretação Masculina** a Rui Mendes pelo seu trabalho em «Saídas da Casca»;

— Uma vez mais por maioria, o júri atribuiu o **Prémio de Cenografia e Figurinos** a Pinto de Campos pela sua comparticipação na revista «Saídas da Casca».

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa
3.º MÊS
HOJE, 2 SESSÕES
às 21 horas
e às 23 horas
O Tartufo
RAUL SOLNADO
e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTEMOR
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de "Dorina"
DIVERTIDÍSSIMO !!!
M/18 anos

TEATRO • tel 326037
VARIEDADES
VASCO MORGADO
APRESENTA
à noite: 21.45 h.
DE RAY COONEY
E JOHN CHAPMAN
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
7.º MÊS
Empresta-me o Teu Apartamento
Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO
Encenação de VARELA SILVA
DOMINGO: à tarde, às 16 h.

TEATRO
LAURA ALVES
TEL 864756
VASCO MORGADO
APRESENTA
à noite, 21.45 h.
Domingos à tarde, 16 h.
UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA
DE EDWARD ALBEE
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
4.º MÊS
Quem tem medo de Virgínia Woolf?
Com JACINTO RAMOS, GLÓRIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUÍS MATA
Encenação de JOÃO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro
50 % de desconto aos estudantes benefício da Fundação Gulbenkian

TEATRO
CAPITÓLIO
TEL 327423
GIUSEPPE BASTOS
e VASCO MORGADO
apresentam
em 2 sessões, às 20.45 e 23 h.
A ORIGINALÍSSIMA REVISTA POPULAR
ORA BOLAS P'RO' PAGODE!
com
JOSÉ VIANA — LÍGIA TELES
BARROSO LOPES — DORA LEAL
A atracção nacional
CIDÁLIA MOREIRA
GARLOS MIGUEL — MARIANO FRANCO — DINA MARIA — EDUARDO VILAVERDE
e pela primeira vez no «compère»
CARLOS GONÇALVES
GRUPO D — M/ 18 ANOS
AOS DOMINGOS À TARDE
Às 16 HORAS
3.as Feiras, descanso da companhia

NOVO CASINO ESTORIL
SLOT MACHINES
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS
SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15
ÀS 3 HORAS
ELAINE DELMAR
VEDETA DA RÁDIO E DA TV INGLESA
SEGURA BROTHERS
ORIGINAIS ANTIPODISTAS
VITÓRIA MARIA
COM RAUL SILVA NOBRE COSTA
HIGH SOCIETY BALLET
"NUEVOS AMIGOS" "OS MOZAMBEAT'S"
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA
PATT SÓ NO WONDER BAR
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

Luz sobre Xavier Ribalta

Uma das tarefas a que sinceramente gostaríamos de dedicar algum tempo, seria a de divulgar de forma sistemática alguns dos nomes mais representativos da música que neste momento se faz em terras de Espanha. Sentimo-nos para tanto estimulados, pelas visíveis afinidades de carácter sócio-político existentes em relação à música portuguesa e pela qualidade poética de alguns temas que por lá se cantam. Dificuldades, entretanto há muitas: os problemas de acesso à produção de certos cantores, especialmente os da Catalunha, e uma preocupação flagrante, a nível oficial, de não deixar circular certo tipo de música, com receio de que se instaurem perigosas «heresias». Engana-se, porém, quem assim pensa, pois a música de que falamos, seja qual for a sua coloração, serve bàsicamente para dignificar a experiência musical de um país e não para a comprometer.

Assim, temos vindo a falar, irregularmente, de um punhado de cantores de Espanha, cujo desconhecimento, por parte do público português, é tão triste quanto compreensível. Pese embora o esforço de programas como o «Tempo Zip», que têm tentado criar no público auditor uma nova mentalidade de ouvir rádio, nomes como os de Raimon, Pi de la Serra, Maria del Mar Bonet e outros, não foram ainda ouvidos entre nós. E é pena, pois apesar de utilizarem o catalão como instrumento de expressão, a força e a intenção do que cantam deixa de ser perceptível.

Contrariando um processo imposto pelos séculos, a música consciente que se faz em Portugal e em Espanha, em vez de cantar passivamente as grandes transformações sociais, pretende ser um agente activo delas, antecipando mudanças e propondo responsabilidades. Daí a singularidade deste processo que se desenvolve a nível ibérico, e para o qual chamamos a atenção de quantos se possam vir a interessar pelo assunto.

Ribalta (á esquerda) conversa com Luis Aragon

PARA FIXAR

Para além de Serrat de Paco Ibañez e de Paxi Andion que esteve agora alguns dias entre nós a gravar para «Pop 25», não são muitos os nomes que conhecemos. Neste caso encontra-se, por exemplo, Xavier Ribalta, um cantor da Catalunha a quem Vasquez Montalban dedica um interessante artigo no último número da revista «Triunfo».

Companheiro inseparável de Paco Ibañez e muito mais popular em França do que em Espanha, Xavier Ribalta que é também amigo do nosso compatriota Luís Cilia, acaba de editar um LP intitulado em catalão «Top L'enyor de Demà», cujo lançamento no mercado coincidiu precisamente com a inauguração de uma exposição do grupo Artigau subordinada ao título «Crónica Familiar». Assinalamos o facto, pois Artigau está de certo modo para a pintura catalã como Ribalta está para a música. A maneira como representam situações, (um gráfica e o outro musicalmente) assemelham-se bastante, se bem que em terrenos distintos: a atmosfera é sensìvelmente a mesma e as finalidades aproximam-se também.

CONTEÚDO

Do LP de Ribalta que foi auspiciosamente recebido pela crítica, constam alguns romances anónimos da Idade Média, poemas de Salvat Papasseit e de Joaquin Horta, e ainda uma canção de Apeles Mestres. O cantor pretendia ainda cantar poemas de Espríu mas o habitual «freio» impediu-o de o fazer logo à partida.

Acusado a principio por alguns críticos de «raimonismo», ou seja, de possuir grandes semelhanças interpretativas com o cantor catalão Raimon, Xavier Ribalta surge desta feita segundo diz Montalban, muito mais maduro e personalizado.

Conta para tanto com o auxílio dos poemas de Papasseit que possuem em regra uma grande densidade humana e vivencial.

De Horta diz-nos entretanto Montalban:

«Pertence na Catalunha ao equivalente à poesia social castelhana. Menos afortunado que outros companheiros de promoção os poemas de Horta dormiram um longo sono de dez anos até Ribalta os ressuscitar; a crise da poesia social foi a sua crise.»

Posto isto sugerimos: porque não se há-de partir, com algum esforço é certo, à descoberta desta música profundamente enraízada num tempo e num espaço político definidos. Se o fizermos chegaremos talvez à conclusão de que no fundo não são apenas as fronteiras que separam os homens e sim os que delas se servem para ocultar as suas fraquezas.

Conhecer hoje em dia a canção de «compromisso» que se faz em Espanha é ficar com meio caminho andado para perceber o que por cá se passa. O importante, afinal, até talvez nem seja conhecer a voz da Ribalta ou os poemas de Espríu: importante é perceber que a movimentação que se sente na música em Portugal é cada vez menos um caso isolado ou se preferirem um «acidente geográfico». Ainda bem.

JOSÉ JORGE LETRIA

Gala parisiense: Paco Ibañez, George Brassens, Luis Cilia Gerena e Xavier Ribalta

Vanessa na peça de Brecht e Weil há pouco estreada em Londres

Royal Film Show: Vanessa não foi

A actriz Vanessa Redgrave absteve-se de estar presente no Royal Film Show, certame anual do cinema, em que foi exibida a sua última película, por preferir passar o tempo com os seus filhos em casa. O «show», no qual, desta vez, estiveram presentes a rainha-mãe, a princesa Margarida e Lord Snowdon, é a mais célebre noite do ano para o cinema britânico. Apesar disso, enquanto todas as celebridades eram apresentadas aos reais convidados, a ausente Vanessa Redgrave afirmava aos jornalistas que foram entrevistá-la a casa: «Não há nada de extraordinário no facto de não ter comparecido. Os meus filhos estão de férias e, por isso, era justo que passasse o tempo com eles».

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

TEMPORADA DE CONCERTOS 1971/72 (3.° TRIMESTRE)

9 DE ABRIL — DOMINGO — Às 16 h.
10 DE ABRIL — SEGUNDA-FEIRA — Às 21.45 h.

Maestro: MANUEL IVO CRUZ
Solista: CHRISTA RUPPERT
SUITE DE S. PAULO — GUSTAVE HOLST
ABERTURA N.° 3 — JOLY BRAGA SANTOS
CONCERTO PARA VIOLINO — BRAHMS

28 DE ABRIL — SEXTA-FEIRA — Às 21.45 h.
30 DE ABRIL — DOMINGO — Às 16 h.

Maestro: MANUEL IVO CRUZ
Solista: DOMINGOS TANECO
ABERTURA «CONDESSA CAPRICHOSA» — MARCOS PORTUGAL
CONCERTO PARA TROMPETE — HAYDN
SINFONIA N.° 5 — TCHAIKOWSKY

22 DE JUNHO — QUINTA-FEIRA — Às 21.45 h.
25 DE JUNHO — DOMINGO — Às 16 h.

Maestro: MANUEL IVO CRUZ
Solista: SEQUEIRA COSTA
ABERTURA «A VINGANÇA DA CIGANA» — LEAL MOREIRA
QUINTETO, EM MI b M, K 407 — MOZART
CONCERTO N.° 2 PARA PIANO E ORQUESTRA — BRAHMS

6 DE JULHO — QUINTA-FEIRA — Às 21.45 h.

Maestro: DR. IVO CRUZ
Solista: DINORAH LEITÃO
SERENATA «EINE KLEINE NACHT MUSIK» — MOZART
2.° CONCERTO PARA PIANO E ORQUESTRA «LISBOA» — IVO CRUZ
SINFONIA DE AMADIS — IVO CRUZ

ÀS 21.45 H. — GRUPO B/MAIORES DE 10 ANOS
ÀS 16 H. — GRUPO A/MAIORES DE 6 ANOS

As duas rainhas

A rainha Isabel, mãe da soberana inglesa, fala animadamente com a actriz Glenda Jackson que no filme «Mary Queen of Scots» desempenha o papel de Isabel I. O filme teve a sua «premiére» no Odeon Theatre em Londres. Ao lado de Glenda estão o actor James Mason e a actriz italiana Claudia Cardinale que no filme desempenham igualmente importantes papéis.

Luís Tito regressa ao Brasil: "cá não me dão trabalho"

Luis Tito, actor brasileiro há vários anos radicado em Portugal, desiludido por um ambiente que o tem quase ignorado quer voltar ao Brasil.

Eis um pouco do «curriculum» do actor: Intérprete nas melhores companhias brasileiras, de autores como, Eurípedes, Goethe, Moliére, Shakespeare, Shaw, Schiller, Pirandello, Wilde, Lorca, Sartre, Anouilh, etc. Três medalhas de Ouro com «César e Cleópatra», «Fausto» e «Isabel de Inglaterra». Encenação e interpretação de «Anfitrião 38», de Giraudoux, em Buenos Aires em 1950, merecendo a citação de «uma das grandes realizações universais» pelo Instituto Internacional de Teatro. Estudou com subsídios e bolsas, um ano na Inglaterra, nove meses na Grécia, seis meses na Itália, um ano em França, sempre em contacto com escolas e companhias de teatro da Europa.

Luis Tito, quase sempre ausente dos palcos de Portugal, onde tem vivido teimosamente, sente-se no fim...

«Já não tenho nada a fazer em Portugal»

TEATRO

«Tenho pena que, quando precisamente chega a hora do verdadeiro grande passo para a Comunidade Luso-Brasileira, eu tenha de me ir embora. Tenho de reconhecer que fracassei em Portugal, que não fui aceite nos meios teatrais portugueses. E como não se pode viver sem trabalhar, das duas, uma: ou vou pedir esmola ou vou-me embora. Como não quero pedir esmola, então prefiro afastar-me de vez. Cheguei a esta conclusão. Como se sabe vim para Portugal com a companhia de Maria Dela Costa e depois com a companhia de Cacilda Becker. Eu era uma das primeiras figuras, entre grandes figuras do teatro brasileiro. Nessa altura, todos me acolheram bem e muito me elogiaram. Baseado nisto, quando o Vasco Morgado me convidou para ficar cá e trabalhar com a Laura Alves na «Margarida da Rua», fiquei muito entusiasmado e aceitei de braços abertos a oportunidade. O primeiro trabalho que tive numa companhia portuguesa, foi substituir João Villaret então doente nessa peça ao lado da Laura. Em três dias tive de decorar o papel e integrar-me no espectáculo, ao contrário do que me fora prometido, pois davam-me o tempo todo que quisésse para ensaios. Mas lá estreámos como se pôde e não sou responsável, portanto, pelo insucesso. Devo dizer que a Laura Alves, na estreia, chamou a atenção do público para este facto e pediu uma salva de palmas para o meu brio e sacrifício, eternamente grata pelo meu profissionalismo. A gratidão do Vasco Morgado (após o insucesso) fez com que... só sete anos depois voltasse a convidar-me para trabalhar para ele! Tinham-me aliciado com um contrato na companhia mas só volvidos sete anos se lembraram do combinado! A coisa é esquisita, mas paciência... «Como Vencer na Vida Sem Fazer Força», foi a comédia musical em que reapareci no Vasco Morgado. Talvez por não haver um actor português capaz de fazer esse papel, fui eu chamado... Depois, ainda, fiz «Duas Pernas... Um Milhão» e então se acabou! Ora, se o Vasco Morgado, que tem quase todos os teatros na mão, não me chama para trabalhar, não gosta de mim, então, realmente, não tenho nada a fazer aqui. Pensei, de início, que seria pelo facto de eu ser brasileiro, dos obstáculos do meu sotaque, etc., mas verifiquei que isso nunca foi criticado nem estranhado por ninguém, pois eu falava um português correcto, com sotaque, claro, mas límpida língua portuguesa. Estive em África, Angola e Moçambique e fiz, por lá, várias peças. O Vasco quis fazer um curso de teatro em Angola, que está agora a vingar, e foi ao Brasil procurar alguém para o dirigir, sabendo que eu estava cá, que tinha preparação para isso e, para já, conhecendo o meio angolano. Mas não me chamou. Então, na verdade, é porque não há nada a fazer».

«Em breve divulgarei um projecto ambicioso»

CINEMA

Quanto ao cinema, estou a fazer agora um filme com o António Vilar, um papel aliás muitíssimo bom e que os espanhóis que trabalham no filme acham óptimo para mim. Mas, quanto aos filmes portugueses, conquanto haja o recurso da dobragem e, portanto o papão do sotaque esteja fora de causa, também não me chamam... Sendo assim, o que me interessa cá?

Tirando o Vasco Morgado eu tive o desgosto, quando o Augusto de Figueiredo foi dirigir o Teatro da Estufa Fria e me escolheu para o seu elenco, de não ser aceite pela Câmara, pelo facto de ser brasileiro, logo estrangeiro. E agora, que parece que realmente os direitos de cidadão brasileiro são iguais aos dos portugueses e vice-versa, o Luis Francisco Rebelo teve nas mãos o Teatro Municipal de S. Luis e... O Luis Francisco é um dos maiores amigos que tenho em Portugal desde a primeira hora, ele e a sua mulher Mariana Vilar. Sempre foi impecável comigo e meu admirador... mas não me chamou. Não sei se foi imposição da Câmara por me continuar a considerar brasileiro e estrangeiro, ou se foi ele que não me achou com capacidade para ser integrado no seu elenco de actores. Ora, se o Vasco Morgado não me chama e os meus grandes amigos também não, então que estou eu a fazer em Portugal? Mas como continuo a gostar deste país, como sempre me apaixonei por ele (a minha mãe era portuguesa), eu lastimo profundamente, até por via da minha costela portuguesa... Mas estou há um ano sem trabalho e ainda não consegui receber o dinheiro de outras coisas que tenho feito por aí. Quero ver, pelo menos, se consigo o dinheiro para a passagem para o Brasil e se chego lá com um aspecto um pouco decente, não com ar de mendigo...

No entanto e apesar disto, ainda acalento um projecto para realizar no Brasil, que julgo ser uma ideia que pode servir maravilhosamente Portugal e, especialmente, a verdadeira língua portuguesa no Brasil! Este projecto, já o apresentei às autoridades portuguesas e outras entidades particulares e estou a envidar todos os meus esforços para o tornar realidade e o levar comigo para o Brasil, para o executar. Vamos a ver... Mais daqui a uns dias o revelarei, em pleno, ao «Diário de Lisboa».

"The Glass Menagerie"

«The Glass Menagerie» formou-se em Outubro de 1967. Os seus elementos, já profissionais noutros grupos há bastante tempo, juntaram-se com base em West London e começaram a actuar em diversos clubes como «The Marquee», «Speakeasy» e «The Bag of Nails». Gravaram para a «Pye» uma composição de Jagger/Richard (dos Rolling Stones), «She's a Rainbow», que tinha sido um grande êxito daquele conjunto em quase todo o mundo, mas foi reservado exclusivamente em Inglaterra para lançamento dos «Glass Menagerie».

Este grupo, cujo nome pouco vulgar foi inspirado na peça homónima de Tennesee Williams, é composto pelos seguintes elementos: Alan Kendall (guitarra); Steve Harrison (bateria); Keith O'Donnel (orgão e piano); John Medleyer (baixo, acompanhamento, vocais e piano) e Lou Stonebridge (harmónica, guitarra e baixo).

O som dos «Glass Menagerie» chegou, agora, a Portugal, em força. Será para ficar?

Transplantação do cérebro é tema de filme

A transplantação dum cérebro humano, que até agora ainda não foi realizada, é o assunto do novo filme de Jacques Doniol Valcroze (autor de «A Casa dos Bories») que se estreia esta semana em França. **Não se trata dum filme de ficção científica** - declara o realizador - **mas dum conto de fadas moderno cuja hipótese de partida não é senão uma técnica operatória de transplantação cerebral.** O filme do antigo chefe da «Nova Vaga» (foi um dos criadores dos «Cadernos de Cinema») conta a história de um neurólogo célebre, sexagenário, atingido por uma afecção cardíaca. A sua equipa utiliza o seu cérebro para enxertar no corpo de um jovem clìnicamente morto. A experiência resulta e o professor descobre uma vida, uma mulher, amigos, um trabalho. Reencontra, também, a sua esposa legal e a sua filha que se enamoram dele. O herói de «O Homem do Cérebro Transplantado» é, simultâneamente, Mathieu Carriere (o jovem) e Jean-Pierre Aumont (o professor).

VIAN E DYLAN EM DOIS LIVROS

Em França dois livros chamam neste momento a atenção da imprensa musical: «Les Chemins de Bob Dylan» de Alain Rémond, editado pela EPI e «Chroniques de Jazz» de Boris Vian. O primeiro dos trabalhos não surgiu ainda nos escaparates lisboetas mas o segundo com uma boa dose de sorte já pode ser encontrado em qualquer livraria razoável.

Bob Dylan, que após um largo período de silêncio e de abrandamento do ponto de vista político volta a concitar as atenções gerais com um disco onde se fala do assassínio de Jorge Jackson e uma participação no concerto para o Bangla Desh, na origem do exaustivo trabalho de Rémond.

Prefaciado por Michel Lancelot, íntimo amigo de Dylan e figura de primeiro plano na rádio francesa «Les Chemins de Bob Dylan», toma quase exclusivamente a parte textual das canções como centro da sua análise, ignorando os aspectos musicais, que, em relação á riquíssima personalidade de Dylan são tão importantes como as próprias palavras.

Rémond parece, com efeito, não estar disposto a aceitar como premissa a íntima relação existente entre música e palavra (como todo indissociável). Para ele o homem define-se pelo texto e pelas leituras que este sugere ou exige, assumindo o tecido musical um papel quase subsidiário.

Pese embora esta reserva em «Les Chemins de Bob Dylan» encontramos dissecado com grande inteligência e honestidade o itinerário poético do autor de «High Way 61 Revisited». Não é fácil a abordagem da obra de Dylan qualquer que seja o ângulo adoptado: a sua música sofreu ao longo dos anos modificações que por se encontrarem ligadas a importantes transformações de carácter social e ideológico só a longo prazo serão possíveis de análise.

Quase profèticamente, Dylan antecipa o pensamento de várias gerações: para tanto contribuem a música e as palavras em idêntica proporção. Valorizar uma coisa em detrimento da outra é arriscado.

Apesar de parcelar, o estudo de Alaian Rémond vale pela sua clareza e pela inteligente abordagem dos temas.

Marcado por um certo academismo e condicionado pela impossibilidade de reconstituir em francês a «corrente verbal» do autor de «Desolation Row», «Les Chemins de Bob Dylan» são um livro a ler atentamente.

«Chroniques de Jazz» é colectânea das excelentes crónicas escritas pelo malogrado Boris Vian durante alguns anos para a revista «Jazz Hot». A rigorosa selecção dos textos é da responsabilidade de Hugues Panassié, célebre e discutido presidente do Hot Clube de França. Simples e directa a lucidez do autor de «A Espuma dos Dias» surge-nos inteira neste livro, que a 10-18 propõe aos seus leitores habituais. Músico de Jazz, e detentor de uma visão extremamente dinâmica deste género músical, Boris Vian é uma das figuras mais fascinantes da cultura francesa neste século.

J. J. L.

BATALHA CAMPAL NA QUINTA DO LOURO

Às vezes um homem perde a cabeça por nada. Ou por motivos tão fúteis, que depois lhe roubam todo o poder da razão que julgou ter para praticar determinado acto. O arrependimento chega tarde e só há que sofrer as consequências do acto irreflectido.

Isto foi o que aconteceu ao sr. João Rosa da Cruz, de 30 anos, motorista de profissão, natural de Mira e residente numa «roullotte» estacionada na Quinta do Louro, na Charneca do Lumiar, junto à cantina ali existente. Por motivos de pouca monta, o sr. João Rosa da Cruz, pegou-se de discussão com o guarda da PSP, sr. Augusto dos Santos de Almeida, que não se encontrava de serviço. Era a 1 e 30 da madrugada de ontem. Decerto que o sr. João da Cruz não estava em si, pois acto contínuo começou a insultar o referido agente da polícia e outros dois indivíduos que o acompanhavam. Não tardou, porém, que a ira do sr. João da Cruz se transformasse numa ameaça perigosa, uma vez que se dispôs a empunhar uma pistola. Bem tentou o guarda acalmá-lo com palavras mansas, esquecendo-se até dos insultos recebidos. Mas o exaltado sr. João da Cruz não quis ouvir nada nem ninguém, acabando por disparar a pistola sobre o guarda, que ficou ileso por milagre. Os tiros, porém, foram atingir um indivíduo que o acompanhava, o sr. Elias Eufémio Francisco, casado, motorista, morador na Rua 11, porta 24, na mesma Quinta do Louro, ferindo-o no braço esquerdo e na mão direita.

Gerou-se em seguida uma desordem com trancada de criar bicho, em que intervieram vários dos moradores da Quinta do Louro. Ficaram feridos o próprio guarda da PSP, sr. Augusto dos Santos Almeida, com rasgão no couro cabeludo; Maria Carolina, de 37 anos, casada, doméstica; Araiana Antónia, de 70 anos; e o sr. João da Cruz, com ferimentos na cabeça e nos braços. Todos eles, incluindo o atingido a tiro, foram transportados ao Hospital de S. José, onde receberam tratamento. E todos voltaram a suas casas, menos o sr. João da Cruz, que seguiu para o Governo Civil, sob prisão. A PSP deteve ainda outros intervenientes na desordem. São eles: a sr.ª Maria da Conceição da Cruz, mulher do João da Cruz, que usou uma tranca de ferro para atacar quem calhava, sendo a principal causadora dos ferimentos acima citados; e Manuel da Maia, servente de pedreiro, de 17 anos, que com um tijolo atingiu na cabeça o guarda envolvido na desordem.

Os detidos vão ser enviados a tribunal.

OS LADRÕES «DESPIRAM» O PRONTO A VESTIR

O «pronto a vestir» tornou-se, últimamente, uma atracção constante para os ratoneiros. Talvez porque a nova estação está á porta e há que mudar consoante a moda.

Desta vez «voaram» duma assentada e dum só estabelecimento, cem contos de mercadorias. O aviamento foi em grande e nada nos diz que os larápios não montem por aí um destes dias, uma tenda de «pronto a vestir», com o produto do roubo. E que dava e sobrava para muita clientela apressada.

Naturalmente que os gatunos - pois haveria mais do que um - se fizeram transportar de automóvel e, como gatunos que se prezam, usaram com certeza, um automóvel roubado. O facto decorreu na madrugada de ontem e o estabelecimento visado pela acção dos ratoneiros situa-se na Rua Gomes Freire. Como se trata de um estabelecimento inaugurado há relativamente pouco tempo - no dia 1 do corrente - presumimos que os «clientes» nocturnos decidiram **alentar** os donos com este volumoso e súbito **desgaste** de artigos. Repare-se no rol da colheita: cem cortes de boa fazenda, camisas e calças de homem, blusões e dois casacos de corte vistosos e preço alto.

Por acaso foi um transeunte, que passando junto do estabelecimento cerca das seis horas da manhã, viu o vidro da porta partido, alertando então um empregado seu conhecido (empregado da casa assaltada, claro), o sr. António Freitas da Silva, que se encontrava ainda em vale de lençóis e se ergueu apressadamente para ir confirmar o roubo e telefonar aos patrões.

A respectiva queixa entrou na Polícia Judiciária, que parece ter já uma pista para detecção dos assaltantes.

CIDADANIA DE PORTUGAL NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 29 — (ANI) — Já está pronto e nas mãos do ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, o projecto do decreto que regulamenta o processamento do requerimento de igualdades dos portugueses residentes no Brasil. O projecto será apresentado, ainda esta semana, ao presidente Emilio Garrastazu Medici, em Brasília, para ser assinado antes de 22 de Abril próximo, data em que entra automáticamente em vigor, coincidindo com a chegada do presidente Américo Thomaz ao Brasil.

Pormenores conhecidos, até agora: o requerimento deve ser feito ao ministro da justiça (nos diferentes estados aos secretários de Interior e SEgurança) e o requerente tem que ser portador da carteira modelo 19. As demais formalidades só serão divulgadas depois da assinatura do decreto, mas sabe-se que o direito de voto só será concedido ao fim de conco anos de residência no país.

CONTRATO DE TRABALHO

O novo contrato de trabalho dos profissionais de Artes Gráficas do distrito do Porto (secção casa-de-obras) entrou já em vigor.

Na impossibilidade de comunicar a todos os associados o texto integral do novo regimento, o sindicato informou que, entre as inovações, se incluem o direito à retribuição do dia de descanço e à inclusão da Sexta-Feira Santa no número de feriados obrigatórios.

GESTÃO AGRÍCOLA

Com o apoio do Serviço Social da Estação Agrária do Porto, e no âmbito do seu prigrama de promoção sócio-cultural, efectuou o Centro de Gestão Agrícola do Ave um curso de «Saúde e Higiéne» para esposas e filhas dos associados.

O curso teve a duração de três dias e foi orientado pela enfermeira-geral do Hospital de Santo Atónio, sr.ª D. Diamantina Chaves da Silva.

O Rego sem passagem de nível

Começa amanhã a obra de construção da Avenida dos Combatentes (prolongamento da Av. António Augusto de Aguiar), do nó desnivelado para acesso ao Bairro do Rego e do prolongamento da Av. 28 de Maio, até Sete Rios, que conduzirá ao desaparecimento da passagem de nível do Rego e ao desmantelamento de várias barracas existentes naquela zona, cujos moradores, o presidente do Município, em devido tempo, prometeu transferir para casas próprias.

O eng. Santos e Castro assistirá, pelas 10 e 30, ao início dos trabalhos.

Cooperativa «DEVIR»

Da Direcção da Cooperativa DEVIR recebemos, com pedido de publicação, a seguinte notícia: «Contrariamente ao que foi posto a correr com objectivos por demais evidentes, a DEVIR continua a exercer diária e normalmente as suas actividades.»

«O Natal visto pelas crianças

LUANDA, 29 — (L.) — Por ter sido galardoada com uma esdada de oito dias em Angola, encontra-se já nesta cidade, acompanhada de seu pai, a jovem Maria da Conceição Pereira Pombo, aluna da Escola Preparatória Pedro de Santarém, vencedora do concurso «O Natal visto pelas crianças» organizado pelo «Diário de Lisboa».

O CONGRESSO DOS ANATOMISTAS ENCERRA HOJE

O Congresso dos Anatomistas, que trouxe a Lisboa cientistas de vários países, termina hoje à noite com um banquete no Hotel Estoril-Sol, sob a presidência do ministro da Educação.

No período da manhã, proferiu uma conferência o prof. argentino Eduardo de Robertis, que se referiu ao «isolamento e às propriedades moleculares dos receptores sinápticos». À tarde, os congressistas assistiram a algumas sessões administrativas da Associação dos Anatomistas e da Sociedade Anatómica Portuguesa.

Pede a Frelimo

AJUDA MILITAR DOS PAÍSES DO OCIDENTE

COPENHAGA, 29 — Janet Mondlane, directora do Instituto do Ensino da Frelimo, em Moçambique, declarou, ontem, na televisão dinamarquesa desejar que os países ocidentais fornecessem material de guerra àquele movimento de libertação.

A sra. Mondlane afirmou que, até ao presente, a Frelimo recebia ajuda militar exclusivamente dos países de Leste.

Por outro lado, salientou que a data da independência de Moçambique dependia da atitude que o mundo tomasse em relação a Portugal e portanto da situação internacional.

Ontem, avistou-se com o ministro dos Negócios Estrangeiros dinamarqueses, Knud Boergen Andersen, tendo falado acerca da assistência dada pela Dinamarca ao seu instituto nos últimos anos e daquela que lhe será dada no futuro.

Uma soma de seis milhões e meio de coroas (cerca de 24 mil contos) do orçamento dinamarques, deste ano, é destinada à ajuda aos movimentos de libertação africanos.

Restaurante

"O PEIXE"

NO ESPELHO DE ÁGUA, EM BELÉM. Facilidades de estacionamento.

GEI mar

DOMINGO DE PÁSCOA

Servem-se almoços e jantares com ementa especial

Telefone 610494

Tractores Fiat

Distribuídos exclusivamente por

MONTEIRO GOMES, LIMITADA

Rua Cascais, 47 (à Av. de Ceuta)
LISBOA-3

A Firma MONTEIRO GOMES, LIMITADA participa a todos os seus Clientes que os seus Serviços, incluindo Sucursais, estarão encerrados desde as 13 horas do próximo dia 30 de Março até às 8 horas do dia 3 de Abril.

AJAX-BENFICA

5 DE ABRIL DE 1972

(IDA E VOLTA NO MESMO DIA)

NÓS VAMOS A AMESTERDÃO APOIAR O BENFICA! VENHA CONNOSCO!

★ PARTIDA ASSEGURADA
★ TRANSPORTE EM AUTOCARRO NO PERCURSO AEROPORTO/CIDADE/ESTÁDIO/ /AEROPORTO
★ ALMOÇO E CEIA SERVIDOS A BORDO
★ PARTIDA DE LISBOA ÀS 09.30 HORAS
★ VIAGEM DE AVIÃO LISBOA-AMESTERDÃO-LISBOA EM QUADRIRREACTOR «BOEING 707»
★ BILHETE DE BANCADA CENTRAL
★ ASSISTÊNCIA DURANTE TODA A VIAGEM
★ PARTIDA DE AMESTERDÃO ÀS 00.30 HORAS

PREÇO .... 3.200$00

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

AGÊNCIA DE VIAGENS

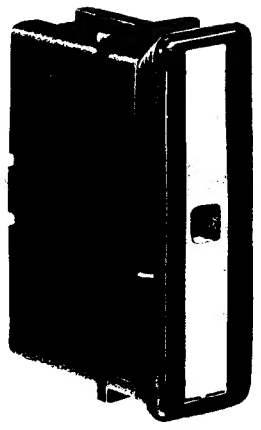
TAGUS

RUA EÇA DE QUEIRÓS, 20-A
LISBOA-1

TELS.: 42988 - 48685 - 58572/3

FUSÍVEIS

BASES PARA FUSÍVEIS NORMA INGLESA



JF

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA

TEL. 654165 * LISBOA

REBOCADOR AFUNDOU-SE NO TEJO: UM MORTO

Afundou-se, esta manhã, quando ajudava o navio turco «Nevsehir» a atracar ao molhe n.º 3 do Cais de Santa Apolónia um rebocador da Frenave (Agência Marítima de Fretamentos e Consignações, Lda.) tendo morrido um dos seus tripulantes que foi arrastado para o fundo.

Eram cerca das 7 e 30. Estava a ser lançado um cabo entre o navio turco e o rebocador, quando um golpe de mar o fez adornar tão acentuadamente que a água começou a invadir o rebocador. Em poucos segundos foi tragado pelas águas.

José Paulo da Silva

Dois tripulantes, João Luís Anastácio e Fernando Lopes Bolinhas, atiraram-se imediatamente à água, tendo sido socorridos por um marítimo do navio «Narya», atracado não muito longe do local do acidente. A mesma sorte não teve o motorista do rebocador, José Paulo da Silva, que não teve tempo de abandonar a casa das máquinas tendo sido levado para o fundo.

A empresa proprietária do rebocador solicitou, entretanto, à Polícia Marítima alguns homens-rãs para localizarem o rebocador e dele retirarem o corpo do malogrado marítimo. Os outros dois tripulantes foram conduzidos em estado de choque ao Hospital de S. José.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

11.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gosem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que começará a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio. Execução Sumária n.º 4.449/71 da 3.ª secção. Exequentes — J. AGUAS GONÇALVES L. DA -STAND MONTECARLO. Executado — FERRER LOURENÇOLOPES, residente na Rua Comandante António Feio, n.º 21, em Cacilhas; e MANUEL CAETANO DA CRUZ PINTO, residente na Rua A, n.º 16, r/c, Esq., Larajeiro.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1972.

O Juiz Direito, (a) Vítor Manuel Leite Marreiros.

O Escrivão de Direito, (a) António Fernandes das Neves.

TRÂNSITO VEDADO

Pelo período de oito dias está impedido o trânsito na Rua da Vitória, no troço compreendido entre as escadas do mesmo nome e a Rua das Taipas, por motivo de obras de reparação no aqueduto daquela artéria.

Autocarros sem cobradores

Com vista a ampliar o movimento, aumentando a frota de autocarros, o Serviço de Transportes Colectivos do Porto vai abrir concurso para adquirir de vinte e cinco a cinquenta daquele veículos.

Segundo refere o «Caderno de Encargos», aqueles autocarros serão de um único piso com capacidade de lotação equivalente à dos que circulam actualmente e que incluem lugares sentados e plataforma. Assinala-se uma inovação: podem ser adaptados ao sistema de cobrança automática, ficando neste caso, com um só funcionário ao serviço dos passageiros, que é o motorista.

Para já, seis dos antigos autocarros foram adaptados ao sistema de autocobrança, sob o «controle» do motorista e vão circular na carreira n.º 140, chamada de «circulação», por ser a mais central e de tarifa única.

No dia 4 de Abril serão aqueles carros mostrados aos representantes dos órgãos de informação.

Caixa de Previdência e Abono de Família do Comércio do Distrito de Lisboa

Alameda D. Afonso Henriques, n.º 82 — LISBOA

AVISO

COLÓNIAS DE FÉRIAS INFANTIS

Encontra-se aberta na sede desta Instituição, até 10 de Abril de 1972, a inscrição de filhos de beneficiários que desejem frequentar as colónias de férias infantis, conforme plano estabelecido pelo Instituto de Obras Sociais.

A inscrição só é permitida aos menores que tenham mais de 7 anos no acto da inscrição e menos de 11 em 1 de Junho do corrente ano.

Para qualquer esclarecimento sobre o assunto, podem os interessados dirigir-se a este Organismo.

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

Lisboa, 29 de Março de 1972

CONFRATERNIZAÇÃO

Os antigos alunos do extinto Colégio Nacional do Porto terão em 23 de Abril a sua sexta jornada de confraternização anual.

As inscrições fazem-se na Rua de Santo António, 137 (tel. 20254), na Rua do Bonfim, 332 (tel. 51212) e na Rua D. João IV, 30 (tel. 31585).

COLISEU

HOJE, às 21,30
(Grupo B 10 anos)
O grande filme bíblico
O DIVINO MESTRE
(Vida de Cristo)
O filme português
O DESTINO MARCA A HORA
com **Tony de Matos**

AMANHÃ
O MESMO PROGRAMA
À tarde, às 16 horas
À noite, às 21.30. h.

A situação do pessoal de enfermagem

Alguns membros da delegação, do pessoal de enfermagem, à saída do Ministério

Uma delegação de enfermagem dos Hospitais Centrais de Lisboa, Porto e Coimbra foi ontem recebida no Ministério das Corporações, pelo secretário de Estado da Saúde e Assistência, dr. Jorge Assis dos Santos. A este membro do Governo foi solicitada a criação de um curso de promoção socio-profissional e o alargamento dos quadros pessoal e técnico e o pagamento dos aumentos tos em atraso.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

10.º CONCERTO
(REVELAÇÃO)
30 DE MARÇO
às 21,45 horas
2 DE ABRIL
às 16 horas
Grupo A — M/ 6 anos

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA
Maestro
Manuel Ivo Cruz
CANÇÕES ESTÁTICAS
(1.ª audição mundial)
CÂNDIDO LIMA
CONCERTO EM FÁ MAIOR
HAYDN
Pianista
Alda Maria Cabral
CONCERTO PARA 4 VIOLINOS
VIVALDI
- **Aníbal Castanho Lima**
- **Fernando Calasans Duarte**
- **António Vilaça Lé**
- **Floriana de Oliveira**

SINFONIA DO NOVO MUNDO
DVORAK
Maestro
Manuel Peres Newton

Bilhetes desde 12$50

AVISO. O concerto em repetição, realizar-se-á no dia 2 de Abril e não no dia 1.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

Avisamos os nossos consumidores de que os Serviços de Clientela e os escritórios desta Sociedade estarão encerrados, respectivamente, a partir das 11.30 e das 12 horas de amanhã, 5.ª-feira, dia 30, só reabrindo na 2.ª-feira, dia 3 de Abril, às 9 horas.

pali

HELIFLEX®
REVOLUCIONÁRIO TUBO FLEXÍVEL EM P.V.C. REFORÇADO

LEVE
DURÁVEL
RESISTENTE
PRÁTICO
ECONÓMICO

UM GRUPO PARA CADA FIM:

02 Regas e jardinagem
14 Moto-bombas
20 Sucção pesada
22 Gasolinas e produtos químicos
26 Trasfega de vinhos (atóxico)
34 Protecção de cabos eléctricos
40 Aspiração industrial
42 Condutas de ar condicionado
46 Piscinas (flutuante)
480 Ar comprimido e pulverização

FABRICADO SOB LICENÇA DE A.G. PETZETAKIS A.S. ATENAS

POR: Heliflex Portuguesa, L.da
TUBOS FLEXÍVEIS
ÍLHAVO - AVEIRO - Telef. 24010 - Apart. 130
LISBOA - R. Coronel Bento Roma, 12 D - Tel. 727271

TOTOBOLA

"TAÇA", II DIVISÃO E CAMPEONATO DE ESPANHA NO CONCURSO DO PRÓXIMO DOMINGO

O ADIAMENTO DE DOIS JOGOS LEVA AO APURAMENTO POR SORTEITO DOS RESPECTIVOS SIMBOLOS.

1 X 2 TOTOBOLA

MATRIZ

TAÇA
1 Tirsense - Leixões
2 Atlético - Boavista
3 Belenenses - Guimar.
4 Salgueiros - Penafiel
5 Espinho - Fafe
6 Gouveia - Covilhã
II DIVISÃO
7 Famalicão - U. Lamas
8 Olhanense - Montijo
9 Cova Piedade - Seixal
ESPANHA
10 Gijón - R. Sociedade
11 At. Madrid - Málaga
12 Celta - Burgos
13 Barcelona - R. Madrid

30
2 DE ABRIL DE 1972

SANTA CA... DE LISBOA

2 APOSTAS - 4$00						4 APOSTAS - 8$00						- 20$00		
1	X	2	1	X	2	1	X	2	1	X	2	1	X	2
1			2			8			9			10		

NOME
MORADA
LOCALIDADE

CAMPEONATO DE ESPANHA
CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

REAL MADRID ... 41 p.
BARCELONA ..... 35 p.
Valência ..... 33 p.
AT. MADRID .... 30 p.
REAL SOCIEDADE. 30 p.
Las Palmas .... 29 p.
MÁLAGA ..... 27 p.
Granada ..... 27 p.
GIJON ..... 27 p.
Espanhol ..... 26 p.
BURGOS ..... 25 p.
At. Bilbau .... 25 p.
CELTA ..... 24 p.
Sevilha ..... 24 p.
Betis ..... 24 p.
Corunha ..... 24 p.
Córdova ..... 23 p.
Sabadel ..... 21 p.
18 p.

(A não indicação do nom... bilhete nulo)

Não se realizando no próximo domingo os jogos Cova da Piedade-Seixal e Barcelona-Real Madrid, ambos incluídos neste concurso, os símbolos respectivos serão apurados por sorteio, nos termos regulamentares, com base nos prognósticos dos Órgãos de Informação que se publicam no jornal «Diário de Lisboa» de quinta-feira, dia 30.

BANCO FONSECAS & BURNAY

S. A. R. L.

RELATÓRIO, BALANÇO E CONTAS DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO E RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

1. No ano que findou, uma grande instituição bancária — o Banco de Portugal — perfez 125 anos de trabalho, todo consagrado à ciência e à devoção de bem servir o País. Aqueles que, no dia-a-dia do seu ofício — e, entre esses, primeiro estão os bancos comerciais — mais directamente contactam com o Banco Central, não podiam ignorar nem o muito que lhe devem já, nem o muito e sempre mais que dele esperam. Por isso, a Banca Comercial, falando, unânime, uma só voz, grata e solenemente se associou à comemoração desse longo labor, que já pode ser apreciado à luz de uma perspectiva histórica, perspectiva que, a tantos títulos, lhe reconhece a qualidade de exemplar.
No entanto e apesar de termos já tomado parte no louvor comum ao Banco de Portugal, sentimos, mesmo assim, que a inteligência e o sentimento nos obrigam a como que honrar o acontecimento, de novo e agora em família — família grande e unida, pois a constituem quantos ao Banco confiam o seu capital e quantos a ele oferecem, em trabalho, o melhor da sua vida. Honrar mais uma vez aquela nobre instituição, antes mesmo de procedermos à legítima exposição e defesa de qualquer interesse particular, lembrando-a e figurando-a, logo ao abrir da porta, no pátio nobre deste Relatório, para que, antes de tudo o mais, todos a vejam na pureza da sua traça, todos entendam o significado das suas proporções, todos se decidam a, solidários com ela, participar no cumprimento do seu destino que, afinal, é também o nosso próprio destino. Na verdade, no mundo de hoje, a vida das instituições de crédito e, particularmente, a dos bancos chamados comerciais seria invivível se não tivesse sido engrandecida a autoridade do Banco Central e se, ao mesmo tempo, se não houvesse também reforçado a ligação de cada uma das unidades do sistema àquele centro de superior decisão. Se o Banco de Portugal terá de responder pela oportunidade e pela qualidade dos actos em que concretiza a sua autoridade, de escala nacional, todos nós — estabelecimentos de crédito — de igual modo haveremos de responder pelos tipos de aproximação que, com ele, procurarmos estabelecer — aproximação que, necessàriamente, requer tanto de firmeza no ligar como de claridade no informar. E, neste contexto, logo se compreende que, tanto o Senhor Ministro das Finanças como o Senhor Governador do Banco de Portugal, conscientes das responsabilidades que sobre eles recaem, por força do que foram no passado e do que são no presente, não tenham querido transformar em pura reunião de circunstância festiva a sessão em que se comemorava os cento e vinte e cinco anos da instituição fulcro do sistema de crédito nacional. Bem ao contrário: nas orações de um e de outro há um objectivo comum e superior, embora necessàriamente construído e prosseguido de modo diferente — e é o de proceder à serena apreciação histórica do comportamento do Banco de Portugal, muito menos dirigida ao elogio do passado do que à determinação das linhas mestras da estrutura e actuação do sistema de crédito em termos do que verdadeiramente importa ao presente e ao futuro da economia portuguesa.

A nós não nos cumpre analisar e julgar a acção, longa no tempo, do Banco de Portugal. Mas, quanto mais reflectimos na crescente densidade das dificuldades internas e da perturbação externa, mais nítido se nos torna o dever de engrandecer e agradecer a lucidez e o sentido da realidade que determinaram o Ministério das Finanças a atribuir ao Banco de Portugal os direitos e as obrigações próprias de um autêntico Banco Central. Lucidez e sentido da realidade esses que só encontram par na inteligência dos superiores interesses do País, no conhecimento das possibilidades e impossibilidades de todos e de cada um e, até, no sentido de antecipação de que o Banco Central tem dado provas ao usar dos poderes que lhe foram outorgados. Para fundamentar esta afirmação, bastaria ter em conta a mutação total que, em poucos meses (a partir de meados de 1970), se verificou nas características do binómio «mercado monetário nacional — mercado monetário internacional» e pensar, depois, no que teria acontecido se as orientações e as decisões, em tempo emanadas do Banco Central, não tivessem tido a virtude, que tiveram até hoje, de, com uma perturbação reduzida a um mínimo relativo invulgar, permitir a adaptação possível dos movimentos paradoxais da conjuntura monetário-financeira às necessidades do processo de uma economia em crescimento e altamente vulnerável.

Este, o nosso depoimento. Esta, a nossa homenagem.

2. Senhores Accionistas:

Todos sabemos que o julgamento dos resultados do balanço de uma empresa não pode ser perfeito senão quando enquadrado na conjuntura em que se processou. Também nenhum de nós ignora que, no momento em que, por lei, vos devem ser submetidas as contas e os comentários por estas requeridos para seu esclarecimento, as administrações não dispõem ainda de informação estatística bastante e segura sobre o comportamento da economia nacional no ano anterior — aquele, justamente, a que corresponde o exercício em julgamento. Acontece, mesmo, que certos indicadores fundamentais, como os referentes ao Produto Nacional Bruto, ainda que, no princípio do ano, estejam disponíveis, são sempre apresentados como provisórios — o que é perfeitamente natural — e que esses números ao transformarem-se em definitivos sofrem, muitas vezes, alteração tão sensível que quase anula o sentido das indicações inicialmente fornecidas. Daí, o risco de assentar julgamento neste tipo de indicadores.

Nestas condições, limitar-nos-emos a sumariar, sem quantificação, os factos, as situações e as tendências da conjuntura internacional e interna que, em nosso pensar, mais importa ter presente no momento em que ides examinar o balanço e julgar as contas.

Factores e situações da conjuntura internacional em 1971 com maior repercussão na conjuntura interna dos mercados do dinheiro

3. Limitada a apreciação da conjuntura internacional ao enunciado acima feito, poderemos reduzir a três os núcleos de factores e de situações exógenas que mais se repercutiram — e continuam, aliás, a pesar — não só na conjuntura dos mercados nacionais do dinheiro, mas também no conjunto da actividade económica do País, quer no ano findo, quer nas suas perspectivas a curto prazo.

Estes três núcleos de questões serão:

a) a profunda crise do chamado «sistema monetário internacional» e a tentativa de construção de uma plataforma de transição até ao encontro de um esquema válido para os pagamentos decorrentes das trocas internacionais;

b) a política económica e monetária dos Estados Unidos da América;

c) a política económica e monetária dos restantes países do Ocidente.

Embora, para facilidade da exposição, tenhamos estabelecido estes três núcleos de problemas, desde já devemos reconhecer a impossibilidade da exacta ponderação de cada um, dado que, como é evidente, eles se interpenetram e, uns aos outros, se determinam para constituírem o embrechado, complexo e, por vezes, paradoxal da situação económica do Ocidente.

4. O sistema monetário internacional, nascido dos acordos de Breton Woods e, algumas vezes, concertado ao longo da sua vida, entrou na sua maior perturbação em 9 de Maio de 1971 e veio, efectivamente, a sofrer o mais rude golpe da sua existência quando, em 15 de Agosto passado, os Estados Unidos, unilateralmente e sem consulta prévia, determinaram a inconvertibilidade da sua moeda.

5. À falta de confiança que, de há tempo, atingia o dólar, veio juntar-se a confusão e a incerteza graves quanto ao efectivo valor, absoluto e relativo, não só daquela moeda, como das demais. Essa confusão e essa incerteza foram agravadas pelos mais diversos e contraditórios movimentos de especulação. Daí que, além de se terem alterado o ritmo e as características do comércio internacional, se tenha ainda reforçado, pelo menos nos países europeus, a tendência de atonia do investimento.

6. Por outro lado, o esfacelamento do sistema monetário internacional conduziu grande parte dos detentores de haveres líquidos a alterar os objectivos das suas intervenções no mercado sacrificando a especulação nas taxas de juro a favor da conservação do próprio capital. Daí, a transformação de vultosas disponibilidades, ou nas moedas da nacionalidade dos titulares desses activos líquidos, ou em moedas que lhes ofereciam maiores perspectivas de segurança: o escudo foi uma das moedas procuradas e, para muitos, ele preenchia as duas condições acima referidas — era a sua moeda nacional e era uma moeda segura. O aumento que, sob a pronta atenção e a filtragem segura do nosso Banco Central, se verificou nas disponibilidades do País em divisas tem, nesta situação, uma das suas determinantes.

7. O acordo de Washington de 18 de Dezembro último, aliás ainda não verificado em relação a uma das suas condições fundamentais, não pode ser considerado mais do que simples arranjo transitório, imposto pela necessidade de evitar a completa desorganização das trocas internacionais.

8. No que respeita aos outros dois grupos de questões, persiste ,em 1971, o desencontro — aliás natural — entre os problemas e os objectivos da política económica, monetária e financeira dos Estados Unidos e dos restantes países do Ocidente.

Enquanto que nos Estados Unidos se tenta a expansão da economia e se estimula a produção e o consumo, a maior parte dos países europeus viu-se ainda forçada a prosseguir, no fundo, políticas desinflacionárias de emergência. Mas acontece que, se, na Europa, as intervenções governamentais conseguiram baixar a pressão da procura interna de bens e serviços, já muito menos significativos foram os resultados em tudo o que se refere ao objectivo principal dessas intervenções: diminuir o ritmo de aumento dos preços e dos salários. Daí que, ao pretenderem agora retomar os caminhos da expansão e do pleno emprego, a maioria dos governos europeus continue a ver o êxito dessa política ameaçado pela realidade, ascendente e persistente, dos preços e dos salários.

9. De resto, o aumento do investimento e, consequentemente, do emprego, não está apenas a ser impedido pelo ritmo de crescimento dos preços e dos salários. A esta perigosíssima barreira, outras se juntam a dificultar o percurso: citaremos as reduções dos lucros consentidos às empresas capazes e aos empresários conscientemente arrojados — sempre raros em qualquer região do Mundo —, redução essa que conduz ao desinteresse pelo investimento e pelo trabalho para além do momento em que os riscos e o esforço deixam de ser validamente remunerados; referiremos, ainda, o clima de incerteza que se instalou em relação a quase todas as condições base da expansão económica. A declaração da inconvertibilidade do dólar, fora do contexto de um qualquer acordo prévio; o atraso no concerto de um novo sistema monetário que, por si próprio, inspire confiança; o receio das medidas que os Estados Unidos possam vir a tomar para reequilíbrio da sua balança de pagamentos; a ignorância sobre a estrutura e a dimensão da nova organização da economia europeia; a progressiva degradação da autoridade dos Governos, tudo isto contribui, mesmo nos países altamente industrializados, para a criação de uma como que perplexidade geral que é a negação do clima próprio à concretização de qualquer movimento sério de expansão económica e de segura e justa melhoria social.

Evolução do mercado monetário português

10. Mercê dum complexo de causas, nomeadamente a da nossa crescente participação na vida monetária internacional, pela via da regular expansão, quer do comércio externo, quer dos saldos positivos da nossa Balança de Invisíveis Correntes, assistimos, em 1971, a um apreciável crescimento das reservas de ouro e divisas do Banco Central. Ao tratarmos da conjuntura internacional, anotámos já a incidência que, na formação destes saldos, certamente teve a crise do sistema monetário internacional.

11. Os meios de pagamento em poder do público, em especial os depósitos bancários, cresceram e a esta expansão não pode, lògicamente, ter sido estranho o comportamento da balança de pagamentos.

Por este e outros motivos, tudo nos leva a crer que a taxa de aumento dos meios de pagamento tenha sido nitidamente superior à da própria economia portuguesa, tomada esta na sua generalidade. Não se pense, no entanto, que a esta rápida abundância tenha correspondido o abandono dos critérios orientadores de uma política de crédito selectiva, embora não restritiva. De modo nenhum. E, isso terá contribuído, em parte considerável, para que os aumentos registados nas carteiras de operações de crédito dos nossos estabelecimentos bancários não tenham provocado aumento significativo da pressão inflacionária.

12. É importante salientar que, nos depósitos, a par da sua expansão se continuou a processar — supomos, mesmo, que a reforçar — a tendência de mutação da sua estrutura, crescendo mais os depósitos a prazo do que os depósitos à ordem. A este respeito foram feitas, na nossa última Assembleia Geral, reflexões que consideramos válidas ainda hoje.

13. O facto de os depósitos a prazo ocuparem posição relativa cada vez maior na composição dos depósitos dos bancos comerciais vem confirmar dois pontos de vista que, de há muito, vimos defendendo: por um lado, prova-se que a capacidade de recolha de poupanças líquidas pela Banca Comercial não é função só da taxa que ela pratica, mas muito também do dinamismo que imprime à sua actuação; conclui-se, por outro lado, que a Banca Comercial possui cada vez maior capacidade e vocação para assegurar a solução dos problemas de financiamento a médio prazo dos investimentos reprodutivos.

14. Uma vez que o maior dinamismo da empresa privada só confirma princípios institucionais da organização da economia nacional, põe-se, no caso em referência, a dupla questão de saber se a Banca Comercial dispõe dos instrumentos necessários ao aproveitamento pleno da sua capacidade de captação das poupanças e se é capaz de promover a oportuna aplicação destas, de acordo com a política económica superiormente definida pelo Governo.

15. A capacidade da Banca Comercial para se adaptar e cumprir as orientações que superiormente lhe são dadas pode, por exemplo, ser avaliada através da facilidade com que aceitou e da rapidez com que iniciou a execução da política de selecção de crédito, posta em vigor pelo Banco Central, nos fins de 1970, apesar do cumprimento dessa orientação vir contrariar hábitos velhos e consideráveis interesses a curto prazo.

16. No que respeita à interrogação sobre a suficiência dos meios de acção ao dispor da Banca Comercial, não temos dúvida em reafirmar que essa suficiência se não verifica: basta relembrar a limitação — que esperamos o Senhor Ministro das Finanças não tardará em considerar — da abertura de novas agências.

Em nosso entender, a questão das agências põe-se no plano da realização dos superiores objectivos da política económica nacional e da defesa legítima dos interesses privados bancários.

No plano da realização dos interesses superiores do País, estando fora de questão o direito de concorrência e a vantagem nacional dele, desde que se processe sob controle do Estado, o problema reduz-se a uma questão de localização geográfica da expansão bancária. Aqui, poderá haver uma divergência aparente entre o interesse geral e o interesse privado: aquele, dado que as zonas ricas têm já cobertura bancária, implicará que as novas agências se instalem nas zonas pobres, objecto das atenções e das capacidades de uma política de atenuação dos desequilíbrios regionais; os bancos comerciais, como empresas de fins lucrativos que legitimamente são, prefeririam, sem dúvida, concorrer, quer nas zonas onde há poupanças efectivamente disponíveis, quer naquelas onde maior é a procura de serviços bancários.

Pensamos, no entanto, que esta aparente diversidade de interesses imediatos pode ser perfeitamente sanada: bastaria, por exemplo, que o Ministério das Finanças impusesse a cada um dos bancos comerciais a obrigação de instalar, em pontos estratégicos da política de desenvolvimento regional, um número de agências — certamente não rentáveis de início — determinado em função dos balcões que esse mesmo banco tivesse já instalado ou viesse a instalar em locais por ele pedidos e obtidos.

No plano da legítima defesa dos interesses privados, a não concessão de agências conduz a uma ocupação dos mercados de aluguer do dinheiro e de venda de serviços bancários que, de modo algum, traduz, para cada instituição, a sua real capacidade de lutar e de servir, pois que a posição relativa de cada uma é altamente influenciada por factores que se situam fora do âmbito da sua gestão.

17. O aumento dos depósitos, por um lado e, por outro, a sustentação da disciplina do crédito, conduziram, em 1971, a uma maior liquidez do sistema. A decisão tomada pelo Banco de Portugal, já em 1972, de fazer concentrar nos seus cofres pelo menos 40% dos saldos de caixa dos Bancos Comerciais, apenas com exclusão dos «Depósitos em Outros Bancos», deverá interpretar-se e louvar-se como medida cautelar destinada a impedir que eventuais excessos de liquidez ponham em causa o efectivo cumprimento da política selectiva de crédito em vigor e, daí, toda a estratégia de uma luta anti-inflacionária.

Posição do Banco Fonsecas & Burnay perante o mercado monetário.

18. A comparticipação do Banco Fonsecas & Burnay neste processo evolutivo do mercado monetário português, em 1971, foi harmónica. Isto é, as suas taxas de crescimento, quer nos depósitos globais, quer nas operações de crédito, quer no reforço da liquidez, enquadraram-se nas taxas de conjunto.

Esta verificação constitui, para toda a equipa dos servidores desta Casa, motivo de grande contentamento, pois afirma o potencial humano, material e técnico do Banco que, apesar de impedido de utilizar toda a sua capacidade de acção, alargando a sua presença nos pontos estratégicos do mercado, mesmo assim consegue atingir uma taxa de crescimento que se situa na linha da obtida pelas maiores unidades do sistema.

Evolução do mercado financeiro português

19. Os mercados primário e secundário de títulos de rendimento variável sofreram, ao longo de 1971, uma evolução francamente favorável, por vezes mesmo espectacular.

Iniciou-se, assim, um movimento de abertura, quer pelo aumento dos títulos cotados e oferecidos na Bolsa de Lisboa, quer pelo interesse na sua aquisição, manifestado por todas as camadas da população.

A reduzida oferta destes títulos e, mais do que isso, a sua concentração quase num único sector da actividade económica nacional — o bancário —, aliada a factores externos, quer à poupança, quer ao investimento produtivo, provocaram, a par de uma procura sã e desejável, uma procura especulativa, a que convirá dar a devida atenção.

Pela enorme importância que atribuímos a este ponto, em breve o voltaremos a considerar.

20. O mercado de obrigações que, com a publicação de novas disposições, pode já utilizar importantes factores de atracção e ainda não experimentados entre nós, não acompanhou o ritmo de evolução dos outros títulos, tendo-se definido em termos que ficaram aquém das suas potencialidades. Para o facto importa procurar explicação e remédio, pois que, se a boa conjugação dos dois mercados do dinheiro — o monetário e o financeiro — é condição do crescimento económico do País, a coexistência, activa e em paralelo, dos submercados de acções e de obrigações é requisito de que não pode prescindir o alcance desse mesmo objectivo.

Posição do Banco Fonsecas & Burnay perante o mercado financeiro

21. Fiel às responsabilidades da sua tradição, o Banco Fonsecas & Burnay continuou a manter posição de destaque em todas as principais operações do mercado financeiro português. A par de uma presença, em termos significativos, em todos os sindicatos que se constituíram para a tomada firme de emissões, registámos um considerável acréscimo da nossa clientela de títulos. Para corresponder a essa solicitação, continua o Banco a melhorar a formação dos seus quadros especializados e a ampliar os meios de informação sobre a matéria, destinados aos seus clientes e ao público em geral.

Pagamentos interterritoriais

22. Em 6 de Novembro e 15 de Dezembro findos, portanto dentro do exercício em exame mas sem tempo de nele influir, o Governo tomou um conjunto de providências visando objectivos da mais alta importância nacional: por um lado, foram criadas as condições que permitirão mobilizar os recursos financeiros necessários ao efectivo pagamento dos chamados «atrasados ultramarinos» e, por outro, decretou também o Governo um conjunto de medidas, legislativas e administrativas, destinadas a impedir, no futuro, actuações que conduzam a novas situações de atraso.

Tudo o que respeite o interesse de cada um dos territórios nacionais e a maior força de todos, na unidade do conjunto, implica obrigações que se situam acima dos puros interesses materiais. Por esse motivo, este Banco, que sempre, aliás, procurou participar com todas as suas forças na execução da política nacional do Governo, não deixará também, agora, de cumprir, para além mesmo das suas obrigações relativas, se tal for necessário.

O balanço e as contas

23. Ao longo dos apontamentos feitos sobre a conjuntura dos mercados nacionais do dinheiro, no ano findo, fomos indicando a forma como o Banco procurou enquadrar-se e contribuir para o regular funcionamento do sistema de crédito. Por outro lado, as expressões numéricas constantes do balanço e das contas são de clareza a toda a prova. Daí, afigurar-se-nos que poucos mais comentários serão precisos para que os Senhores Accionistas possam avaliar os resultados do exercício de 1971.

24. São primeiros indicadores do crescimento as taxas positivas de 29% e 15% registadas, respectivamente, na variação do «Activo Total» e do «Activo Total sem Contas de Ordem».

No que respeita à liquidez, evidencia o balanço um Disponível no total de 2 585 milhares de contos, com expressão maior nos saldos de «Caixa» e nos «Depósitos no Banco de Portugal», no montante global de 1 636 milhares de contos.

Considerando, por outro lado, que as nossas responsabilidades totais para com terceiros, em 31 de Dezembro último, somaram 9 164 milhares de contos, resulta da comparação dos referidos valores uma cobertura imediata destas responsabilidades, qualquer que seja o seu grau de exigibilidade, a um nível da ordem dos 28,2%, percentagem esta suficientemente elucidativa da situação de liquidez do Banco, ao findar o exercício a que o balanço se reporta.

25. A taxa de crescimento dos depósitos — 23% — dá-nos plena satisfação. No entanto, por muito boa que, nas condições em que somos forçados a trabalhar, seja a progressão anual dos nossos depósitos, teremos de reconhecer que o seu volume total continua a denunciar um subaproveitamento da capacidade do Banco, tidos em conta o volume dos seus recursos financeiros próprios e o seu capital humano e técnico.

Esta situação resulta, apenas e só, de não termos sido ainda autorizados a alargar a nossa rede de penetração no mercado.

A afirmação que acabamos de fazer reveste-se da maior importância por, nela, se conter toda a problemática da expansão do Banco.

O Banco Fonsecas & Burnay foi, durante muito tempo, o banco comercial com mais elevados recursos próprios; o Banco Fonsecas & Burnay continua a ser hoje aquele que mais recursos próprios oferece à garantia do capital alheio que lhe é entregue, em confiança.

Se defendemos sempre que a relação recursos próprios-capital alheio é muito baixa, no conjunto das unidades que constituem a Banca Comercial portuguesa, igualmente entendemos que essa mesma relação, no caso do Banco Fonsecas & Burnay, peca por excesso, seja ela considerada em termos de segurança ou em termos de capacidade de acção.

Daí, o devermos afirmar que, na presente conjuntura, aquilo de que precisamos não é de mais capital próprio mas de mais depósitos. Esta conclusão poderá formular-se de outro modo, que é o seguinte: considerando que a actual relação recursos próprios - recursos alheios do Banco é muito superior à requerida para defesa da sua segurança como instituição bancária e é bastante para lhe garantir o financiamento da sua expansão; sabendo que o Banco está perfeitamente organizado e equipado, material e humanamente, para promover o seu alargamento geográfico, que, por isso, só depende de uma autorização não onerosa; reconhecendo a fraca rentabilidade do investimento no sector bancário, um aumento do capital próprio do Banco Fonsecas & Burnay só se entenderia na medida em que ele fosse condição necessária, ou da sustentação da sua independência, ou de um considerável e muito rápido aumento da sua presença em pontos-chaves dos mercados nacionais do dinheiro, sem prejuízo da sua tradicional posição no sector.

BANCO FONSECAS & BURNAY

S. A. R. L.

RELATÓRIO, BALANÇO E CONTAS DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO E RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

26. Para além de ter procurado uma cada vez maior e melhor utilização dos balcões de que dispõe, a administração, no decurso de 1971, intensificou a participação do Banco no lançamento de novos empreendimentos industriais e no reforço da sua posição em outras actividades. Ao fazer-se a nota sobre a «Carteira de Títulos», voltaremos a este ponto.

Será ainda, na sequência desta orientação, que o exercício de 1972 deverá apresentar consideráveis progressos naqueles dois primeiros campos, uma vez que esperamos, não só conseguir um reforço das condições de rentabilidade dos empreendimentos em que participámos, como, simultâneamente, ver melhorada a qualidade e embaratecido o custo de alguns dos nossos mais importantes serviços de retaguarda.

27. Não pode deixar de se salientar o agravamento que continuou a processar-se no custo do dinheiro. Com efeito, para além da nova subida das taxas resultante da Portaria de 6 de Fevereiro de 1971, acentuou-se, como dissemos, a participação relativa dos «Depósitos a Prazo».

O ajustamento correspondente nas operações activas nem sempre é possível fazer-se com a necessária rapidez, não só por impedimentos decorrentes dos condicionalismos do mercado, como, até, por força de hábitos agarrados a fundas raízes.
O desfasamento daí resultante explica a diferença entre as taxas de crescimento das contas «Juros e Comissões a Nosso Cargo» e «Juros e Comissões a Nosso Favor», diferença que, embora atenuada em relação a 1970, continuou a caracterizar o ano de 1971.

28. Ao referirmos a «Carteira de Títulos», em que as obrigações do Tesouro tomam 50% do seu valor, devemos salientar, além do reforço conseguido na participação do Banco no capital da Companhia de Diamantes de Angola e no das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, o aparecimento de três novas posições accionistas: A Seguradora Industrial - Companhia Nacional de Seguros, a Companhia de Seguros Previsão e Faianças e Porcelanas do Sado - Internacional. Apesar de já no último relatório se ter referido aquela primeira companhia seguradora, fecharam-se posteriormente negociações relativas à segunda, dado o grau de complementaridade entre ambas existente, que nos permitirá organizar a nossa participação, neste sector, nas mais modernas e eficientes condições técnicas e financeiras.
Apraz-nos registar, também, o aparecimento da sociedade Faianças e Porcelanas do Sado - Internacional, em cuja constituição o Banco participou com um válido grupo de industriais portugueses. Esta empresa, apoiada em técnica francesa da mais alta qualidade, vai fabricar faianças e porcelanas destinadas, principalmente, aos mercados estrangeiros.

29. Cumprindo instruções emanadas do Ministério das Finanças, explicitam-se as contas de «Provisões Diversas» e de «Mais-Valia da Carteira de Títulos». Para determinar na sua exacta medida a importância desta última conta, deve ter-se em mente a influência negativa provocada, não só pela menor cotação verificada em 31 de Dezembro de 1971, em relação à data homóloga do ano anterior, das acções que constituem algumas das principais posições desta carteira, como também por dela fazerem parte títulos ainda não cotados na Bolsa.

30. No cumprimento, ainda, de determinações legais, continuou o Banco a promover a venda de prédios não ocupados por instalações próprias, tendo-se, por outro lado, concretizado a compra do edifício da Rua de S. Julião, operação há anos iniciada.
Se a conclusão desta operação não nos permite resolver inteiramente os problemas de instalações, já referidos em relatórios anteriores, a possibilidade de se utilizar, dentro de breves dias, aquele edifício, contíguo ao da Sede, vem, sem dúvida, atenuar as dificuldades existentes. Esta ocupação virá facilitar o prosseguimento da reorganização dos serviços, que continua sendo preocupação constante da administração.

31. Depois de realizadas as amortizações convenientes e reforçadas as «Provisões Diversas» na medida em que a prudência o aconselhou, a conta de «Lucros e Perdas» apresenta um saldo de Esc. 42 664 333$08.
Para o lucro do exercício, assim apurado, temos a honra de propor aos Senhores Accionistas a seguinte aplicação:

— Para dividendo (cativo de impostos):		
Já distribuído por conta	16 072 000$00	
Complemento do dividendo	19 286 400$00	
	35 358 400$00	
— Para reforço de Provisões	7 305 933$08	
	42 664 333$08	

Se esta proposta merecer a aprovação da Assembleia Geral, o dividendo distribuído por acção, nas condições acima indicadas, será de Esc. 440$00.

Senhores Accionistas:

32. Os resultados que vos apresentamos traduzem parte de um esforço de todos os dias que só não sentimos pesado pelo contentamento de sabermos que valeu a pena ser feito.
Esse esforço não é só de quantos assinam este relatório: ele é de cada um e de todos os que são, num só, o Banco.
Ao lembarmos a presença e o apoio diários do Presidente do Conselho Geral, ao avaliarmos o interesse com que os membros do Conselho Fiscal e o seu ilustre Presidente acompanharam os negócios do Banco, ao medirmos a colaboração que nos foi dada pelos empregados — entre os quais se encontram invulgares dedicações e inteligências verdadeiramente superiores—, temos a plena certeza de que, se à equipa de trabalho do Banco pudermos continuar a juntar a vossa confiança e o vosso estímulo, o exercício de 1972 haverá de constituir mais um grande passo no caminho do engrandecimento do vosso Banco.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

José Gonçalo da Cunha Sottomayor Corrêa d'Oliveira
Presidente

Pedro de Figueiredo
Presidente da Direcção

Mário Luís Santos Calleya
Eurico Macedo Ferreira Nunes
Abel Pinto Repolho Correia
Fernando Correia Pessoa
Hermenegildo Augusto Parreira de Faria Blanc
José Maciel Alves
D. Miguel Bernardo de Macedo de Bragança

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1971

ACTIVO

DISPONÍVEL E REALIZÁVEL			
Caixa e Depósito no Banco de Portugal	1 636 302 159$57		
Depósitos noutras Instituições de Crédito	783 778 387$97		
Promissórias de Fomento Nacional	165 000 000$00	2 585 080 547$54	
Correspondentes no Estrangeiro	258 847 743$90		
Ouro, Moedas e Notas Diversas	11 771 096$10		
Carteira de Títulos e Cupões	1 167 602 590$95		
Carteira Comercial	4 323 619 169$20		
Letras sobre o Estrangeiro	162 383 483$56		
Correspondentes no País	6 796 952$17		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	599 823 624$57		
Devedores e Credores	555 870 960$65		
Empréstimos a mais de um ano	360 524 365$97		
Outros Valores Realizáveis	18 922$00	7 447 258 909$07	10 032 339 456$61
IMOBILIZADO			
Participações Financeiras		55 219 057$30	
Despesas de Constituição e de Instalação			
Custo	88 459 112$45		
Amortização	80 349 086$75	8 110 025$70	
Mobiliário e Material			
Custo	41 359 477$80		
Amortização	22 366 476$40	18 993 001$40	
Imóveis			
Custo	147 642 174$75		
Amortização	47 691 937$01	99 950 237$74	
Outros Valores Imobilizados			
Custo		3 602 450$00	185 874 772$14
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO			
Dividendos Antecipados		16 072 000$00	
Contas Transitórias e de Regularização		415 043 983$50	431 115 983$50
			10 649 330 212$25
CONTAS DE ORDEM			
Valores de Conta Alheia		4 264 169 906$88	
Valores Recebidos em Caução		3 051 383 580$85	
Devedores por Garantias e Avales Prestados	2 618 428 527$24		
Devedores por Aceites	3 149 852 120$32		
Devedores por Créditos Abertos	248 888 972$40	6 017 169 619$96	
Outras Contas de Ordem		11 820 680 921$62	25 153 404 029$31
			35 802 734 241$56

O CHEFE DA CONTABILIDADE

PASSIVO

EXIGÍVEL			
Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	5 248 396 120$76		
Depósitos à Ordem — Moeda Estrangeira	6 296 695$50		
Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Nacional	60 247 303$19		
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	2 975 685 375$53	8 290 625 494$98	
Cheques e Ordens a Pagar	115 781 491$62		
Exigibilidades Diversas	11 412 372$43		
Correspondentes no País	1 224 115$98		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	16 444 980$95		
Devedores e Credores	728 974 051$08	873 837 012$06	9 164 462 507$04
NÃO EXIGÍVEL			
Contas Transitórias e de Regularização		137 767 552$04	
Mais-Valia da Carteira de Títulos		117 155 820$09	
Provisões Diversas		187 280 000$00	442 203 372$13
CAPITAL E RESERVAS			
Capital		321 440 000$00	
Fundo de Reserva Legal		492 900 000$00	
Reserva de Reavaliação		68 669 662$87	
Outros Fundos de Reserva		116 990 337$13	1 000 000 000$00
RESULTADOS			
Lucros e Perdas			
Resultados do exercício			42 664 333$08
			10 649 330 212$25
CONTAS DE ORDEM			
Credores por Valores de Conta Alheia		4 264 169 906$88	
Credores por Valores Recebidos em Caução		3 051 383 580$85	
Garantias e Avales Prestados	2 618 428 527$24		
Aceites	3 149 852 120$32		
Créditos Abertos	248 888 972$40	6 017 169 619$96	
Outras Contas de Ordem		11 820 680 921$62	25 153 404 029$31
			35 802 734 241$56

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CONTA DE LUCROS E PERDAS

DÉBITO

Juros e comissões a nosso cargo		228 359 285$44	
Contribuições e impostos		17 505 124$40	
Despesas com o pessoal			
Remunerações dos órgãos sociais	11 563 443$00		
Remunerações dos empregados	137 266 649$50		
Encargos sociais obrigatórios	16 171 223$90		
Outros encargos	6 275 416$65	171 276 733$05	
Despesas gerais			
Publicidade	4 642 347$05		
Conservação de instalações, mobiliário e material	1 545 798$25		
Outras despesas	40 598 275$35	46 786 420$65	
Encargos diversos		810 466$70	
Provisões e amortizações			
Dotações para provisões diversas	48 922 539$19		
Dotações para contas de amortização	21 797 059$25	70 719 598$44	535 457 628$68
Saldo			42 664 333$08
			578 121 961$76

CRÉDITO

Juros e comissões a nosso favor	442 600 032$73	
Resultados em operações cambiais e sobre títulos	47 410 778$10	
Rendimento de títulos de crédito	45 053 109$72	
Outros rendimentos, receitas e lucros	43 058 041$21	578 121 961$76
		578 121 961$76

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

O Conselho Fiscal, em obediência aos preceitos legais e estatutários, vem submeter à vossa apreciação o seu Relatório e Parecer sobre o Balanço e Contas referentes ao exercício de 1971.

Constitui o Relatório do Conselho de Administração um importante documento que, pelo indiscutível valor e oportunidade das suas considerações, e por dar inteira satisfação às disposições da Lei e dos Estatutos, merece o nosso inteiro apoio.

O incondicional aplauso às justíssimas palavras com que o Conselho de Administração refere os 125 anos de actividade do Banco de Portugal constitui — sem sombra de dúvida — o mais adequado pórtico para o somatório das considerações que, agora, vimos submeter à vossa esclarecida apreciação.
Com a pureza de linguagem e elegância de forma a que há muito nos habituou, o Conselho de Administração foca na sua exposição, não só os condicionalismos que a nível nacional e internacional influenciaram a actividade do nosso Banco, como ainda enuncia claramente aqueles que deverão ser criados para a sua natural expansão e consolidação. Dentre eles, tem especial relevância a concessão de agências, pelo que secundamos as esperanças formuladas no sentido de, a breve trecho, vir a ser resolvido de forma equitativa um problema de tão transcendente importância para a vida desta Instituição. O esforço do Conselho de Administração para manter o nosso Banco fiel às responsabilidades da sua tradição em todas as operações do mercado financeiro português merece, da nossa parte, as mais elogiosas referências e uma chamada de atenção muito especial.

Agradecemos, ainda, ao Conselho de Administração as amáveis palavras que nos dirigiu e todas as facilidades que nos concedeu para o bom desempenho da nossa missão.

Dentro das atribuições específicas do Conselho Fiscal, examinámos regularmente todos os elementos de contabilidade, incluindo saldos e valores, os quais sempre encontrámos em perfeita ordem.

O Balanço e Contas, para além da sua apresentação dentro das normas legalmente determinadas, assentam em critérios da mais sã classificação e valorimetria, traduzindo fielmente todos os índices económicos e financeiros resultantes da exploração, pelo que temos a honra de propor:

1.º — Que aproveis o Relatório e Contas do Conselho de Administração;

2.º — Que aproveis a proposta de aplicação dos lucros líquidos apresentada pelo Conselho de Administração;

3.º — Que aproveis um voto de muito merecido louvor ao Conselho de Administração pela sua criteriosa e inteligente actuação;

4.º — Que aproveis um voto de louvor ao Director-Geral, Directores e a todos os colaboradores pelo seu dedicadíssimo esforço;

5.º — Que procedais à eleição da Comissão a que se refere o art.º 16.º dos Estatutos.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1972.

O CONSELHO FISCAL

António Calheiros Lopes
Presidente

Carlos Meleiro de Sousa
João Bello de Ortigão Ramos
Manuel Carlos de Viveiros Avides Moreira
António Alves de Carvalho Fernandes

O Relatório, o Balanço e as Contas transcritos foram apresentados e aprovados na Assembleia Geral Ordinária realizada em 28 de Março de 1972. O complemento de dividendo, de 6%, cativo dos respectivos impostos, estará a pagamento na Sede, Filial, Sucursais, Agências e Dependências a partir de 3 de Abril próximo.

PORTUGAL NA VANGUARDA

OS COMPUTADORES NO SECTOR PÚBLICO

Altos funcionários da República Federal da Alemanha encontram-se, desde ontem, em Portugal para estudarem, junto do Ministério da Justiça, a aplicação prática da utilização de ficheiros magnéticos geridos por computador a diversos sectores da administração pública.

É em Portugal — Ministério da Justiça — que se encontra a maior instalação do género em toda a Europa.

Este grupo de visitantes insere-se no quadro de um seminário organizado pela IBM, tendo por tema «A informática no Sector Público — Um melhor serviço ao Cidadão».

Entre os assuntos a debater durante o seminário, contam-se o registo automático do parque automóvel, o cadastro e o registo matricial da propriedade, a planificação municipal e regional, o ensino e o computador.

O processo adoptado pelo Ministério da Justiça e por enquanto aplicado à emissão de bilhetes de identidade foi inteiramente estudado em Portugal e permite em escassos minutos (o que só é possível pela utilização do computador) o tratamento de toda a informação que respeita a determinado pedido.

NA VANGUARDA

A ideia de dotar o Ministério da Justiça com o que de mais moderno existe em matéria de ficheiros magnéticos nasceu em 1969 para atender a um número sempre crescente de pedidos de bilhete de identidade e de certificados de registo criminal. Haveria que dotar aqueles serviços com um sistema prático, rápido e ao mesmo tempo confidencial. Surgiu, então a solução do computador e da criação de registos magnéticos e do ficheiro geral de toda a população.

O computador utilizado para tal efeito é um IBM 360/40, dotado de uma grande capacidade de memória e de registos em discos magnéticos.

O acesso a este ficheiro, faz-se através de uma rede de terminais de écran (tipo televisão) os quais operam à distância, permitindo consultas simultâneas, muito frequentes e com respostas da ordem de 3 a 5 segundos.

A impressão das informações que os bilhetes de identidade contêm, é feita directamente, sob comando do computador, terminais impressores que operam a uma velocidade de 15 caracteres por segundo.

O sistema adoptado coloca Portugal numa posição de vanguarda num dos campos mais evoluídos tecnològicamente.

TRANSPORTES AÉREOS REGULARES NOS AÇORES

Procedeu-se, no gabinete do ministro das Obras Públicas, à cerimónia de assinatura do termo da concessão dos transportes aéreos para o arquipélago dos Açores.

Outorgaram, pelo Governo, o ministro das Comunicações, eng.º Rui Sanches, e pela empresa concessionária, os administradores comandante António Jorge da Silva Soares, em representação da TAP, dr. José Herculano Laranjeiro, em representação da Casa Bensaúde, e dr. António Preto dos Santos.

A concessão foi outorgada à SATA — Sociedade Açoreana de Transportes Aéreos — que, para o efeito, foi transformada em uma sociedade anómima de responsabilidade limitada, contando entre os seus principais accionistas a TAP e a «Casa Bensaúde».

O contrato de concessão abrange de entrada a exploração das seguintes linhas regulares: S. Miguel/Santa Maria/S. Miguel; Terceira/Santa Maria/Terceira; Terceira/Faial/Terceira.

A exploração de cada linha será efectuada com ou sem escala por pontos intermédios ou em combinação com as outras linhas integradas na concessão.

O contrato prevê, além disso, a exploração de serviços não-regulares quer entre os aeroportos incluídos na rede de serviços regulares, quer, a partir destes, para qualquer outra inha do arquipélago.

O plano de trabalho da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil para 1972/73 inclui a construção de aeródromos nas ilhas da Graciosa e de S. Jorge, permitindo estender a estas ilhas e à ilha das Flores, onde já existe um aeródromo, a rede local de transportes aéreos. Por outro lado, a participação da TAP na nova empresa assegurará a indispensável coordenação entre a rede interna do arquipélago e as ligações para o exterior, a cargo da concessionária nacional de transportes aéreos, no que respeita tanto aos serviços de cabotagem para o Continente e Madeira, como nos serviços internacionais para os Estados Unidos da América e Canadá.

Estiveram presentes à assinatura do contrato, os governadores dos distritos autónomos dos Açores, dr. António de Freitas Pimentel, dr. Teotónio Machado Pires e coronel Basílio Pina de Oliveira Seguro, o secretário-geral do Ministério das Comunicações e director-geral da Aeronáutica Civil, eng. Victor Veres, o eng. Vaz Pinto, presidente do conselho de administração da TAP, o embaixador Xara Brasil e o sr. Filipe Bensaúde.

No uso da palavra o eng. Vaz Pinto afirmou:

«Assim se resolveu um problema que preocupava as populações e as autoridades do arquipélago — ali tão dignamente representadas pelos governadores — proporcionando-se aos Açores e aos seus povos um serviço público dos mais fortes reflexos no seu progresso.»

Depois, como presidente do conselho de administração da empresa accionista, formulou aos directores da nova sociedade os melhores votos de êxito na execução dos serviços agora a seu cargo.

As últimas palavras couberam ao eng. Rui Sanches que, depois de alguns agradecimentos, manifestou a sua convicção de que a concessionária dos voos dos Açores será um elemento dos mais proveitosos para o desenvolvimento do arquipélago e promoção das suas populações. A terminar, fez votos por que o aproveitamento do transporte aéreo facilite contactos mais rápidos e próximos, permitindo aos serviços continentais abeirarem-se mais frequentemente das entidades regionais, procurando, com elas, resoluções para grandes e pequenos problemas.

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CARROS USADOS
Modelos DATSUN com garantia
Grandes facilidades de pagamento
ENTREPOSTO
Praça de Moscavide (aos Olivais) - Tels. 314060/1/2/3/4/5/6/7/8/9
Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A - Tel 765480 - Lisboa
Rua D. Estefânia, 118-A (ao Arco do Cego) Tels 533271 - 553310

PESCADORES E BARCOS: vida atribulada

Texto de FRANCISCO CARTAXO
Fotos de NELSON DE VASCONCELOS

Barcos parados na doca. O arranjo das redes. Faina que ocupa marinheiros e marítimos. No terreiro junto vende-se peixe acabado de chegar. Apoiados num barco (cansado) de viagens de trabalho, vários pescadores. Que todos os dias costumam voltar. Que sofrem as tempestades do mar.

O rio ali pertinho espreguiça-se para o mar. O rio azul, a península (romanizada) na outra margem. Alguns cargueiros levam da cidade os seus produtos: sal, peixe e conservas. Cidade piscatória.

O drama quotidiano: os barcos, novas viagens, de partida e regresso. De madrugada. Vêem nascer o sol, as nuvens caprichosas, sentem as brisas nos rostos amadurecidos, escutam, por vezes, «os desejos» das gaivotas. Sobem o estuário do grande rio. O seu fim é o peixe. Há dias fracos. Outros animadores. Os homens voltaram do mar. Exaustos. Precisam do aconchego do lar. Agora estão ali parados no terreiro, de mãos nos bolsos, de braços cruzados, a ver o rio e os barcos. Outros consertam as redes. É o momento de pausa. Alguns partiram um dia para terras distantes. Em busca de outro trabalho.

Para a pesca também e para a construção civil. Melhorar a vida, sua, e dos filhos e mulher.

A vida é dura no mar. O trabalho não compen-

De mãos nos bolsos, de braços cruzados, junto de um barco, marir

Chegada e descanso para pescadores e barcos...

sa. Desgasta o homem, devolve-o, quando em terra, a uma nostalgia estranha e mórbida. O pão é todos os dias reclamado em casa, pelas crianças e pela mulher. Sem dinheiro, dizem, não temos forças para o trabalho porque nos falta o alimento.

Voz pausada:

Esta vida é difícil, um homem sofre muito. mas gostamos disto. Em dia que não se possa ir ao mar é dia de tristeza.

O mais velho do grupo, (cansado e doente, já com netos casados), desabafa: **Em rapaz nunca temi o mar, mas houve temporais medonhos. Num ia morrendo, fiquei bastantes horas à deriva com o barquito cheio de água, chovia muito. Ainda lá vou de vez em quando. Custou-me abandonar aquela vida.**

De mãos nos bolsos, olhar distante, talvez o mais jovem (?) disse: **Voltei da tropa há pouco. Gostei de África. Cheguei a ir à pesca lá.**

A mulher (do terreiro) vendia peixe. Avental, lenço, chinelos, sotaque da região acentuado, faces rosadas e uma certa maneira de apregoar. Testemunhou: **Ai esta vida é dura, meu senhor. Toda a gente quer comprar peixe barato. Não há dinheiro, esta gentinha ganha pouco e, muitas vezes nem há trabalho.**

marinheiros e marítimos descansam.

EM 3 LINHAS

Foi aberto um crédito de 1 500 000$00 para reforço de uma dotação do programa de investimentos do III Plano de Fomento da província de São Tomé e Príncipe para o ano corrente.

///

Foi criada a Capitania dos Portos do Zambeze e extinta a Delegação Marítima de Tete.

///

Um decreto-lei, pelo Ministério da Educação Nacional, fixa os novos quadros do pessoal do Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil.

///

O sr. Jean Deschepper foi nomeado chanceler do Vice-Consulado de Portugal em Bruges.

///

Foi provido, interinamente, no cargo de inspector-adjunto, o sr. Armindo Cândido de Oliveira Carvalho Ferreira da Silva, inspector de segurança do quadro único da Direcção-Geral de Segurança.

Estão abertos concursos para provimento de diversos lugares de professores extraordinários do Instituto Superior Técnico.

///

Está aberto concurso para a obra de ampliação e arranjo do edifício da Estância de Santa Maria Madalena (Ponte de Lima). Base de licitação: 1 485 014$00.

///

Na sala de sessões da Junta do Crédito Público, realiza-se, no dia 31, o 40.º sorteio trimestral de certificados de aforro.

///

Foram aprovadas as características das notas de 50$00 a lançar em circulação na província de Moçambique.

///

Constam de um decreto, pelo Ministério da Educação Nacional, disposições relativas ao vencimento dos professores de Organização Política da Nação e Economia Corporativa dos institutos industriais e comerciais.

///

Um decreto, pelo Ministério do Ultramar, insere disposições legislativas destinadas a adoptar medidas que permitam a solução de alguns problemas formulados pelos governos das províncias ultramarinas, principalmente no que se refere a alojamento, assistência e remuneração dos funcionários.

///

Foi autorizado o Município de Fafe a contrair na Caixa Geral de Depósitos um empréstimo de 7 847 500$00 para melhoramentos na sede do concelho.

///

O dr. Guilherme Luís Faria Câncio Martins foi nomeado para desempenhar o cargo de director de serviços do Centro Urbano do Gabinete da Área de Sines.

///

Assume o cargo de chefe da Brigada de Estudo e Construção de Obras Hidráulicas de Cabo Verde o eng. Renato Augusto Bernardo de Figueiredo.

///

Foi nomeado, provisòriamente, conservador dos registos do Ultramar, com colocação na comarca de Moçambique, o dr. Luís Filipe da Silva Rocha.

///

Foi autorizado o pagamento de remunerações horárias ao pessoal incumbido do serviço de leitura nocturna na Biblioteca Nacional de Lisboa.

///

Em seguimento do acordo internacional estabelecido pelos países da Conferência Europeia dos Correios e Telecomunicações (CEPT) foram fixadas taxas para telegramas entre Portugal e diversos países que constam da III série do «Diário do Governo»:

///

Está aberto concurso, pelo prazo de vinte dias, para reparação de arruamentos e construção de parques de estacionamento em Odivelas.

Espelho da Imprensa

QUEM OLHA PELOS GAROTOS?

«O «BAIRRO novo» é o antigo «bairro da lata», junto à Praça de Touros de Vila Real de Santo António, transformado em acolhedor centro urbano graças ao empenho do actual presidente da Câmara. Os «garotos», nem todos felizmente, são o remanescente de um modo de vida quase marginal, em que os pais nem sempre dão conta dos seus problemas, muito menos se preocupando com os dos filhos, e em que estes nem sempre encontram nos professores tempo e vocação para os encarreirarem na vida da maneira que mais desejável seria.

Escorraçados de um viver familiar que poderia ser-lhes útil na formação, moralmente semi-desamparados na escola, os garotos do bairro novo, do Bairro Dr. Joaquim Romão Duarte, vivem e crescem num clima de incompreensão e rebeldia. Quando se agrupam, surge o caos, cada um ignorando o lugar que poderia preencher, se mais amizade e compreensão existissem à sua volta, para dar apenas vazão a instintos porventura ancestrais de rapinagem e malfazer, em que procura sobrelevar os outros.

E assim vão aparecendo as «certezas» em volta dos garotos do bairro novo: a barraca-arrecadação, despojada de ferragens e madeiras, que o fogo queimou e o ferro-velho talvez adquirisse por um pataco; a mulherzinha do «lugar» frequentemente roubada daquilo que deixa à mão; todos os quintais das imediações com as árvores de fruta assaltadas, para o que pulam os muros ou abrem as portas, sem indícios de um mínimo de respeito; casas apedrejadas e com vidros partidos; gente desassossegada pelo bater constante de quem, à falta de melhor, encontra motivo de diversão no tocar às portas.

São assim, por enquanto, os garotos do bairro novo, a quem os vizinhos consideram praga autêntica. E o que serão amanhã, se o seu «caso» não for visto quanto antes, com «olhos de ver«?»

TOMAR __ CINCO ESCUDOS POR UM LITRO DE LEITE

(S.P., in «Jornal do Algarve»)

«Ainda que pareça inconcebível, um litro de leite, em Tomar custa a «bagatela» de 5$00...

A história conta-se em poucas linhas:

A cidade do Nabão pôs de parte, há poucos anos, as anacrónicas, bilhas de leite para se entregar, confiadamente, a uma empresa que garantia a distribuição domiciliária em embalagens plásticas. Apesar do seu custo ser mais elevado do que o habitual a população considerou as vantagens de higiene e aceitou de bom grado os carrinhos transportadores com pessoal de bata branca, ou os postos de venda onde também existem outros produtos inerentes.

Pois há alguns meses o preço de 4$40/litro deixou de se praticar nestas paragens para haver uma obrigatoriedade de compra de dois meios litros, perfazendo a soma de 5$00 ou seja, como diria La Palisse, um aumento substancial (mas não oficial) de $60 no orçamento familiar diário para quem não for além de um litro.

As discussões são constantes entre comprador e vendedor, aparecendo, por vezes como por milagre, uma embalagem de litro que é ardorosamente disputada para ser conquistada pelas mãos mais ágeis.

Num dos concelhos limítrofes, cenas como aquela são frequentes, mas como em Tomar ainda não tinham aparecido «fenómenos» desta natureza, havia confiança na concessionária, com a qual ainda não se tinham levantado problemas.

Aguardemos, porém, o que irá passar-se no futuro...»

(in «Diário do Ribatejo»)

2 SENSACIONAIS EXCURSÕES
Avião a jacto. Acompanhados por Delegado abreu
Hotéis de 1.ª classe e luxo
ÁFRICA — ÁFRICA DO SUL - MOÇAMBIQUE RODÉSIA - ANGOLA. Este ano enriquecida com VICTÓRIA FALLS.
Partidas: 16/3; 13/6; 22/8.
27 dias de viagem. Preço: 33.800$
JAPÃO — "O SONHO DO JAPÃO" JAPÃO - TAILÂNDIA - HONG-KONG MACAU - FILIPINAS - PÉRSIA.
Partidas: 21/3; 16/7; 6/8; 3.9.
24 dias de viagem. Preço: 39.600$
abreu desde 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 320021 — PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 37921 — COIMBRA - R. Sota, 2 - Tel. 27011

SABA
A MARCA ALEMÃ Nº 1
Rádio · TV · Gravadores · Estéreo · Hi Fi
representantes exclusivos:
ESTABELECIMENTOS M. SIMOES JR., S.A.R.L.
RUA DOS DOURADORES, 43 - TEL. 361763 - LISBOA
RUA SANTO ANTÓNIO, 208 - TEL. 25581 - PORTO

CUPERTINO DE MIRANDA:

"O dinheiro deve fazer riqueza para todos"

Continuação da pág. 24

contos para 14 600 000 contos. O total do crédito concedido aumentou 26,9 porcento, 14.560.000 contos em 1970 e 18.490.000 contos em 1971.»

Mais adiante, disse o orador: «O ano de 1971, ficou assinalado de modo especial pela extensão do Banco Comercial de Angola a Moçambique, onde, mercê da incorporação das dependências do Barcleys Bank D.C.O. e do dinamismo logo desde o início posto na sua acção, o nosso Banco passou a ocupar posição de relevo nos principais centros populacionais: Lourenço Marques, Beira, João Belo, Nampula e muito em breve Quelimane.

No prolongamento da sua actuação em todas as direcções dos territórios que dedicadamente serve, instalando nelas, profusamente, agências convenientemente estruturadas, nem sempre o lucro imediato tem sido seu objectivo. Pelo contrário, algumas delas têm sofrido e continuarão a sofrer, por tempo indeterminado, uma exploração de resultados empresariais negativos; mas sabemos, de certeza, que promovendo com o crédito o desenvolvimento de pequenos e esperançosos aglomerados populacionais, paralelamente incentivamos o progresso económico e social desses territórios.»

«O dinheiro, antes de fazer a fortuna de algum deve fazer riqueza para todos»

Reportando-se, especificamente, ao papel que virão a desempenhar no crédito a médio e a longo prazo do Departamento Financeiro criado em Angola e Moçambique, o Sr. Arthur Cupertino de Miranda afirmou: «Sobre a sua justificação e necessidade nada se impõe dizer, de tal forma elas são evidentes e conhecidas em face das estruturas características das economias de Angola e Moçambique, onde a dimensão das potencialidades económicas por explorar só tem limite na carência dos capitais disponíveis e das técnicas susceptíveis de imprimir a máxima rentabilidade aos investimentos. E ao pensar deste geito temos presentes, não só o necessário encaminhamento para tais investimentos dos capitais nacionais como também de todos aqueles que, de origem externa embora, ofereçam garantia de conveniente dedicação aos objectivos propostos pelo desenvolvimento regional ou nacional do espaço português.

Ora, para tanto, os Departamentos Financeiros em causa podem ser via natural de acesso pelas garantias oferecidas e expedientes de mobilização legalmente consagrados. Tudo está em que, a par dos convenientes dispositivos e meios, seja instituído um suporte eficaz a eventuais mobilizações de valores e certeza da sua liquidez ao longo da vida das operações efectuadas.

Só razões de ordem técnica, algumas delas relacionadas com dificuldades de aplicação dos dispositivos legais impediram que tão importantes instrumentos de crédito tivessem desde já concretização, o que sinceramente se deseja venha a ocorrer em breve, dentro dos limites de autorização a estabelecer pela presente Assembleia Geral.

Assume, de facto, tal relevo a necessidade de formas novas e especiais de crédito na dinâmica a imprimir, na conjuntura actual, à economia das nossas Províncias do Atlântico e do Índico, que não duvidaremos recomendar o aumento do capital do Banco, para o efeito, quando for necessário e o condicionalismo do mercado financeiro o permitir.

Os capitais pedidos à poupança sempre que assentes em bases sólidas e se destinem ou correspondam a criação de riqueza, são sempre úteis ao investimento e fonte de progresso económico da Nação.

E quanto mais se intensificarem os movimentos de capitais no sentido produtivo, assim mais se reduzirão os limites às especulações bolsistas e de mercado.

O dinheiro, antes de fazer a fortuna de alguns, deve fazer riqueza para todos.»

Uma palavra de saudação e de agradecimento

Antes de terminar as suas considerações, aquele eminente banqueiro, depois de evocar as memórias dos accionistas António de Sousa Lara e José Pinto da Silva Lello, disse a propósito da presença do B.C.A. em Moçambique: «Algumas palavras mais se impõem relacionadas com a vida do nosso Banco no ano transacto.

Uma, de saudação a Moçambique e às suas actividades económicas para renovar o compromisso tomado no momento solene da abertura das instalações de Lourenço Marques, de tudo fazer para levar às terras portuguesas do Índico o mesmo esforço posto ao serviço da economia angolana.

Saudação que envolve também a renovação de um agradecimento pelas honras e deferências com que o Banco Comercial de Angola foi distinguido nesta sua nova dimensão, especialmente dirigido ao então Senhor Governador-Geral do Moçambique, Engenheiro Arantes e Oliveira, aos Secretários Provinciais e às demais autoridades dessa Província e de Angola presentes em todos os actos festivos que aí ocorreram.

Agradecendo, outrossim, aos Bancos Emissores de Angola e Moçambique, tão dignamente representados nos mesmos actos e ao nosso Associado, Banco Português do Atlântico que com igual intenção fez deslocar à Costa Oriental de África o seu ilustre Presidente do Conselho de Administração.

Outro agradecimento é devido ao nosso Associado Barcleys Bank International Limited, não só pela forma como sempre conduziu as negociações que levaram à incorporação do Banco Comercial de Angola das Dependências do Barclays Bank D.C.O. em Moçambique, como também pela cooperação que após essa integração vem prestando às nossas actividades, com a colaboração do Senhor Douglas John Band como seu Representante no nosso Conselho de Administração.»

A concluir as suas afirmações, o sr. Arthur Cupertino de Miranda reafirmou ainda: «Vou terminar agradecendo a Suas Excelências, o Ministro do Ultramar e Subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino, bem como a Suas Excelências os Governadores-Gerais, de Angola e Moçambique e Secretários Provinciais dos respectivos Governos-Gerais, a compreensão com que nos animaram no trabalho intenso de um exercício difícil.

E, finalmente, o testemunho do nosso respeito e admiração às nossas valorosas Forças Armadas pela tranquilidade e segurança que ofereceram à Nação, permitindo às actividades económicas dos nossos Territórios de África um sereno e fecundo labor, com o qual pudemos também servir Portugal.»

A provadas importantes medidas de gestão e eleitos os corpos gerentes para o próximo triénio

O Dr. Moreira Rato, Presidente da Mesa, depois de agradecer as referências que lhe tinham sido feitas pelo Sr. Arthur Cupertino de Miranda, pôs à votação da Assembleia o n.º 1 da ordem do dia que este órgão aprovou por unanimidade. Também, nos termos do n.º 3 do Parecer do Conselho Fiscal, foi aprovado por aclamação um voto de louvor «ao Conselho de Administração pela superior e segura orientação imprimida aos negócios do Banco, extensivo aos seus colaboradores, pela dedicação e competência reveladas ao longo do exercício.»

Outras propostas, dentro da Ordem do dia, foram apresentadas pelo sr. Silva Lello, com correlativa intervenção do Dr. Acácio Gouveia que propôs também que o voto de louvor já aprovado fosse extensivo ao Conselho Fiscal. Também este voto foi aprovado por aclamação tendo o Dr. Taborda Ferreira, Presidente deste órgão social, agradecido aquela resolução e salientado que «considerava o trabalho desenvolvido pelo Conselho Fiscal como o estrito cumprimento de um dever.

Passando-se ao n.º 3 da ordem dos trabalhos, o Sr. Prof. Doutor Gonçalves de Proença, Vice-Presidente do Conselho de Administração do B.C.A., remeteu para a Mesa, justificando-a detalhadamente, uma proposta no sentido de que aos Departamentos Financeiros a criar em Administração do B.C.A., remeteu para a Mesa, justificando-a detalhadamente, uma proposta no sentido de que aos Departamentos Financeiros a criar em Angola e Moçambique sejam consignadas as verbas correspondentes às percentagens legais necessárias para o efeito.

Seguidamente, e ainda dentro da ordem do dia, procedeu-se à eleição dos corpos gerentes para o próximo triénio.

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE—CPE

S. A. R. L.

CAPITAL: 5.700.000 CONTOS

Sede
Rua de Sá da Bandeira, 567
PORTO

Estabelecimento Central
Avenida Infante Santo, 15 - 1.º
LISBOA

DIVIDENDO DO EXERCÍCIO DE 1971

Avisam-se os Senhores Accionistas que se encontra em pagamento a partir de 10 do próximo mês de Abril, o dividendo do exercício de 1971 — 80$00 por acção, cativo de impostos para os accionistas — atribuído às acções emitidas pelas Hidro-Eléctrica do Zêzere, Hidro-Eléctrica do Cávado, Hidro-Eléctrica do Douro, Companhia Nacional de Electricidade e Empresa Termoeléctrica Portuguesa, de que a Companhia Portuguesa de Electricidade — CPE, assumiu todos os direitos e obrigações pela fusão daquelas Sociedades concessionárias de aproveitamentos hidroeléctricos, de empreendimentos termoeléctricos e de transporte de energia eléctrica, cujas centrais e instalações constituem a rede eléctrica primária.

A importância líquida por acção é a seguinte:

Acções ao portador	52$37,4
Acções nominativas	69$61,6
Acções ao portador registadas	70$17,6
Acções averbadas a Instituições de Previdência	79$44

Este pagamento, mediante a apresentação dos títulos ou dos cupões n.º 22 para as acções emitidas pela Hidro-Eléctrica do Zêzere e n.º 28 para as acções emitidas pela Companhia Nacional de Electricidade, será efectuado na Sede da Companhia ou no Estabelecimento Central em Lisboa, e nos seguintes Estabelecimentos de Crédito:

— Caixa Geral de Depósitos
— Almeida, Basto & Piombino & C.ª
— Banco Agrícola e Industrial Viseense
— Banco da Agricultura
— Banco do Alentejo
— Banco de Angola
— Banco Borges & Irmão
— Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
— Banco Fernandes Magalhães
— Banco de Fomento Nacional
— Banco Fonsecas & Burnay
— Banco Intercontinental Português
— Banco Nacional Ultramarino
— Banco Pinto & Sotto Mayor
— Banco Português do Atlântico
— Banco Totta & Açores
— Bank of London & South America
— Crédit Franco-Portugais
— Crédito Predial Português
— Montepio Geral
— Pinto de Magalhães, Lda.

PORTO, 29 de Março de 1972

O CONSELHO DE GERÊNCIA

CAMISAS
POR MEDIDA
O seu género a seu gosto
Hirondelle
R. Pedro Nunes, 39
(Ao - SALDANHA)

SALLUSTRO: UM MILHÃO

Continuação da primeira página

de, um informador disse aos jornalistas que se tratava apenas de um indivíduo que dormia profundamente, embriagado.

«Creio que receberemos dezenas de informações deste género nas próximas horas», disse o funcionário da polícia.

Ontem ao fim da noite, a companhia Fiat tinha anunciado que não estava em condições de atender às exigências postas pelos raptores para a libertação do seu director e dirigiu um apelo ao ERP para que não levasse a cabo a ameaça de o matar.

Fontes da polícia disseram que estava ainda a ser estudado um documento que poderá ser o último comunicado dos raptores e que até agora ainda não foi divulgado pela Imprensa.

Os queerilheiros marxixtas do ERP distribuiram seis comunicados desde que Sallustro foi raptado na terça-feira. O comunicado número sete diz que o Governo tem «agido com insolência» neste caso e avisa que essa atitude leva o ERP a tornar-se mais decidido a executar Sallustro.

O comunicado, tal como os anteriores, foi encontrado num bar da cidade, mas a sua autenticidade oferece dúvidas.

Os últimos momentos antes de expirar o prazo anunciado pelos guerrilheiros para a execução do dirigente da firma italiana foram dramáticos de expectativa, tendo a mulher do raptado dirigido um apelo aos captores do marido.

Por seu turno, a Fiat explicou que não está na sua mão atender as exigências feitas pelo ERP, na medida em que se trata de medidas políticas, dependentes da autorização do Governo argentino.

Agência do divórcio fácil

NOVA YORK, 29 — (ANI) — Não é preciso ser rico para se conseguir o divórcio» — **afirma a «Agência do Divórcio Fácil Kit»**

Em anuncios nos jornais, a Kit oferece o divórcio por 75 dólares (dois mil escudos) e trata dos papéis para a separação por 25 dólares (680 escudos).

A comissão para «divorcio leal com compensação justa» ataca o processo da Kit, numa carta dirigida ao procurador geral do Estado, a senhora Harriet Gross, presidente da comissão, disse: «Qualquer advogado, por mais incompetente que seja, será melhor do que uma agência Kit.»

Nixon e o plano Hussein

Continuação da primeira página

presidente declarou que os Estados Unidos estavam dispostos a prosseguir os seus esforços com vista a obtenção de uma paz «justa e duradoura».

Não se sabe se os dirigentes americanos prometeram aumentar a ajuda económica e militar a Jordânia que actualmente se eleva a 80 milhões de dólares por ano (cerca de 2,1 milhões de contos).

O conteúdo das conversações que tem sido classificadas de «muitos cordiais» está a ser ciosamente guardado em segredo.

«TERROR» NAS ELEIÇÕES

AMÃ, 29 — (F. P.) — As eleições na Cisjordânia decorreram sob uma atmosfera de terror em presença de um importante contingente de forças da ordem», anunciou hoje a agência jordana de informação, citando informações provenientes da Cisjordânia.

«As autoridades israelitas de ocupação, acrescenta a agência, tomaram importantes medidas para impedirem os cidadãos árabes de exprimirem a sua oposição a esta consulta».

A GUERRA DO JORNALISTA

As revelações do jornalista Jack Anderson, que põem em causa a poderosa companhia ITT e o próprio governo de Nixon, vêm sublinhar a importância crescente da informação no mundo moderno e a necessidade de garantir a independência dos meios a ela ligados e dos profissionais que lutam pelo esclarecimento dos factos. A guerra de palavras que aquele jornalista desencadeou em Washington só é possível, por outro lado, porque a sociedade americana, apesar de tudo, ainda preserva um mínimo de liberdades,que permitem à Imprensa, pelo menos de vez em quando, exercer a sua função de serviço público e participar mais activamente na política do país, não servindo apenas de mero veículo das forças que se digladiam no panorama nacional ou internacional.

Em 1971, a vitória do «New York Times», que viu confirmado pelos tribunais o seu direito de divulgar os famosos documentos do Pentágono acerca dos bastidores da guerra do Vietname, constitui um exemplo do papel que a Imprensa deve desempenhar. Agora, o caso Anderson poderá transformar-se noutra demonstração de «poder jornalístico» e alterar mesmo as perspectivas eleitorais nos Estados Unidos.

Anteriores revelações de Anderson, a propósito do conflito indo-paquistanês, já haviam exposto a fragilidade da política de Nixon relativamente ao Sul da Ásia. As suas actuais acusações à ITT, de financiamento ilegal da campanha do Partido Republicano do presidente e de colaboração com a CIA num eventual golpe de Estado no Chile contra o presidente marxista Salvador Allende, representam uma investida frontal contra a «política do dólar», ou seja contra aquilo que se considera ser a essência do «imperialismo» americano — a aparente sujeição governamental aos interesses das grandes empresas.

Entretanto, as revelações de Anderson ameaçam arrastar o novo secretário da Justiça, Richard Kleindienst, cujo departamento aparece envolvido na questão da ITT, pois a companhia teria visto resolvido mais a seu contento um processo por violação da lei anti-«trust» após ter contribuido com 400 000 dólares para a convenção republicana deste ano.

A. VILLAVERDE CABRAL

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

Jack Anderson acha-se assim, em 1972, prestes a obter no domínio do combate interno contra a corrupção efeito comparável ao do «New York Times», o ano passado no que diz respeito à política externa dos EUA. Mas, enquanto os documentos do Pentágono diziam respeito ao envolvimento democrático no Vietname, o presente escândalo toca a administração republicana e, até às eleições de Novembro, muita coisa pode acontecer.

Quiseram matar Salvador Allende

SANTIAGO DO CHILE, 29 — (R.) — Uma conspiração das direitas para assassinar o presidente Allende e tomar conta do poder durante o último fim de semana foi revelada, ontem à noite, pelo ministro do Interior, Herman Del Canto, ao mesmo tempo que o Congresso se separa para debater as acusações feitas contra empresas e organismos oficiais norte-americanos de terem conspirado para tentar impedir o presidente chileno de tomar posse, após, a sua eleição em 1970.

O Ministro do Interior disse que os conspiradores foram impedidos de realizar os seus planos, que incluíram um ataque ao palácio Presidencial, o assassínio do dr. Allende e a tomada do poder por militares.

Entretanto, foi anunciada a nacionalização das fábricas de explosivos da companhia americana Du Pont, que em 1970 produziam 5 mil toneladas de galinhite e dinamite.

O Governo chileno comprou as acções da companhia por um milhão de dólares e nomeou o coronel Sergoi Nuno como director.

SURTO DE VARÍOLA

Continuação da primeira página

vacinações em massa em toda a Jugoslávia.

Na capital própriamente dita, a doença provocou a morte de três pessoas. Até agora foram já vacinadas mais de um milhão de pessoas. Belgrado registou 23 casos de pessoas atacadas de varíola - segundo declarou uma comunicação das autoridades sanitárias.

O vespertino da capital Novosti, citando círculos oficiais, informava ontem que na Sérvia mais de 200 pessoas contraíram a varíola ou eram suspeitas de a terem contraído. Informação que entra em discrepância com uma notícia oficial, a falar sómente em 75 casos detectados na República da Sérvia.

De acordo com as informações do Novosti, em Belgrado estão colocadas de quarentena 337 pessoas.

BOM APETITE

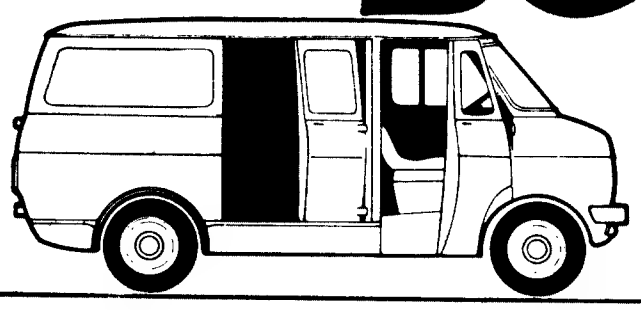
RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 79 02 11
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/15 anos)

VIRIATO
SNACK - BAR
RESTAURANTE
CERVEJARIA
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55 - 57
Telefone 530758
(Aberto até às 2 h.)

TONI DOS BIFES
NÃO TEM SUCURSAIS
Av. Praia da Vitória,50-E
Telef. 53 60 80
ABERTO AOS DOMINGOS

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

CARRINHAS
Bedford CF

VEJA AS SUAS VANTAGENS EM QUALQUER CONCESSIONÁRIO BEDFORD
ATÉ 30 DE ABRIL
CONDIÇÕES ESPECIAIS

CONCESSIONÁRIOS:
AÇORES — Álvaro Tavares e Fos., Lda. — Rua dos Mercadores — Ponta Delgada — S. Miguel. ALMADA — Lemauto — União Automóveis, S. A. R. L. — Avenida Marginal — Margueira Nova. AVEIRO — Stand Justino — Largo de Camões, 2-A. BEJA — Costa & Silva, Lda. — Rua de Lisboa. BRAGA — Fernando Diogo Simão — Avenida Marechal Gomes da Costa, 520. CALDAS DA RAINHA — Auto-Industrial, S. A. R. L. — Rua Eng. Duarte Pacheco, 12. CASTELO BRANCO — Luís Domingos & Irmão, Lda. — Bairro da Carapalha. COIMBRA — Auto-Industrial, S. A. R. L. — Avenida Navarro, 36. COVILHÃ — Saraiva Ramos & C.ª, Lda. — Largo da Infantaria 21, n.º 31. ELVAS — Antunes & Guerra, Lda. — Rua da Cadeia, 33. ÉVORA — Acinauto, Lda. — Rua Serpa Pinto, 43. FARO — Farauto, Lda. — Largo do Mercado, 49-51. GUARDA — Egrauto, Empresa Guardense Rep. Aut., Lda. — Rua Dr. Manuel Arriaga. LEIRIA Auto-Industrial, S. A. R. L. — Rua Capitão Mousinho de Albuquerque. LISBOA — Auto-Industrial, S. A. R. L. — Avenida Duque de Loulé, 93. — Sorel, S. A. R. L. —Rua Filipe Folque, 12. MADEIRA— Welsh, Gomes & Aguiar, Lda. — Funchal. OLIVEIRA DE AZEMÉIS — Garagem Justino — Rua António Alegria. PONTE DE SOR — Rodrigues & Figueira, Lda. — Rua Luís de Camões. PORTIMÃO — Farauto, Lda. — Rua da Guarda, 49. PORTO — Moto-Meca, R. L. — Rua Manuel Pinto Azevedo, 574. SANTARÉM — Guiauto — Automóveis e Camiões do Ribatejo, Lda. — Praceta Pedro Escuro, 9. SETÚBAL — Gemorauto, Comércio de Automóveis, S. A. R. L. — Rua do Bocage, 23-A, 1.º Esq. TOMAR — Auto Acessórios, Lda. — Rua de Coimbra. VILA REAL — Moreira Carvalho & Botelho, Lda. — Rua Marechal Teixeira Rebelo, 17. VISEU — Auto Justino Santos, Lda. — Avenida da Bélgica.

ESPIRAL

UMA NOVA CIDADE EM TRÓIA

- eis o que a Torralta se propõe criar, segundo refere o Relatório e Contas do seu Conselho de Administração agora aprovado em Assembleia Geral

«Gostaria de reafirmar o que da comparação dos números dos relatórios e contas nos anos sucessivos se pode concluir, quanto à evolução da actividade económica e financeira da Empresa. Muito embora as receitas globais de exploração não tenham ainda alcançado o volume para que tendem, visto que se encontra numa acentuada fase de investimento e sem que a Empresa confine inteiramente a sua acção a uma monoactividade de prestação de serviços e oferta de bens turísticos, a verdade é que elas têm subido em ritmo tal que ultrapassa as melhores previsões, situando-se já hoje ao nível de cerca de 68 000 contos».

Definidoras de uma vontade realizada e de uma luta triunfante, estas palavras do almirante Sarmento Rodrigues, Presidente do Conselho de Administração de TORRALTA, proferidas no decorrer da Assembleia Geral Ordinária da Empresa, reunida sob a presidência do juiz conselheiro dr. Manuel dos Santos Victor, constituiram expressivo reforço do importante documento apresentado nessa reunião.

A assembleia tinha por missão discutir, aprovar ou modificar o Relatório do Conselho de Administração, o Balanço e as Contas, bem como o Relatório e Parecer do Conselho Fiscal, referentes ao exercício de 1971 e ainda proceder à eleição nos termos dos estatutos dos membros da Mesa da Assembleia Geral, do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal.

Documento importante, o Relatório do Conselho de Administração da Torralta ilustra bem a acção desenvolvida por uma empresa que na corrida turística do País, procura estar na vanguarda dos empreendimentos. Se o País se abalança a infra-estruturas e investimentos turísticos capazes de garantirem uma participação influente do Turismo na economia nacional, a TORRALTA acelera o ritmo de formação dos seus investimentos, consciente dos benefícios que a actividade turística lhe porporcionará, garantindo ao País, simultâneamente, fontes absolutas e vincadamente influentes no Rendimento Nacional.

Provam-no o complexo turístico da Praia de Alvor, recentemente enriquecido com o Hotel D. João II, unidade central do complexo existente. Provam-no as ampliações a que procede no Hotel Golfinho, tendentes a torná-lo mais funcional. Provam-no, ainda, os investimentos realizados em Tróia, onde a Torralta possui, actualmente uma área de 1 000 000 metros quadrados para urbanização e onde as construções já crescem na perspectiva de uma futura cidade de 30 000 habitantes. Provam-no, também, as herdades e reservas de caça do Alentejo, onde se procede já à produção de carne e seus derivados, frutas e produtos agrícolas, capazes de abastecerem os centros turísticos da Empresa e de proporcionarem trabalho e rendimento aos que vivem em regiões com poucas possibilidades de desenvolvimento turístico.

A importante comunicação do almirante Sarmento Rodrigues

No decorrer da assembleia geral, que aprovou, por unanimidade, os documentos postos à discussão, o sr. almirante Sarmento Rodrigues, Presidente do Conselho de Administração da Torralta, proferiu a seguinte comunicação:

«Em meu nome e no dos meus colegas no Conselho de Administração apresento a Vossas Excelências os mais distintos cumprimentos e lhes dirijo muitas cordeais saudações.

Sinto que estamos todos aqui reunidos no intento de contribuir para o progresso da nossa Empresa, acompanhando a sua administração e orientando os seus passos pelos melhores caminhos que garantam a segurança e ao mesmo tempo o engrandecimento do património e a rendabilidade da exploração dos bens.

Por isso a Administração quer agradecer todo o apoio que lhe tem sido manifestado pelos Senhores accionistas, de resto indispensável para o prosseguimento da sua actividade. Deseja, no entanto, exprimir o seu especial reconhecimento ao digno Conselho Fiscal pela valiosa colaboração que sempre nos tem prestado, examinando atentamente os nossos procedimentos e dando-nos, pela sua autorizada fiscalização, a segurança de que nos encontramos no bom caminho. E ainda manifestar quanto ficámos sensibilizados com as palavras de incentivo que tiveram a generosidade de nos exprimir.

«Uma empresa em franca ascensão»

Como sempre, o documento fundamental, que se encontra submetido ao exame, discussão e aprovação é o Relatório do Conselho de Administração, no qual está integrado o Balanço e a Conta de Ganhos e Perdas, e que é acompanhado do autorizado e indispensável Relatório e Parecer do Conselho Fiscal. O Relatório, balanço e contas dão assim uma completa informação do estado em que se encontra a nossa Empresa. Por ele poderemos apreciar a dimensão que atingiram os investimentos, o valor dum património que apresenta já aspectos de verdadeira grandeza. Assim como, da sua comparação com os documentos similares dos anos anteriores, se poderá verificar o seu grau de crescimento, se poderá concluir que TORRALTA é uma empresa em franca ascensão.

E isto em todos os campos de acção. Tanto nas actividades mais antigas, no Algarve, como nos seus recentes investimentos em Tróia. No entanto, o que nos parece mais digno de destaque, o que é mais representativo do crescimento da nossa Empresa traduz-se principalmente: na elevação de capital autorizada de cento e trinta para duzentos e trinta mil contos, o que constitui, além dos novos meios de acção e progresso que assim nos são permitidos, uma prova de confiança outorgada à Empresa por quem de direito; no impulso que foi dado aos empreendimentos em Tróia, traduzido no acelerado ritmo das construções do Hotel-Clube, edifícios de apartamentos e novos restaurantes; na aquisição de 56% das acções da Anglopor que eram propriedade da Petrofina, o que nos permitiu ser possuidores de 97% do capital daquela empresa e consequentemente da totalidade dos seus bens, constituidos pelas moradias, pelas torres e pelo novo Hotel D. João II, assim como do restante património definido por uma grande área de terreno na Praia de Alvor, com planos de urbanização aprovados.

Gostaria ainda de reafirmar o que da comparação dos números dos relatórios e contas nos anos sucessivos se pode concluir, quanto à evolução da actividade económica e financeira da Empresa. Muito embora as receitas globais de exploração não tenham ainda alcançado o volume para que tendem, visto que se encontra numa acentuada fase de investimento e sem que a Empresa confine inteiramente a sua acção a uma monoactividade de prestação de serviços e oferta de bens turísticos, a verdade é que elas têm subido em ritmo tal que ultrapassa as melhores previsões, situando-se já hoje ao nível de cerca de 68 000 contos.

Progressos realizados já no ano corrente

Mas além de tudo o que o relatório aponta e que se refere apenas ao ano civil de 1971, não posso aqui deixar de fazer uma referência a outros acontecimentos que significam outros tantos progressos verificados neste curto espaço de tempo, do fim do ano para cá.

Adquirimos, em condições muito justas, o bem conhecido Hotel da Meia Praia, em Lagos, colocado numa situação privilegiada para o turismo, entre o nosso Hotel Golfinho, na Praia de D. Ana, e os empreendimentos da Praia de Alvor. Será como que um elo de ligação entre as nossas actividades e mais um elemento de valorização do nosso património.

Procedemos à inauguração do Hotel D. João II, na Praia de Alvor, numa cerimónia memorável que teve a presença honrosa de Sua Excelência o Presidente da República e de Sua Excelência o Secretário de Estado de Informação e Turismo e das mais altas autoridades civis, militares e eclesiásticas, assim como de um escol distinto de personalidades dos meios políticos, financeiros, económicos e sociais que quiseram associar-se a um acto que traduz um assinalado progresso para o turismo no Algarve.

Na verdade, este modernissimo hotel possue de características funcionais incomparáveis, pois, além de estar implantado em plena praia, dispõe de piscina de água salgada aquecida e outras comodidades para exercício de desportos.

Tivemos ainda oportunidade de realizar uma operação que julgamos de grande interesse futuro para a TORRALTA, a compra do prédio n.º 70 da Avenida Duque de Loulé, em Lisboa, anexo ao rés-do-chão que os nossos escritórios ocupam. Sem que os encargos assumidos nos acarretem quaisquer prejuizos, antes pelo contrário, poderemos ainda afirmar que esperamos no futuro dar um destino muito apropriado e conveniente a esta nova aquisição.

Com estas três informações adicionais ficam, portanto, os Senhores Accionistas com um mais desenvolvido conhecimento da valorizada situação actual da nossa Empresa.

Realizações futuras

No entanto, afigura-se-me também aconselhável dar uma rápida perspectiva daquilo que encaramos para o ano corrente, pelo menos, e também para o próximo futuro. Faço-o já com uma certa segurança, aquela segurança duma experiência anterior, da qual podemos extrair uma lição de confiança, pois que as nossas promessas têm sido, felizmente, excedidas em vez de iludidas. Mas, apesar disso, toda a prudência é aconselhável.

Temos em construção na Praia de Alvor uma série de instalações destinadas ao melhor aproveitamento dos espaços entre as torres A, B e C. Ali ficarão, além de serviços condignos de recepção para a Torre C, supermercados, cafés, lojas e um «bowling». Aquele primeiro conjunto ficará assim altamente valorizado e em condições de maior rendimento.

Por outro lado, TORRALTA financiará a construção a levar a efeito pela Anglopor, de três novas torres e dois hotéis, dentro do propósito da progressiva efectivação do plano de urbanização aprovado.

Prosseguirão os trabalhos em curso no sentido de ampliação e modernização do Hotel Golfinho que esperamos venha a ser, talvez já em 1973, uma das maiores unidades hoteleiras de todo o Algarve.

TRÓIA: um ambicioso programa em execução

Quanto a Tróia, prosseguirá com intensidade a execução do programa anunciado. Durante o ano corrente contamos poder oferecer 200 camas nos blocos de apartamentos, para serem ocupadas já na próxima época balnear. Está em construção um «self-service», dos maiores existentes na Europa, com capacidade para 2000 pessoas/ hora, tendo anexa a maior piscina do nosso País; assim como outro «sef-service» para todo o pessoal trabalhador. Far-se-á o aproveitamento e organização da praia do Bico das Lulas, alargando assim consideràvelmente a zona balnear de Tróia. Prosseguirão os trabalhos do Hotel-Clube, de modo a ser aberto no próximo ano, como uma das mais modernas e progressivas unidades hoteleiras do nosso País, com um bloco inteiro de «suites» com piscinas privativas de água salgada!

E não queremos adiantar, referindo-nos aos grandes planos, às inovações que temos, mais do que em mente, em decidida preparação.

Palavras de apreço e reconhecimento

Ora, para que tudo isso possa ser realizado e encarado, tornou-se necessário dispor de elementos válidos capazes de assegurar e levar por diante os projectos e a administração dos bens e serviços.

Por isso, não quero deixar de exprimir aqui o meu grande apreço pela acção dos Senhores Administradores que cada um dentro da sua esfera de acção, contribuiram de forma dedicada e inteligente para a resolução dos inúmeros problemas que nos vários sectores houve que defrontar. Mas seria injusto se não especializasse a acção destacada, incasável, exaustiva, dos Senhores Administradores-Delegados, Snrs. Agostinho da Silva e José da Silva. O primeiro dirigindo as múltiplas actividades da Empresa em Lisboa, em Tróia e no Alentejo; o segundo encarregado da complexa administração do grande conjunto do Algarve, nas torres, nos hóteis, nas moradias, nos restaurantes, nos depósitos de materiais, nos abastecimentos-conjunto já hoje digno de respeito. Da maneira como se houveram falam os grandes progresso verificados e o perfeito funcionamento de todos os serviços. Nunca seriam demasiados os louvores que eu lhes desejaria prestar. Pode dizer-se que dedicaram práticamente toda a sua vida a servir a TORRALTA, da qual são accionistas, sim, mas na qual são também accionistas cerca de 5 000 portugueses.

Gostaria também de não esquecer e de não deixar sem uma lembrança de apreço os devotados colaboradores, todos os que trabalham na TORRALTA, nos escritórios, nos armazéns, nos hóteis e apartamentos, nos restaurantes e nos serviços vários, pois todos eles se têm conduzido de modo a prestigiar a Empresa e com ela o turismo português.

Para todas as autoridades de quem dependem as nossas actividades, em Lisboa, em Tróia, no Alentejo e no Algarve, especialmente nos Ministérios das Finanças e Economia, das Obras Públicas e Comunicações, do Interior, da Marinha, Corporações e Previdência e na Secretaria de Estado de Informação e Turismo a quem mais directamente está ligada a nossa acção; nos Governos Civis dos Distritos de Setúbal, Beja e Faro, nas Câmaras Municipais de Setúbal, Grândola, Beja, Lagos e Portimão; nas Capitanias dos Portos de Setúbal e Portimão; nas entidades que orientam o turismo no Algarve; na Guarda Nacional Republicana, Polícia de Segurança Pública e Guarda Fiscal; para todos, enfim, os que nos têm ajudado, e por vezes animado, vão as nossas reconhecidas saudações.

Objectivo da Torralta: «servir a nossa terra e a nossa gente, Portugal e os Portugueses»

Aos nossos visitantes, os que utilizam os serviços que pomos à disposição do turismo do nosso País, queremos testemunhar o desvanecimento que sentimos por nos terem distinguido com a sua presença, porque ela é a melhor resposta ás nossas permanentes dúvidas em busca das soluções acertadas. E se este nosso «Club de Férias» tem, na verdade, conseguido proporcionar férias agradáveis a muitos milhares de pessoas, de famílias, ao mesmo tempo que tem garantido boas condições de trabalho e rendimentos compensadores a milhares de portugueses, sentimos que em alguma medida estamos alcançando os objectivos que nos propusemos: servir a nossa terra e a nossa gente, Portugal e os Portugueses.

Por isso nos sentimos tranquilos, assim como profundamente honrados e agradecidos, com a presença entre nós do venerando Chefe do Estado, incarnação dos superiores interesses da Nação.»

O CRESCIMENTO DA TORRALTA TRADUZ-SE, PRINCIPALMENTE

- ★ **na elevação de capital autorizada, de 130 para 320 mil contos, o que constitui, além de novos meios de acção e progresso, uma prova de confiança outorgada à empresa por quem de direito**
- ★ **no impulso que foi dado aos empreendimentos em Tróia, traduzido no acelerado ritmo das construções do Hotel-Clube, edifícios de apartamentos e novos restaurantes**
- ★ **na aquisição de 56 por cento das acções da Anglopor, que eram propriedade da Petrofina, o que permitiu à Torralta ser detentora de 97 por cento do capital daquela empresa e, consequentemente, da totalidade dos seus bens, constituídos pelas moradias, pelas torres e pelo novo Hotel D. João II, assim como do restante património definido por uma grande área de terreno na Praia de Alvor, com planos de urbanização aprovados**

(Do discurso do presidente do Conselho de Administração da Torralta, amirante Sarmento Rodrigues, na reunião da Assembleia Geral da empresa)

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

É do seguinte teor o Relatório do Conselho de Administração da Torralta, aprovado pela Assembleia Geral:

«Senhores Accionistas:

O Conselho de Administração de TORRALTA Club Internacional de Férias, S. A. R. L., cumpre, nos termos legais e estatutários, o grato dever de

CARACTERÍSTICAS (PREVISÍVEIS) DA FUTURA CIDADE DE TRÓIA

«Toda a força da futura cidade de Tróia derivará da região em que se insere e do (aeroporto internacional _ estaleiro de construção naval Serenave _ Sines), isto porque Tróia será escolhida, naturalmente, por todos os que tenham capacidade de «mobilidade» e aqueles para quem mais contam as condições de vida habitacional. É dentro destas premissas que a criação da nova cidade de Tróia tem a sua total justificação, porque, não sendo uma localização de empregos, para além daqueles que ela própria gera, pode vir a prestar serviços ímpares a uma região tão vasta como é a região das novas indústrias da área de Setúbal»

(Do Relatório e Contas do Conselho de Administração da Torralta)

O almirante Sarmento Rodrigues na Assembleia Geral da Torralta:

"Estamos alcançando os objectivos que nos propuzemos: servir a nossa terra e a nossa gente, Portugal e os Portugueses"

submeter à apreciação de V. Exas. o Relatório, Balanço e Contas referentes ao exercício de 1971.

Por considerar o Turismo Internacional e Nacional de importância elementar para o desenvolvimento da Empresa, entendeu o Conselho de Administração fazer uma análise, embora simples e despretenciosa, da conjuntura turística de modo a permitir aos seus accionistas a antevisão possível do futuro da TORRALTA:

1. Panorama do Turismo Europeu

O ano de 1971 não pode considerar-se, a nível internacional de significativo contributo para o desenvolvimento turístico dos países, porquanto surgiram certas limitações a dificultar os movimentos de turistas.

A conhecida crise monetária que pôs em causa o dólar como meio de pagamento internacional, chegando a provocar graves dificuldades a turistas que em férias na Europa viam rejeitado o dinheiro que possuiam, as flutuações verificadas em várias moedas, a incerteza sobre possíveis valorizações ou desvalorizações das mesmas moedas, retiveram nos seus países muitos turistas potenciais.

A quebra no crescimento dos rendimentos dos países industrializados da Europa actuou também como travão ao maior desenvolvimento dos movimentos turísticos.

Ainda o agravamento dos preços dos transportes aéreos (IATA), principalmente no Atlântico Norte, poderá ter contribuído para a desaceleração desses movimentos.

A contrapor a estas limitações, houve medidas benéficas para o turismo, sendo de salientar a intensificação dos voos de fretamento que se verificou em 1971.

Quanto à importância económica do Turismo Internacional, e segundo as estatísticas disponíveis, as receitas turísticas de 1970 cresceram de 12%, cabendo aos países membros da OCDE 81% do conjunto das receitas mundiais.

Em valor absoluto estas receitas elevam-se a 490 milhões e 400 milhões de contos, respectivamente.

A distribuição de receitas turísticas e suas taxas de crescimento em relação ao ano anterior, nos países europeus membros da OCDE, no ano de 1970, pode apreciar-se no seguinte quadro:

(Em milhares de contos)

PAÍSES	RECEITA TURÍSTICA	TAXA DE CRESCIMENTO
ESPANHA	47.040	28 %
ITÁLIA	45.864	0.4 %
FRANÇA	33.348	11 %
REINO UNIDO	29.120	20,6 %
ALEMANHA	28.644	12 %
ÁUSTRIA	27.972	27 %
SUÍÇA	20.524	14 %
PAÍSES BAIXOS	11.788	26 %
BÉLGICA	9.744	10 %
DINAMARCA	8.792	21 %
PORTUGAL	6.216	33 %
GRÉCIA	5.432	30 %
IRLANDA	5.404	3 %
NORUEGA	4.368	22 %
SUÉCIA	4.004	13 %
FINLÂNDIA	3.360	43 %
TURQUIA	1.792	39 %

Quanto à influência do Turismo na Balança de Pagamentos, as receitas do Turismo Internacional representaram em 1969 (fontes de informação disponíveis) 5% do conjunto das exportações de bens e serviços nos países membros da OCDE e 6% para os países europeus membros desse organismo.

A participação das receitas turísticas na Balança de Pagamentos de cada país pode apreciar-se no quadro seguinte:

(Em milhares de contos)

PAÍSES	RECEITAS TURÍSTICAS	EXPORTAÇÃO DE BENS E SERVIÇOS	PERCENTAGEM
ESPANHA	36.708	109.396	33,6
PORTUGAL	8.680	38.976	22,3
ÁUSTRIA	21.980	99.344	22,1
GRÉCIA	4.200	29.344	14,3
IRLANDA	5.236	38.892	13,5
SUÍÇA	22.288	198.044	11,3
ITÁLIA	45.696	472.332	9,7
DINAMARCA	7.280	112.868	6,5
FRANÇA	30.016	508.536	5,9

— Sómente se referem os países com taxas mais significativas.

— As receitas de Portugal incluem as remessas de emigrantes.

Para uma Balança Comercial Portuguesa tradicionalmente deficitária, a percentagem indicada é bastante expressiva na composição da Balança de Pagamentos.

Quanto à importância das receitas turísticas internacionais no produto nacional bruto (P. N. B.) dos países europeus membros da OCDE, ela cifra-se em 1,4% em 1969, para 1,1% em 1960.

Os países com participação mais importante, em relação ao seu P. N. B., em 1969 são a Áustria — 6,3%, a Irlanda — 5,5%, Portugal — **5,4%** e Espanha — 4,6%.

Contudo, esta participação do P. N. B. é incompleta e subestima a importância do Turismo na Economia Nacional porquanto não se consideraram as receitas do Turismo Interno.

2. Portugal no contexto do Turismo Europeu

Pelos indicadores atrás referidos se conclui que Portugal, com desenvolvimento adequado das suas infra-estruturas e investimentos turísticos, poderá conseguir mais influente participação do Turismo na Economia Nacional.

Para além dos dados evolutivos referidos, haverá que enquadrar o conjunto das suas estruturas turísticas no Grupo Europeu mais votado ao interesse pelo Turismo. O crescimento das suas receitas atingiu em 1970 33% em relação ao ano anterior; a média de crescimento anual nos últimos 10 anos foi de 31%. A participação das suas receitas em relação à exportação de bens e serviços foi de 22,3% em 1969, para 5,1% em 1960.

As receitas turísticas externas tiveram uma participação na formação do P. N. B. português de 5,4% em 1969, para 1% em 1960.

Vejamos, então, índices que caracterizaram a estrutura turística portuguesa perante o enquadramento europeu.

A taxa de densidade turística dá-nos os seguintes valores em 1970:

PAÍSES	HABITANTES (milhares)	CAMAS (milhares)	QUANTIDADE DE HABITANTES POR CAMA
PORTUGAL	9.500	73	130
ESPANHA	33.000	682	48
ÁUSTRIA	7.500	496	15
GRÉCIA	9.000	119	76
IRLANDA	3.000	54	56
ITÁLIA	54.000	1333	41
DINAMARCA	5.000	55	91
SUÍÇA	6.000	258	23
REINO UNIDO	56.000	773	72
YUGOSLÁVIA	20.000	176	114
TURQUIA	34.000	195	174

As taxas de crescimento, do número de camas em 1970 em relação ao ano anterior, são as seguintes (principais):

Yugoslávia	15
Grécia	10
Irlanda	9
Espanha	6
Turquia	5,6
Austria	4,9
Itália	3,6
Portugal	**3,2**
Suiça	1,7
Reino Unido	1,3

Vejamos seguidamente a procura turística externa de Portugal comparativamente com os países europeus, e ainda a capitação turística em relação às populações residentes.

PAÍSES	RESIDENTES	TURISTAS EXTERNOS	TURISTAS POR RESIDENTES %	DORMIDAS	DORMIDAS POR RESIDENTES
PORTUGAL	9 500 000	1 586 000	17	4 700 000	**0,5**
ESPANHA	33 000 000	24 100 000	73	—	
ÁUSTRIA	7 500 000	8 867 000	118	59 000 000	7,9
GRÉCIA	9 000 000	1 407 000	16	—	—
IRLANDA	3 000 000	1 950 000	65	—	—
ITÁLIA	54 000 000	10 370 000	19	69 300 000	1,3
DINAMARCA	5 000 000	1 174 000	40	3 500 000	0,7
FRANÇA	50 000 000	13 700 000	27	125 000 000	2,5
SUÍÇA	6 000 000	6 840 000	114	21 000 000	3,5
REINO UNIDO	56 000 000	4 540 000	8	—	—
TURQUIA	34 000 000	446 000	3	—	—

Para a Espanha o número «Turistas Externos» refere o total de visitantes.

As taxas de crescimento de entradas de turistas em 1970 são, em relação ao ano anterior as seguintes:

Portugal **33,8%**; Grécia 23,5%; Noruega 22,3%; Irlanda 20%; Reino Unido 15,6%; Dinamarca 14,4%; França 13,2%; Áustria 13,1%; Espanha 11,2% Espanha 11,2%.

O número de dormidas cresceu de 1969 para 1970 segundo as seguintes percentagens:

Portugal 17,3%; Áustria 16,4%; Espanha 12,1%; Dinamarca 10,9%; França 10,3%; Alemanha 9,1%; Alemanha 9,1%; Suiça 8,5%.

Embora não se disponha ainda de indicadores internacionais para o ano de 1971 poderá prever-se que no ano de 1971 continuará a linha de tendência crescente do desenvolvimento turístico nacional.

3. Evolução turística portuguesa

A actividade turística portuguesa em 1971 continuou a progredir em ritmo acentuado tendo-se verificado 3,8 milhões de entradas o que traduz um aumento de 15,7% em relação ao ano anterior.

Também o número total de dormidas foi de 8 716 000, o que significa um acréscimo em relação ao ano anterior de 5,1%. As receitas turísticas, no período de Janeiro a Setembro acusaram um valor superior a 5,8 milhões de contos o que significa um acréscimo de 24% relativamente ao período homólogo do ano anterior. Pode prever-se que o volume total de receita ultrapassará as verificadas em qualquer ano anterior.

Quanto à participação na Balança de Pagamentos, as receitas atingem 15,2% das exportações de bens e serviços (período de Janeiro a Setembro).

A taxa de ocupação geral (camas) foi de 51,6%.

Para poder apreciar-se a evolução do turismo em Portugal apresentam-se seguidamente indicadores relativos aos últimos três anos.

INDICADORES	1969	1970	Taxa crescimento %	1971	Taxa crescimento %
Entradas Estrang.	2 785 368	3 342 887	20,0	3 867 025	15,7
Receitas Turíst.	4 792 000	4 694 000 (a)	32,8	5 838 000 (a)	24.0
Camas	70 938	73 236	3,3	73 752	0,7
Taxa de Ocupação	42,6	47,6	—	51,6	—
Dormidas	7 352 576	8 290 411	12,8	8 716 000	5,1

(a) — As receitas turísticas de 1970 e 1971 referem-se ao período de Janeiro a Setembro.

Depois da fase de recessão turística de 1968, o turismo nacional parece readquirir o interesse das iniciativas privadas necessário ao progresso económico. Também do ponto de vista de transportes, embora não se tenha conseguido ainda a total liberalização de voos de fretamento, há que salientar a intensificação verificada em 1971.

4. A empresa no turismo nacional

A TORRALTA adquiriu já, no conjunto do Turismo Nacional, uma posição que nos apraz registar pelo seu significado socio-económico.

A aceleração incutida ao ritmo de formação dos seus investimentos fixos irá por certo, em breve prazo, demonstrar que o Conselho de Administração da Torralta está consciente dos benefícios que a actividade turística lhe proporcionará, garantindo ao País, desde logo, fontes absolutas, e vincadamente influentes no Rendimento Nacional.

Apreciando alguns indicadores existentes poderá concluir-se que a participação da Empresa é já manifestamente significativa.

Assim, situado o seu complexo turístico na Praia de Alvor no terceiro Concelho de movimento turístico do País (Portimão, onde o número de dormidas - ano só é ultrapassado por Lisboa e Cascais), o número de camas disponíveis da Empresa, na referida praia, num total de 1252, representa 63% do total incluíndo o Hotel Golfinho é de 1.400.

As dormidas verificadas na Praia de Alvor somaram 145 319 o que representa em relação a 1970 um acréscimo de quase 100%.

Também as dormidas verificadas no Hotel Golfinho, somando 37 663, representam um acréscimo de 40% em relação ao ano anterior.

Acrescente-se que o número de dormidas do Complexo Turístico da Praia de Alvor representa, no período de Janeiro a Setembro, 30% do total de dormidas do Conselho de Portimão e 9,2% do Distrito de Faro.

Também o número de dormidas do Hotel Golfinho representa, em igual período, 17% das dormidas do Concelho de Lagos.

A taxa de ocupação na Praia de Alvor foi de 46% e no Hotel Golfinho 70%.

5. investimentos da empresa

Tem sido preocupação dominante do Conselho de Administração realizar a melhor, mais rápida e mais segura aplicação dos seus valores de investimentos adoptando políticas conducentes à formação de infra-estruturas válidas e susceptíveis de boa rendabilidade.

Os investimentos em curso e projectados para 1971 e anos seguintes cuja progressão se tornava necessário estimular, a fim de se concluirem com os mais baixos custos de produção e permitirem à Empresa o início rápido das novas explorações turísticas, implicavam a canalização de meios de financiamento avultados, pelo que o Conselho de Administração procedeu não só à elevação de 10 000 contos de Capital Social autorizado para cada ano, como solicitou ao Ministério das Finanças autorização para a sua elevação de mais 100 000 contos.

Depois de negociações e acerto de determinados condicionalismos foi a Torralta autorizada a elevar, em fases, o seu Capital Social para 230 000 contos, tendo-se já procedido ao 1.º aumento de 15.000 contos.

Os investimentos realizados na Praia de Alvor em 1971 são complementos ao Complexo Turístico já existente.

Assim, montou-se um «Self-service», amplicou-se o Restaurante «A BARCA», instalou-se um refeitório para o pessoal e construiram-se 3 novos armazéns. Está em construção um edifício com instalação de Bowling, um supermercado e um Pavilhão de Jogos.

Deve destacar-se também a organização do Hotel D. João II, unidade central do complexo já existente, dotado de 440 camas, um restaurante, piscinas, sendo uma delas aquecida. Está prevista a inauguração oficial desta unidade para a primeira quinzena de Fevereiro de 1972.

Também no Hotel Golfinho prossegue a sua ampliação que o tornará numa unidade mais funcional e de que se prevê a conclusão para fins de 1973.

Dos investimentos realizados em Tróia deve referir-se em primeiro lugar a aquisição de mais

Continua na página seguinte

"É prova de confiança na Torralta a autorização para elevar o seu capital"

Continuação da pag. anterior

400 000 m2 de terreno, possuindo a Torralta presentemente a área de 1 000 000 m2 para urbanização.

Também as construções estão já em pleno crescimento, havendo a destacar o Restaurante «BICO DAS LULAS», já acabado, o «Hotel Club», 13 edifícios que comportarão cerca de 1400 camas, arruamentos, instalações de água e energia eléctrica.

Para Tróia o futuro parece predestinar-lhe um tipo de desenvolvimento assaz diferente, com largo coeficiente de residentes originados pelas infra-estruturas económicas projectadas por áreas limítrofes e ainda como pólo de convergência de Turistas em busca do seu pitoresco e das suas majestosas praias.

No Alentejo, onde a Torralta possui diversas herdades com reservas de pesca e de caça, efectuaram-se também pequenos investimentos, especialmente aramagem e preparação das reservas de caça destinadas ao aproveitamento turístico.

Um dos principais investimentos da Empresa em 1971 foi, estamos disso conscientes, a aquisição de 56% das acções da Anglopor, ficando a Torralta, portanto, com 97% do capital social dessa empresa.

A Anglopor, Empresa proprietária dos terrenos onde construiu o complexo turístico existente na Praia de Alvor, possui ainda:

a) Mais 200 000 m2 de terreno confinante ao complexo já em funcionamento e onde se irá construir:

8 Torres de 10 pisos;
6 Edifícios de 4 pisos;
1 Hotel de 4 estrelas de 350 quartos;
2 Hoteis de 180 quartos cada;
1Hotel Apartamento de 223 quartos.

Somando um total de cerca de 3 300 camas.

Áreas comerciais, mercado de abastecimentos e pequenas áreas desportivas e recreativas.

b) Outro terreno, denominado Quinta da Praia, sobranceiro áquele com a área também de 200 000 m2 e cujo plano de urbanização prevê vários edifícios comportando cerca de 2 500 camas e ainda um Country Club com piscina, ténis e zona hípica.

6. Centros de exploração

6.1. **O Hotel Golfinho** apresenta no ano de 1971 uma taxa de ocupação nunca conseguida até agora — 70% — o que só foi possível por promoção orientada para a época baixa. Os meses de Inverno registaram níveis de ocupação realmente notáveis. Com a ampliação das suas instalações em plena execução o Hotel Golfinho tornar-se-à, por certo, uma unidade de estrutura mais equilibrada.

6.2. **O Complexo Turístico da Praia de Alvor**, em plena exploração, teve em 1971 uma procura turística excepcional (duplicou em relação ao ano anterior) embora se sinta que não se atingiu ainda o nível normal da sua actividade. A sua taxa de ocupação 46% — é bem representativa dessa situação. Prevê-se, contudo, melhoria sensível para o ano de 1972, devido principalmente à promoção orientada para Turismo de Inverno, à sua maior capacidade hoteleira com a inauguração do Hotel D. João II, unidade de 440 camas, e à eliminação quase completa de obras de acabamento nas zonas de exploração.

As explorações de apoio e diversão, como o Restaurante «Barca de Alvor», o «Self-service», a «Cabana», o Minimercado, as piscinas e a Adega tiveram afluência considerável durante o ano, constituindo motivos de atracção turística, meios de divulgação da Empresa além de diversificação da sua actividade económica.

6.3. **No Alentejo** onde a Empresa se dedica a actividades agrícolas e pecuárias, e onde possui diversas reservas de caça e pesca, desenvolve-se uma actividade de produção muito importante e abastecedora dos centros turísticos da Empresa, de carnes e seus derivados, frutas e produtos agrícolas.

Existem presentemente cerca de 7 000 cabeças de gado e diversas explorações agrícolas.

Assinale-se o sentido sócio-económico desta integração vertical na Empresa, não só pela possibilidade de melhores custos de produção, como os benefícios daí resultantes para as populações residentes junto dos seus centros de turismo que não encontram na Empresa um concorrente nos seus mercados habituais e por isso não participa na formação de preços nem nas suas possíveis flutuações; e ainda os benefícios que a Empresa, como entidade que explora o turismo, concede às populações de regiões com poucas possibilidades de desenvolvimento turístico, dando-lhes trabalho e rendimento.

6.4. **Para Tróia**, a Torralta — do mesmo passo que dá pleno desenvolvimento ao empreendimento turístico que ali tem em curso — não pode alhear-se da circunstância de a criação das novas «áreas de intervenção industrial» enquadrarem geogràficamente, de forma absoluta, a região de Setúbal.

Assim, passa a constituir objecto de especial atenção da empresa a perspectiva que se abre de criação, em Tróia, de uma nova cidade que, respeitando o ambiente facilite a fixação da avultada população que virá a residir na área da Península de Tróia e que, desde já, se avalia em não menos de 30 000 habitantes.

Setúbal — Está prevista a instalação do Estaleiro de Construção Naval, SETENAVE, com capacidade para construir navios gigantes prevendo-se o início das operações para 1973. Dado que as previsões de produção são de cerca 5 navios de 300 mil toneladas por ano, estima-se que venham a ser gerados 5 000 novos empregos que trarão um acréscimo populacional a Setúbal na ordem dos 15 000 habitantes.

Aeroporto — O novo Aeroporto Internacional, previsto para entrar em funcionamento em 1978 e localizado em Rio Frio, terá que ser considerado como elemento altamente vitalizador da região, dado que não se pode afirmar que ele ficará mais ligado a Lisboa ou a Setúbal, embora seja de admitir que esteja a acontecer a Lisboa o que se verifica com todos os grandes polos urbanos acima de um milhão de habitantes que «segregam» efectivamente as populações, mais do que as atraiem. Então verificar-se-á que Setúbal será a cidade que mais ganhará com a influência do Aeroporto.

Assim, Setúbal e a sua área de influência, pode sofrer um acréscimo de 8 000 habitantes, nos próximos 6 anos, devido à localização do Aeroporto em Rio Frio, partindo do princípio de que neste tráfego virão a existir mais ou menos novos 3 000 empregos.

Sines — No que se refere à área de Sines, haverá 20 000 a 25 000 empregos, o que equivale mais ou menos a 80 000 habitantes. Podemos admitir que existirão dentro destes quadros percentagens da ordem dos 10% com rendimentos altos. É destes sectores que, quando a população for superior a 20 000 habitantes, poderá vir a sair o habitante da futura cidade de Tróia, na medida em que tem capacidade económica para suportar as migrações alternantes (quer sejam diárias, quer semanais ou bi-semanais), com toda a sobrecarga de vantagens que daí lhe advêm.

Por outro lado, esta ideia é reforçada pela tendência, que se verifica em todos os que trabalham em cidades industriais, de procurarem habitação longe do local de trabalho. Dado que a moderna cidade de Tróia se situa a uma distância de 80 Km e com condições de vida invulgares do ponto de vista da poluição física e psicológica (o peso sentimental da visão das grandes unidades fabris).

Lisboa — E Lisboa o núcleo urbano mais altamente desenvolvido do país, com aptidões cada vez mais próximas das grandes cidades, e também aquele onde se concentram as populações com rendimentos mais elevados. Por outro lado, temos vindo a assistir à pauperização da habitação em termos de número e, ao mesmo tempo, atingindo valores de locação que se tornam psicològicamente incomportáveis dado que não há contrapartida evidente, pois faz desaparecer a possibilidade duma habitação servir para férias, fins-de-semana e para os próprios tempos livres quotidianos. Isto tem vindo a justificar a cada vez maior fuga dos quadros superiores para as franjas da cidade.

Sem que seja possível determinar neste momento qual a atracção da Nova Cidade de Tróia, em relação às populações da região de Lisboa, podemos afirmar que ela é imensa e não admira que assim seja, dadas as condições ímpares que oferece dentro das proximidades da capital. Assim, estamos certos de que não erramos se dissermos que pelo menos irá provocar o aparecimento da casa de fim-de-semana com tendência para adquirir carácter fixo.

Dentro das perspectivas atrás indicadas é de salientar que não levámos em conta as populações turísticas e também não contámos com a actual população de Setúbal com capacidade económica para se deslocar para Tróia.

Por tudo isto, supomos ser de admitir que há efectivamente possibilidade para fazer surgir uma Nova Cidade com todas as possibilidades de viver, e até com elementos de actuação ímpares, como seria o caso de estruturas urbanas inteiramente novas, em que o contacto com a Natureza estaria sempre assegurado (campo e praia), onde seria quase que abolido o automóvel e não haveria qualquer espécie de poluição, dado que os «pontos de trabalho» estariam todos fora dos limites da cidade.

Tróia será uma cidade que surgirá criada pela própria região e segregada pela própria região, isto porque representa em termos geográficos, localização, clima e condições gerais, um local altamente privilegiado em relação a qualquer outro centro do distrito ou melhor, dentro da área metropolitana de Setúbal, que virá a tornar-se um pólo de convergência de todo o desenvolvimento da Região Industrial Sul do País. É Setúbal que irá dar todo o apoio de equipamento e serviços às populações em crescimento, dado que é o lugar central da região.

Uma cidade como Tróia, terá condições ímpares para habitação permanente, fins de semana ou férias. Será quotidiano o campo e a praia dentro duma situação urbana, o que representa, sem dúvida uma facilidade sem precedentes no quadro dos núcleos urbanos portugueses com possibilidades de grande desenvolvimento.

Toda a força da futura cidade de Tróia derivará da região em que se insere e do quadro de localização de novos empregos Aeroporto-Setenave — Sines. Isto porque Tróia será escolhida, naturalmente, por todos os que tenham capacidade de «mobilidade», e aqueles para quem mais contam as condições de vida — habitacional.

É dentro destas permissas que a criação da Nova Cidade de Tróia tem a sua total justificação. Porque não sendo uma localização de empregos, para além daqueles que ela própria gera, pode vir a prestar serviços ímpares a uma região tão vasta, como é a região das novas indústrias da área de Setúbal.

7. Apreciação económica

Do ponto de vista económico não se apresenta ainda superavitário o conjunto das explorações Turistico-Hoteleira da Empresa, devendo apresentar-se como causas mais importantes os custos de promoção ainda existentes nos centros de exploração e também o lançamento de novas unidades que acarretam sempre, de início, acentuado déficit de ocupação.

As receitas verificadas têm, contudo, subido substancialmente. Assim, o total de receitas nos centros de Exploração foi de 67 300 contos o que representa um acréscimo de 107% em relação ao ano anterior o que ultrapassa as previsões do Conselho de Administração. O valor de vendas de Quotas Partes de Apartamentos foi de 119 000 contos.

Os agrupamentos de custo e receitas de exploração apresentam para o ano de 1971 os seguintes valores acumulados:

Custos:

Custos de Produtos Vendidos	32 783 035$17
Custos de Manutenção	29 548 260$37
Gastos Gerais	58 203 522$79
Rendimentos de Quotas Partes de Apartam.	17 147 809$00
Custos de Quotas Partes de Apartamentos	36 383 554$35
Custos Diversos	7 554 865$40
	182 221 047$08

Nestes agrupamentos de custos estão já incluídos os valores correspondentes às amortizações de instalações e activo incorpóreo que somam respectivamente 10 556 856$75 e 20 641 452$90.

Receitas:

Receitas das explorações	67 312 084$60
Vendas de Quotas Partes de Apartamentos	119 694 596$00
Receitas Diversas	1 194 666$50
	188 201 347$10

No que respeita a acções de Títulos de Férias, foi criada uma provisão de 48.000 contos para permitir a satisfação do encargo com o pagamento de cupões nos anos futuros, enquanto os investimentos em formação não se transformarem em fontes de rendimento.

8. Apreciação financeira

Do ponto de vista financeiro, analisando o Balanço da Empresa poderá concluir-se, pelo valor dos investimentos concretizados e em formação, que o Conselho de Administração mantém a política de desenvolvimento da Empresa, criando as necessárias estruturas de funcionamento.

Assim, os valores de investimentos corpóreos concretizados no ano somam 310 000 contos e o valor dos investimentos em curso apresenta no final do ano um total de 67 500 contos.

Por outros indicadores de gestão financeira, permitindo análise dinâmica do Balanço, conclui-se que as principais origens de fundos, durante 1971, foram as seguintes:

Aumentos de Capital Próprio	102 000 contos
Aumentos do Passivo	348 000 contos
	450 000 contos

E como aplicação de fundos nos aparecem Aumentos do Activo que somam:

Aumentos do Activo	447 000 contos
Aumentos de Contas a Regularizar	3 000 contos
	450 000 contos

Continua na pagina seguinte

Os «racios» de solvabilidade a curto prazo e a longo prazo continuam a assegurar o equilíbrio financeiro da Empresa.

9. Aplicação de resultados

Os resultados líquidos apurados no exercício totalizaram 4 554 046$00.

Propomos para o lucro líquido apurado a seguinte aplicação:

Reserva Legal	500.000$00
Reservas Livres	4.054.046$00
	4.554.046$00

Ao finalizar o presente Relatório quer o Conselho de Administração manifestar pùblicamente o seu reconhecimento pelo firme apoio, elevada compreensão e decidido estímulo, recebidos dos diversos Orgãos de Administração Pública, que se relacionam com as Actividades ligadas ao Turismo.

Igualmente manifesta aos Orgãos de Informação os seus agradecimentos pela valiosa obra de esclarecimento levada a efeito no decorrer do exercício, o que provocou uma natural difusão no conhecimento pùblico das Actividades Turísticas desenvolvidas por TORRALTA.

Regista também o Conselho com muito aprazimento a forma dedicada sempre demonstrada pelos colaboradores em todos os postos em que se desenvolve a hierarquia da Empresa, que se houveram muito digna e distintamente, prestigiando a Empresa e contribuíndo também para o desenvolvimento das relações turísticas e humanas a todos os níveis.

Ao muito digno Conselho Fiscal sentimos o dever de testemunhar o reconhecimento que nos merece a sua valiosa contribuição e a permanente colaboração que sempre nos deu no decurso dos nossos trabalhos.

Deseja também o Conselho deixar ficar bem expressos os seus mais rendidos agradecimentos aos Senhores Accionistas, nacionais e estrangeiros que confiaram e continuam a confiar, pelas provas que a todo o momento nos são transmitidas, no crescimento e engrandecimento da sua Empresa.

O Presidente do Conselho de Administração, **contra-almirante Manoel Maria Sarmento Rodrigues.**

Vogais: **Dr. Joaquim José de Paiva Corrêa, Agostinho da Silva, José da Silva.**

OS OBJECTIVOS DA REUNIÃO DEFINIDOS NO DISCURSO DO ALM. SARMENTO RODRIGUES

«Estamos todos aqui reunidos no intento de contribuir para o progresso da nossa empresa, acompanhando a sua Administração e orientando os seus passos pelos melhores caminhos que garantam a segurança e, ao mesmo tempo, o engrandecimento do património e a rendabilidade da exploração dos bens» — afirmou o presidente do Conselho de Administração da Torralta, almirante Sarmento Rodrigues, durante a reunião da Assembleia Geral da importante empresa.

68 MIL CONTOS - RECEITAS GLOBAIS DE EXPLORAÇÃO DA TORRALTA

★ **Ao proceder à análise comparativa dos números dos relatórios e contas relativos às gerências de anos sucessivos, o presidente do Conselho de Administração da Torralta, almirante Sarmento Rodrigues, sublinhou:**

«Embora as receitas globais de exploração não tenham ainda alcançado o volume para que tendem, visto que se encontra numa acentuada fase de investimento e sem que a empresa confine a sua acção a uma monoactividade de prestação de serviços e oferta de bens turísticos, a verdade é que elas têm subido em ritmo tal que ultrapassa as melhores previsões, situando-se já hoje ao nível de cerca de 68 mil contos»

Continuação da página anterior

DUPLICOU EM RELAÇÃO AO ANO PRECEDENTE A PROCURA TURÍSTICA DO COMPLEXO DA PRAIA DO ALVOR

«O complexo turístico da Praia de Alvor, em plena exploração, teve, em 1971, uma procura turística excepcional (duplicou em relação ao ano anterior), embora se sinta que não se atingiu ainda o nível normal da sua actividade. A sua taxa de ocupação — 46 por cento — é bem representativa dessa situação. Prevê-se, contudo, melhoria sensível para 1972, devido principalmente à promoção orientada para turismo de inverno, à sua maior capacidade hoteleira com a inauguração do Hotel D. João II, unidade de 400 camas, e à eliminação quase completa de obras de acabamento nas zonas de exploração» — afirma-se no Relatório e Contas do Conselho de Administração da Torralta, aprovado em Assembleia Geral.

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

A propósito do Relatório do Conselho de Administração da Torralta, o Conselho Fiscal da mesma empresa emitiu o seguinte parecer

«Senhores Accionistas:

1. O Conselho de Administração de TORRALTA - CLUB INTERNACIONAL DE FÉRIAS, S. A. R. L., apresentou tempestivamente ao Conselho Fiscal o Relatório, o Balanço e a Conta de Ganhos e Perdas respeitante ao exercício que terminou em 31 de Dezembro de 1971, observando o disposto nos artigos 33.º e 34.º do Decreto-Lei n.º 49.381 de 15 de Novembro de 1969.

2. Em conformidade com o estabelecido no artigo 10.º daquele Decreto-Lei procedeu o Conselho Fiscal, regular e periódicamente, ao exame dos registos contabilísticos, tendo verificado:

2. 1. Que a Contabilidade, o Balanço e a Conta de Ganhos e Perdas, bem como o Relatório elaborado pelo Conselho de Administração, expressam fiel e inteiramente os dados contabilísticos, satisfazendo a todos os requisitos legais e estatuários;

2. 2. Que o Conselho de Administração apresentou sempre, devidamente ordenados, todos os documentos e demais esclarecimentos que lhe foram solicitados, para que o Conselho Fiscal, se desempenhasse cabalmente da sua missão;

2. 3. Que os critérios valorimétricos adoptados na avaliação das respectivas Contas foram o dos custos reais não originando, portanto, qualquer alteração nas Contas do Património.

3. Não pode ainda o Conselho Fiscal deixar de registar que o Conselho de Administração o manteve sempre informado das actividades da Empresa, bem como dos empreendimentos em que se tem projectado o seu desenvolvimento e que denotam o constante cuidado posto na sua gerência.

4. Em conclusão somos de parecer:

4. 1. Que aproveis o Relatório, o Balanço e as Contas apresentadas pelo Conselho de Administração, referentes ao exercício que terminou em 31 de Dezembro de 1971;

4. 2. Que aproveis a sua proposta sobre a aplicação do lucro líquido apurado no exercício de 1971;

4. 3. Que procedais à eleição, nos termos dos Estatutos da mesa da Assembleia Geral dos membros do Conselho de Administração e dos membros do Conselho Fiscal;

4. 4. Que aproveis um voto de merecido louvor ao Presidente do Conselho de Administração, aos Administradores Delegados e aos Administradores, Vogais do mesmo Conselho, pelo inexcedível zelo posto na gestão dos bens de TORRALTA - CLUB INTERNACIONAL DE FÉRIAS, S. A. R. L.

O Presidente do Conselho Fiscal, **Eng.º Francisco Gonçalves Cavaleiro de Ferreira.**

Vogais: **Dr. João Lima Amaral Marques, Dr. Paulo Jorge Barreto de Carvalho Ventura.**

Reeleitos os corpos gerentes e louvada, por aclamação, a sua actividade

Antes de encerrar os trabalhos da assembleia - que reelegeu, por unanimidade, os actuais membros da Mesa da Assembleia Geral, do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal, a quem consignou por aclamação votos de louvor «pela competência, dedicação e diligência assinaláveis, que puseram no exercício dos seus cargos» - o Presidente da Mesa, juiz conselheiro dr. Manuel dos Santos Victor, em seu nome e em nome da Mesa a que preside, agradeceu a presença dos Accionistas e, em síntese da sessão sublinhou o engrandecimento, a consolidação e o sentido social da Torralta, que bem revelam o acerto e a concepção que determinaram a sua fundação e a válida projecção atingida no sector do turismo e na economia nacional.

A visita do Chefe do Estado ao Brasil

No dia 2 de Abril, às 10 horas, chega ao Tejo o grupo-tarefa da Marinha do Brasil que, acompanhando três unidades da Armada portuguesa, escoltará o navio «Funchal», no qual se desloca ao Brasil o Chefe do Estado, almirante Américo Thomaz.

O grupo-tarefa brasileiro, comandado pelo contra-almirante Carlos Auto de Andrade, é constituído pelos contra-torpedeiros «Santa Catarina», «Pernambuco» e «Paraná». Atracarão na doca da Marinha.

Morto em combate

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu em combate na província da Guiné, o soldado n.º 16545770, Francisco Ramalho Vitória, natural de Serpa, filho de Joaquim Vitória e de Ludovina Ramalho.

Museu Gulbenkian

Devido à solenidade da Semana Santa, são encerrados a partir de amanhã, reabrindo na terça-feira, o Museu Calouste Gulbenkian e a exposição do movimento Dada, patente ao público na galeria das exposições temporárias da Gulbenkian.

Festival do Ginásio Clube Português

Com a participação de um clube de ginástica francês (Avant-Garde Auscitaine) o Ginásio Clube Português realiza esta noite o seu festival anual de ginástica.

Estão presentes, ainda, ginastas da colectividade em festa e o do Ginásio de Lourenço Marques, disputando-se provas para juvenis e juniores. A representação estrangeira tem como nomes mais famosos as ginastas Christine Reignau (campeã do «comité dos Pirineus»), Velilla Marina, Odila Raibaut e Corine Bouzov.

Proporcionam, assim, os dirigentes da prestimosa colectividade, uma excelente jornada desportiva, no Pavilhão do Campo de Ourique, a partir das 21 e 30. O convite fica feito a quantos gostam de assistir a uma das mais salutares jornadas desportivas anuais.

TORRALTA — CLUB INTERNACIONAL DE FÉRIAS, S. A. R. L.

Sede: Hotel Golfinho — Praia D. Ana — LAGOS

BALANÇO: Referente a 31 de Dezembro de 1971

ACTIVO

I. DISPONÍVEL			
1. **Caixa**			
Em Lisboa, Praia Alvor, Golfinho, Tróia e Beja		6 062 176$14	
2. **Depósitos à Ordem**		58 774 734$26	64 836 910$40
II. REALIZÁVEL			
1. Títulos de Crédito		16 598 000$00	
2. Letras a Receber		8 108 248$00	
3. Clientes		4 017 384$00	
4. Devedores Diversos		51 486 101$94	
5. Armazéns		8 127 540$90	
6. Apartamentos		25 242 579$37	
7. Produções em curso		8 526 900$50	122 106 754$71
III. IMOBILIZADO			
1. Terrenos		152 031 018$70	
2. Edifícios	199 211 775$35		
Amort. Edifícios	5 016 164$30	194 195 611$05	
3. Instalações	11 199 064$60		
Amort. Instal.	1 189 906$70	10 009 157$90	
4. Máquinas e Ferram.	17 378 636$90		
Amort. Máq. e Fer.	3 815 278$50	13 563 358$40	
5. Móveis e Utensílios	40 652 182$95		
Amort. Móv. Utens.	12 884 993$10	27 767 189$85	
6. Viaturas	7 927 913$70		
Amort. Viaturas	1 622 523$30	6 305 390$40	
INCORPOREO	64 743 263$60		
Amortização	36 709 725$90	28 033 537$70	
PARTICIPAÇÕES FINANCEIRAS		91 925 059$80	
INVESTIMENTOS EM CURSO		67 854 475$69	591 684 799$49
IV. CONTAS A REGULARIZAR			3 175 970$87
			781 804 435$47
CONTAS DE ORDEM: Devedores por Garantias Prest.			660 000$00

PASSIVO

I. EXIGÍVEL A CURTO PRAZO		
1. Fornecedores	12 204 104$40	
2. Letras a pagar	33 121 413$80	45 325 518$20
II. EXIGÍVEL A MÉDIO PRAZO		
1. Letras a Pagar	50 115 688$00	
2. Credores Diversos	389 465 227$40	439 580 915$40
III. EXIGÍVEL A LONGO PRAZO		
1. Financiamentos		56 417 404$20
IV. PROV. PAG. CUPONS PREST. SERV.		85 369 355$50
V. CAPITAL PRÓPRIO		
Capital Social	145 000 000$00	
Reserva Legal	1 550 569$32	
Reservas Livres	4 006 626$85	
Resultados do Exercício	4 554 046$00	155 111 242$17
		781 804 435$47
CONTAS DE ORDEM: Garantias Prestadas		660 000$00

O Director Administrativo,
Tenente-Coronel João Maria Bento

O Técnico de Contas,
José António Martins Sanches

O Presidente do Conselho de Administração,
C/Alm. Manoel Maria Sarmento Rodrigues

Vogais:
Dr. Joaquim José de Paiva Corrêa
Agostinho da Silva
José da Silva

TORRALTA — CLUB INTERNACIONAL DE FÉRIAS, S. A. R. L.

Sede: Hotel Golfinho — Praia D. Ana — LAGOS

CONTA DE GANHOS E PERDAS

Em 31 de Dezembro de 1971

DESPESA		RECEITA	
I. Custos de Venda de Produtos	32 783 035$17	I. Receitas das Explorações	67 312 084$60
II. Custos de Venda de Quotas Partes de Apart.	36 383 554$35	II. Vendas de Quotas Partes de Apart.	119 694 596$00
III. Custos Comerciais de Quotas Partes de Apart.	5 906 068$40	III. Receitas Diversas	1 194 666$50
IV. Remunerações dos Órgãos Sociais	878 000$00		
V. Remunerações do Pessoal	14 551 179$00		
VI. Encargos Sociais	4 924 549$85		
VII. Outras Despesas com o Pessoal	3 379 130$10		
VIII. Amortizações (Corpóreo)	10 556 856$75		
IX. Amortizações (Incorpóreo)	20 641 452$90		
X. Contribuições e Impostos	1 396 424$30		
XI. Publicidade Específica	36 495$20		
XII. Encargos Financeiros	5 002 863$62		
XIII. Outros Custos Comerciais Sectoriais	7 588 128$26		
XIV. Outros Gastos Gerais	14 316 888$80		
XV. Encargos c/ Rendimentos de Quotas Partes Apart.	17 747 809$00		
XVI. Custos Diversos	7 554 865$40		
Resultado do Exercício	4 554 046$00		
	188 201 347$10		188 201 347$10

O Director Administrativo,
Tenente-Coronel João Maria Bento

O Técnico de Contas,
José António Martins Sanches

O Presidente do Conselho de Administração
C/Alm. Manoel Maria Sarmento Rodrigues

Vogais:
Dr. Joaquim José de Paiva Corrêa
Agostinho da Silva
José da Silva

HOJE, PARA O "MUNDIAL" DE 74:

Portugal defronta Chipre num jogo de ganhar

Só logo à noite quase à hora de principiar o encontro, José Augusto (seleccionador-treinador) anunciará a formação do «onze» nacional para o jogo da fase preliminar do Campeonato do Mundo de Munique. Sejam quais forem os nomes indicados, uma coisa é certa: o jogo contra o Chipre é um encontro para ganhar. À vontade, analisados os antecedentes dos cipriotas.

Damas ou José Henrique? Para quê dúvidas para o lugar de guarda redes, quando o mais importante é obterem-se golos?

No intervalo entre dois jogos de excepcional responsabilidade (Feyenoord e Ajax(, três dias depois de ter registado a sua primeira derrota no campeonato maior (0-1 contra o Barreirense), quatro dias antes de defrontar, em Paris, uma das melhores (mais regulares) equipas europeias — o Bayern — o Benfica(com excepção dos laterais, conforme tudo indica) defronta hoje uma selecção que costuma inscrever-se nos Campeonatos do Mundo com o único propósito de facilitar a vida aos seus companheiros de grupo. Por outras palavras: Chipre visita-nos hoje à noite, na Luz, num encontro que, normalmente, nada pode dizer; mas que pode vir a representar muito. E porquê?

É tradicional a pouca sorte (?) que costuma acompanhar a nossa selecção em encontros a contar para os torneios oficiais. Tem sido assim (quase sempre) nos jogos do Campeonato do Mundo, tem sido assim (sempre) para o Campeonato da Europa. E isto, não obstante já nos terem saído na «rifa» um Luxemburgo e uma Grécia de fraco valor futebolístico, suficiente todavia para nos derrotarem e afastarem do caminho das qualificações.

Ninguém duvide: Chipre, sendo o adversário mais indicado para a nossa selecção iniciar a sua caminhada para Munique, pode ser encarado como uma faca de dois gumes. Porque, sendo nìtidamente inferior, pode causar uma desagradável surpresa mesmo aqui em Lisboa. É esta hipótese que os nossos seleccionados não esqueceram (a avaliar pelas suas declarações). É esta a esperança que todos temos de que a campanha para Munique não fique desde já manchada com um mau resultado.

QUE É UM MAU RESULTADO?

Mau resultado será, não apenas uma derrota ou um empate, mas também uma vitória mínima. Neste torneio de apuramento, o mais importante (além das vitórias) são os golos que se marcam: e aqueles que não se sofrem. Daí pedir-se à linha avançada de Portugal a marcação de muitos golos, já que todos se lembram ainda da primeira vitória do Sporting sobre os cipriotas do Apoel («Taça dos Vencedores das Taças») por 16-1, onde a nota saliente do resultado foi o golo marcado pelos visitantes. É claro que não pedimos à selecção de todos nós a marcação de tantos golos. Mas, se ficarmos na «meia-dose», já não será nada mau...

A selecção de Chipre, que desbandou Lisboa qual grupo turístico, traz um único jogador profissional (o grego Bambulis) sendo o «capitão» um jogador já conhecido do público português: Stilianu, que fazia parte da equipa do Apoel, nessa aventura vivida em Alvalade.

Seja como fôr: o que se espera é que a turma nacional cõnsiga fazer prevalecer- a sua superioridade teórica, materializada num bom resultado. É isso que o público deseja, não fantando com o seu entusiasmo e os seus aplausos. Futebol, na sua essência, é o golo. E são golos que se pedem, logo à noite, à selecção portuguesa.

Gibbs CONVOCADO para estágio da selecção

Após o êxito espectacular obtido na noite de 4.ª feira passada no Benfica-Feyenoord (distribuição a milhares de espectadores de espuma de barbear «Gibbs») — o seleccionador nacional **convocou** «Gibbs» para o estágio.

Os nossos internacionais receberam com simpatia a presença «Gibbs», aliás já velho conhecido da maioria.

1947
1972
Dardo
25 anos

OFERECE UMA MOEDA OLÍMPICA DE PRATA

NA COMPRA DO NOVO TELEVISOR

SIEMENS
OLYMPIC

O MELHOR NA TÉCNICA E NO PREÇO

7 LOJAS DARDO

AVENIDA DA LIBERDADE, 131
AV. ALMIRANTE REIS, 124
PRAÇA DE LONDRES, 7
RUA DE S. BENTO, 53-57
RUA D. ESTEFÂNEA, 193, D-E
R. GONÇALVES CRESPO, 26-B
R. 1.º DE MAIO, 146 (S. Amaro)

Dada a dificuldade na obtenção de moedas olímpicas, o prazo desta campanha é limitado.

Realizou-se a Assembleia Geral da Cidla que aprovou o relatório das actividades levadas a efeito durante 1971

Sob a presidência do sr. dr. Manuel Ricardo Espírito Santo Silva, secretariado pelos srs. drs. Mário Arez e Urbano Madeira, reuniu a assembleia geral da Cidla, que aprovou o relatório e as contas referentes ao exercício de 1971 e procedeu às eleições previstas nos estatutos.

O presidente do conselho de administração, sr. eng.º Duarte do Amaral usou da palavra para referir alguns dos principais aspectos da vida da empresa durante o ano findo.

Começou por assinalar com tristeza o recente falecimento do sr. dr. João Salgado, que fez parte do conselho de administração da Cidla desde a sua criação. E depois disse: «Desejo felicitar a ilustre comissão executiva e, sem menosprezo para ninguém, destacar a figura invulgar do seu ilustre presidente sr. Francisco do Cazal-Ribeiro, assim como a competência e geral dedicação dos nossos funcionários e outros agentes que, espalhados pelo país fora, movimentam com zelo e proficiência este grande comércio desta grande empresa».

Aludindo depois à influência da nova refinaria da Sacor, construída no Porto, destacou a baixa das importações de gás butano e propano realizadas durante o ano, pelo substancial aumento nos fornecimentos de gás nacional a partir daquela refinaria.

Referindo-se depois à reorganização em curso na Sacor, afirmou: «É claro que o diagnóstico em desenho para a Sacor, tem de ser reelaborado para cada sociedade do grupo.» Na verdade, acrescentou o sr. eng.º Duarte do Amaral: «O que há de comum nestes esforços a fazer é actualizar até aos limites extremos o sistema de governo de cada empresa, adaptando-o às características de cada uma delas e anulando com toda a coragem os pontos fracos das auas organizações ou esferas de acção. A necessidade de lhes dar verdadeiro espírito comercial e agressividade na luta — essas virtudes, por exemplo, não é preciso inculcá-las á Cidla.»

Tendo sublinhado seguidamente a acentuada expansão da empresa nas ilhas adjacentes e no ultramar, disse a terminar: «Esta expansão comercial da Cidla, a nível nacional - no sentido mais amplo e verdadeiro da palavra — pressupõe o exame cuidadoso de importantes problemas, entre os quais avultam os respeitantes aos investimentos e ao pessoal. Para a resolução de todos eles e de outros ainda, aos quais o conselho está particularmente atento, conta-se com a inteligência, visão comercial e dedicação dos nossos empregados e tem-se igualmente a certeza da compreensão dos srs. accionistas aqui presentes ou representados.»

Foram depois aprovados por unanimidade o relatório, as contas e o parecer do conselho fiscal, bem como um voto de louvor ao conselho de administração e outro ao conselho fiscal.

Nos termos dos estatutos, procedeu-se seguidamente à eleição dos corpos gerentes, tendo sido reeleitos como administradores a Sacor e os srs. drs. Henrique Martins de Carvalho e Ricardo Espírito Santo Salgado, bem como os secretários da mesa da assembleia geral, srs. drs. Mário Arez e Urbano Madeira.

Assembleia Geral da Sacor

Sob a presidência do dr. José de Azeredo Perdigão, reuniu-se ontem a Assembleia Geral Ordinária da Sacor.

Na oedem dos trabalhos, figuravam a discussão, aprovação ou modificação do Relatório e Contas do Conselho de Administração e do parecer do Conselho Fiscal, referentes ao exercício de 1971, bem como a realização das eleições para preenchimento de vagas na Mesa da Assembleia Geral, no Conselho de Administração e no Conselho Fiscal.

A anteceder a apreciação e votação do Relatório e Contas, o prof. dr. João Lumbralles, Presidente do Conselho de Administração, fez uma exposição aos accionistas, focando os aspectos mais significativos que influenciaram a vida da empresa no período contemplado e evidenciando alguns dos condicionalismos em que teve de mover-se.

Usaram ainda da palavra, o administrador eng. Canto Moniz — que se referiu também à actividade geral da Sacor, exprimindo a confiança no seu progresso — e o vice-presidente do Conselho de Administração, eng Duarte do Amaral, para salientár em especial a valiosa colaboração do Conselho Fiscal.

A Assembleia aprovou por unanimidade o Relatório e Contas, asssim como o parecer do Conselho Fiscal e as respectivas propostas.

Foi ainda ratificada a aceitação, por parte do Conselho de Administração das condições estabelecidas pelo Governo para a ampliação da Refinaria do Porto.

Procedeu-se às eleições para as vagas existentes nos corpos sociais, tendo sido designados: Assembleia Geral — vice-presidente prof. dr. Nuno Espinosa Gomes de Silva; Secretário — dr. Mário da Castro Arez; Conselho de Administração — Aristide Sain, dr. Rui Brás Mimoso, dr. Jorge Botelho Moniz, Sociedade Nacional de Petróleos-Sonap, S.A.R.L., Conselho-Gestão e Investimentos, S.A.R.L. e eng. Alfredo Nobre da Costa; Conselho Fiscal — Presidente — dr. Diogo Cohen de Bettencourt, dr. Clemente Rogeiro, dr. Júlio dos Santos Rodrigues e substituto dr. Américo Saragga Leal.

Para a Comissão prevista no Art.º 20 dos Estatutos, foram eleitos o Presidente da Assembleia Geral, o dr. Manuel Ricardo Pinheiro Espirito Santo Silva e o dr. Afonso Patrício de Gouveia.

BASQUETEBOL

Porto: campeão metropolitano vai sofrer assalto duro na luta pelo "Nacional"

Dale Dover, Gomes e Alfredo Leite: os mais de um «cinco» com poucos nomes com valor para ombrearem com o americano

Apenas cõm mais uma jornada por disputar, o campeonato metropolitano de basquetebol da primeira divisão deve já ter encontrado os seus representantes ao título máximo da modalidade: F. C. Porto e Académica.

A posição de Dale Dover (e seus colegas) quase foi posta em xeque após a derrota em Coimbra e, mesmo no encontro do passado domingo (com o Sporting) os portistas estiveram (ou voltaram a estar) longe do que prometeram no início da temporada. Aliás, as razões são várias: o Porto não tem um lote de jogadores de grande nível, o desgaste nervoso provocado por sucessivos ataques ao primeiro lugar foi muito grande e, especialmente, Dale Dover já não consegue disfarçar uma certa baixa física que se ressente naturalmente nas suas arrancadas e saltos à tabela. Tudo isto ficou bem evidenciado, exactamente, na partida com a Académica: em que os estudantes foram «reis e senhores» e mandaram, quase a seu belo prazer, as operações. A grande vitória do Porto foi, contudo, a de ter conseguido levar o título metropolitano para a sua cidade: o que lhe permite disputar o «Nacional» em casa, com a tranquilidade inerente a esse facto. Aí terá residido a principal razão que levou o Pavilhão do Lima a encher até mais não para milhares de pessoas presenciarem o Porto-Sporting: e, sabe-se bem quanto o público da Cidade Invicta é dedicado no apoio ao seu clube mais representativo.

Por tudo isto se poderá dizer que a grande derrotada foi a Académica que, não vencendo em Lisboa, viu fugir a possibilidade

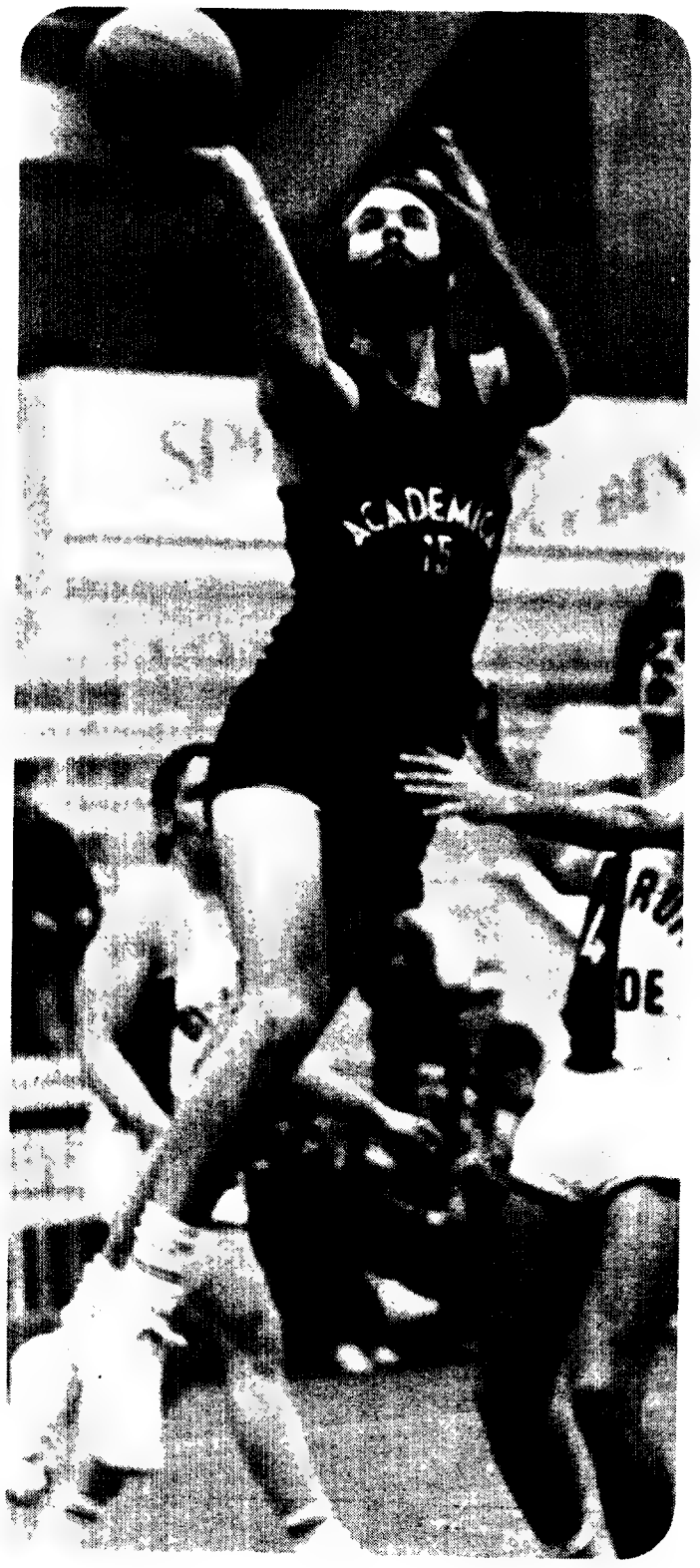
Haderlein: apuro de técnica, sentido posicional e «um jogador de equipa»

de disputar uma «finalíssima» com os portistas para se saber se seria Coimbra ou o Porto a admirar o «Nacional». Daí o grande desgosto do técnico Alberto Martins, no final do jogo com o Benfica: ele sabe, melhor do que ninguém, quanto vale o público de Coimbra, que «tem ganho» jogos quando quase ninguém acreditava que isso fosse possível. E, afinal, a Académica até merecia ter chegado ao título: tem o «cinco» mais equilibrado, com maior presença táctico-técnica e com mais possibilidades de encontrar soluções para qualquer problema. Haderlein e Baganha podem, só por si, resolver um jogo: mas, Tavares, Carreira, Santiago e Saraiva formam um bloco muito unido e conhecedor, em que se alia habilidade e experiência. Já o mesmo não sucederá com o Porto que, à parte o «extraordinário» Dale Dover, conta apenas com a experiência de Alfredo Leite e a juventude e boa meia distância de Gomes. O resto do «cinco» é inferior e só uma grande força moral (aparecida via Dover) dá força e improvisação onde elas já não existem.

A Académica tem, para além disso, um extraordinário americano ao seu serviço: bastante diferente de Kit Jones ou Dale Dover, o «yankee» Haderlein alia um espantoso poder de elevação a uma técnica insuperável de lançamento e joga (ainda e bastante) com os seus colegas. Baganha, o «mãozinhas», tem alternado na prova o muito bom com (o muito mau) : mais disciplinado que em épocas anteriores, o jovem estudante é já muito conhecido e marcado não conseguindo com frequência as possibilidades de lançamento que normalmente encontrava. Seja como for: ele e o americano são as «estrelas» da companhia e as grandes esperanças da Académica para a conquista do título nacional.

Apesar de ser jogado no Porto, o campeonato não irá de mão beijada para as mãos de Dover, pois não só a Académica como os representantes ultramarinos irão apresentar argumentos convincentes, na tentativa de destronarem o americano da posse de um título que ele diz que será seu. Tanto angolanos como moçambicanos trarão americanos e de primeira água. E, quem disse que Dale Dover é mais produtivo que Haderlein?

CARNEIRO JACINTO



Augusto Baganha: o «maõzinhas» da Académica. Entre o muito bom e o muito mau

Para 1 de Abril, "dia das mentiras"..

MUHAMMAD ALI (CASSIUS CLAY): "VOU TRINCAR MAC FOSTER"

Muhammad Ali (Cassius Clay), escolheu o Japão para iniciar a sua caminhada para a reconquista do título mundial. E, como sempre, não é nada modesto nas previsões que dita para a imprensa mundial: no dia 1 de Abril, defrontará Mac Foster num combate de 15 «assaltos», o primeiro que o levará a novo encontro com Frazier. E vai ganhar: por K.O. «Trinco-o vivo» — diz.

O combate do próximo sábado decorrerá no Palácio Budokan, de Tóquio, perante 14 mil pessoas, seguindo depois Ali até à China, a convite de Pequim.

Posteriormente — segundo as suas próprias declarações — Muhammad Ali baterá George Chuvalo, no Canadá, no dia 1 de Maio. Irá passar dez dias à Rússia e derrotará Jerry Quarry, em Las Vegas.

Mais tarde, lá para Setembro — prossegue Muhammad Ali — será a sua vitória sobre Frazier, que se retirará do pugilismo.

O antigo campeão mundial dos «pesados» tem estado a levantar-se às cinco horas da manhã, para o trabalho de estrada. Durante a tarde treina duramente no Ginásio Tanabé, do centro de Tóquio.

O combate contra Foster principia ao meio dia e vinte e quatro de sábado (4 e 24 da manhã em Lisboa), de forma a ser visto directamente pela televisão nos Estados Unidos, que ainda estará na noite de 31 de Março.

Trata-se do primeiro combate de «pesados» jamais realizado no Japão entre dois pugilistas norte-americanos e é efectuado ao abrigo de uma licença especial da Comissão Nipónica de Pugilismo, que habitualmente proíbe combates entre estrangeiros.

Muhammad Ali, (Cassius Clay), receberá quatrocentos mil dólares (10.800 contos por este combate, enquanto ao adversário vão caber apenas oito mil dólares (cerca de 224 mil escudos).

Os bilhetes mais caros são a trinta mil ienes (perto de 2.700 escudos).

Entretanto, Muhammad Ali convidou mil crianças pobres japonesas a assistirem ao combate com Mac Foster.

Ali fez a oferta e os organizadores do combate informaram que, até agora, cerca de 130 crianças aceitaram o presente de lugares, que custam 3.000 ienes (cerca de 280 escudos).

Se todos os bilhetes forem distribuídos a crianças pobres, o gesto de Ali custará ao antigo campeão cerca de 266 contos.

Não é a primeira vez que Ali faz semelhante gesto. Há um ano convidou 300 crianças negras para assistirem ao seu combate para o título com Joe Frazier.

Soube-se, também que, cerca de 85 por cento dos 14.000 bilhetes para o combate em 15 «assaltos» foram vendidos até agora e os organizadores disseram esperar uma lotação completamente esgotada no sábado.

A força anima a ignorância: Muhammad Ali (Cassius Clay) brinca com um bébé japonês, tradicionalmente transportado ás costas da mãe

DL EM TODAS

—**CASAMENTO:** Dale Dover foi aos Estados Unidos matrimoniar-se. Voltará, de aliança no dedo e mulher ao lado, já na próxima semana.

VELA: Marquês de Sabrosa, conde de Caria, dr. Philip Abecassis e eng.º Francisco de Lacerda são os novos corpos gerentes da Associação Portuguesa da Classe «Dragão».

RÂGUEBI: Benfica, Direito, Belenenses e Estrela da Amadora participam no Torneio da Páscoa, organizado hoje (21 horas) e amanhã, pelo Estrela da Amadora, na Reboleira (campo J. Pimenta).

AMADORES: 44 turmas vão participar no distrital futebolístico de Lisboa.

HÓQUEI EM CAMPO: socorrendo-se de todos os auxílios possíveis (e imagináveis) o Ramaldense comparece no próximo domingo, na Escócia, para tomar parte na «Taça dos Campeões Europeus»..

VOLEIBOL: O Nacional comanda o campeonato lisboeta com dois pontos de avanço sobre o Benfica. A equipa: Plácido Martins, José Pimpão, António Resende, Vitor Pimpão, José Nunes, Aguiar Buizel, Vitor Moreira e João Silveira.

ANDEBOL: o regional de Lisboa da II divisão tem como «leader» o Sporting da Penha (Alex, Morais, Neves, Faísca, Mário, Godinho, Albergaria, Hernâni, Polido e Cardoso).

TÉNIS DE MESA: principia a 7 de Abril o torneio lisboeta de júniores. Concorrentes:Sport Lisboa e Águias, Belenenses, Centro Desportivo Católico de Portugal e Sporting.

PELÉ: Edson Arantes do Nascimento assinou contrato (por 4860 contos) com uma empresa de refrigerantes, para ser protagonista de uma série de filmes em que vai ensinar o espectador a jogar futebol.

AGENCIA ABREU PASSAPORTES Av. Liberdade 160

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Elec	Compra	Venda
Cons 2 3/4	–	–	–
Cons 3 %	456$5	–	456$5
Cons 3 1/2	557$	–	557$
Centenarios	1284$	–	1284$
Tes 5 % 57	1000$	1000$	1005$
Tes 5 % 59	1000$	–	–
Exter 1ª s	–	–	–
Extern 1ª c	–	590$	–
Extern 3ª s	–	775$	800$
Extern 3ª c	–	810$	–
Caut 3ª s	–	165$	–

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	945$	945$	–
C M L 5 3/4	–	999$	1000$
C P 5 5 % – 67	–	970$	–
C P 5.5 % – 68	–	–	970$
C P 5.5 % – 69	–	–	960$
Corr 5 3/4 %	–	950$	980$
Metr 5 3/4 %	–	–	995$
Tur 5 3/4 %	1003$	1003$	–

ELÉCTRICAS

G 5 % – 58	840$	–	840$
G 5 % – 59	–	–	840$
G 5 % – 62	–	–	–
G 5 % – 63	–	960$	985$
G 5 % – 64	–	–	985$
G 5 % – 65	–	–	985$
G 6 % – 67	990$	990$	995$
G 6 % – 69	–	–	995$
H E A A 5 %	–	–	–
H E C 5 %	–	–	805$
H. E. C 6 %	–	970$	–
H E D. 5 %	–	–	805$
H E D 6 %	–	960$	–
H. E N P 5 %	–	810$	–
H E S E 5 %	–	920$	–
H E S E 6 %	–	950$	–
H E Z 5 % – 57	–	–	–
H. E Zêz 6 %	–	–	–
N Elec 5 %	800$	–	800$
N. Elec. 6 %	–	930$	–
Termoel 5 %	–	–	820$
U E P 5 % – 60	–	–	750$
U. E P 5 % – 63	–	–	–
U E P 6 %	–	–	970$

DIVERSAS

A P T 5 % – 56	–	–	900$
A P T 5 % – 58	–	893$	895$
Lisnave 6 %	–	960$	–
Nitratos – 60	–	805$	–
Pet. 2ª e 3ª	–	875$	–
P Celul 5 %	–	–	–
Sacor 5 % – 54	–	945$	970$
Sacor 5 % – 60	840$	840$	860$
Sid 5 % – 2.ª	–	–	805$
Sid 5 % – 3ª	–	–	800$
Sid. 5 % – 4ª	–	–	800$
Socel 5 %	–	920$	–
U Fabril 67	–	950$	–
U Fabril 68	–	940$	950$

ULTRAMARINAS

Carbonif 5 %	–	600$	–
Rev 5 % -57	–	700$	–
Rev 5 - 59/60	–	700$	–
Moçamb 5 %	–	450$	–
Sonefe 5 %	815$	–	815$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	2.795$	2.790$	2.800$
Alentejo	1.340$	1.340$	1.350$
Angola	3.510$	3.500$	3.520$
Cred Predial	6.120$	6.110$	6.150$
Esp Santo	8.730$	8.720$	8.735$
Fomento	–	4.370$	4.400$
F & Burnay	–	36.000$	38.00$
N Ultr m	–	5.450$	5.520$
N Ultr c	5.950$	5.940$	5.970$
Portugal n	–	4.910$	5.000$
Portugal p	–	6.000$	–
P Atlântico	9.050$	9.040$	9.060$
Totta & Açores	6.050$	6.050$	–
Borges & Irmão	–	7.800$	–
Algarve	–	–	–

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	22/3/72	28/3/72	29/3/72
GERAL	183,7	182,5	183,2
METROPOL	184,6	184,2	184,2
ULTRAM	177,6	170,2	176,0

De Seguros

Alentejo	143$	143$	–
Bonança	–	–	–
Mundial	1.165$	1.160$	1.165$
Soberana	–	–	1.750$
Tranquilidade	–	80.000$	95.000$

Eléctricas

C P E p	1.125$	1.124$	1.125$
C P E n	–	1.116$	1.120$
E Beiras	1.800$	1.760$	
G Elec c	362$	361$	362$
H E A A	190$	190$	190$5
H E N P	–	235$	240$
H E S E	–	1.880$	–
U E P	205$	201$	205$

Ultramarinas

Ag Cassequel	1.250$	1.250$	1.255$
Ag Incomati	–	2.700$	2.750$
Ag S T e P	–	175$	–
Aç Angola	1.020$	1.010$	1.050$
Alg Angola	–	220$	225$
Ang Agric	720$	–	740$
Boror	–	–	–
Boror Com	–	–	77$
Buzi	84$	83$5	84$
Cabinda	–	145$	150$
Com Lobito	850$	850$	855$
D A T 100	2.000$	1.980$	2.000$
H E Revué	–	–	580$
I do Princ	–	–	–
Moçambique	–	160$	170$
Sonefe n	–	–	–
Sonefe p	–	–	395$
Zambézia	64$	64$	64$5

Diversas

Ag Lx ant	–	410$	440$
Ag Lx – 34	–	435$	445$
Ag Lx – 36	–	–	–
Cel Guadiana	–	5.050$	5.300$
C Leiria p	5100$	5.000$	5.200$
C Tejo p	13.300$	13.200$	13.300$
F Ramada	–	–	1.500$
Fornos Eléct	140$	139$5	140$
P Celulose	–	–	4.100$
Siderurgia p	–	4.520$	4.600$
Siderurgia n	2.900$	2.900$	2.950$
Socel	3.740$	3.730$	3.750$
Cidla	6.900$	6.850$	6.900$
C U F	–	3.250$	3.300$
Intar	541$	540$	541$
Nitratos	–	1.300$	–
Petroquimica	–	1.120$	–
Sacor	3.100$	3.050$	–
Tab Portugal	–	1.600$	1.800$
Tabaqueira	–	7.400$	7.450$
U F Azoto	910$	906$	910$
Empor	–	–	–
Ind Aliança	–	–	–
I P Colón	–	970$	1.100$
Nac Naveg	6.900$	6.800$	6.950$
Naveg (Col)	2.410$	2.400$	2.420$
P Pesca	–	1.000$	1.030$
R Marconi	1.800$	1.800$	1.850$
T A P	–	–	1.260$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	–	–
F I D E S	–	–

COTAÇÕES

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul Rands	29$50	33$00
Alemanha - Marco	8$35	8$65
America		
Dollars de 1 e 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina Peso Novo		
Austria Schilling	1$16	1$21
Belgica Franco	$60	$63
Brasil - Cruzeiro	3$70	4$70
Canada - Dólar	26$50	27$30
Dinamarca Coroa	3$70	4$00
Espanha - Peseta	$40,7	$42,7
França - Franco	5$30	5$60
Holanda Florim	8$40	8$70
Inglaterra - Libra	70$00	72$00
Italia Lira	$04 45	$04 75
Marrocos - Dirhan	5$00	5$50
Noruega Coroa	3$90	4$20
Suecia Coroa	5$45	5$75
Suiça Franco	6$93	7$18

Ouro

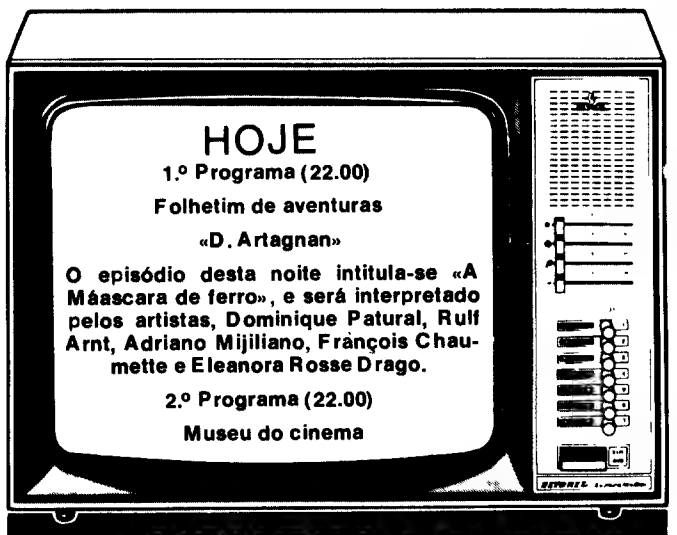
Inglaterra Libra Isabel	350$00	370$00
Inglaterra 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino Barra	42$50	44$50

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52 - 54 - LISBOA - Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO Telex 420 ALAPIP

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série — «Mrs. Muir e o Fantasma»
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Documentário
14.15 Logo à noite

2.º Período

19.00 Abertura e TV educativa
19.25 Filme infantil — «Os Poucetofes»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Vamos jogar no totobola
20.00 Motores em marcha
20.30 Convergência
21.00 50.º aniversário do 1.º voo Lisboa - Rio de Janeiro
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «D'Artagnan».
23.30 Telejornal — últimas notícias
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 ABC
21.00 Filme de série — «Mrs. Muir e o fantasma»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Museu do cinema
23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

19.30 Telejornal — 1.ª edição
19.40 Auditório musical
21.30 Telejornal
22.00 Reportagem do exterior Transmissão directa de Braga de parte da procissão Ecce Homo
23.00 Sinai, a montanha de Deus
23.50 Telejornal — últimas notícias
24.00 Meditação

2.º Programa

21.30 Telejornal
22.00 O filme que nunca existiu
22.40 Concerto «O Judeu» — De António Vitorino de Almeida e 1.º concerto para piano e orquestra, de Tchaikowsky.

baterias TUDOR pilhas

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

SOL

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estaba pouco nublado o vento era fraco e havia neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	10.º
PENHAS DOUR.	10.º
COIMBRA	10.º
PORTALEGRE	14.º
LISBOA	12.º
FARO	17.º
FUNCHAL	14.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima **23,5.º**

PENHAS DA SAÚDE
Mínima **2.º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,8.º
Atmosfera 13.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.54	**3,9 m**	9.34	**0,8 m**
16.13	**3,8 m**	21.44	**0,9 m**

Dia 30

2.29	**3,9 m**	10.04	**0,8 m**
16.46	**3,8 m**	22.16	**0,8 m**

Dia 31

5.01	**3,9 m**	17.18	**0,8 m**
17.18	**3,9 m**	22.48	**0,8 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado aumentando progressivamente de neblusidade; vento fraco e possibilidade de aguaceiros nas terras do Algarve.

AMANHÃ

Nascer às **7.26**
Ocaso às **19.58**

Hoje Dia 6 Dia 13 Dia 20

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Convívio, Programa da Juventude
17.30 Música Portuguesa
18.30 Música Portuguesa
18.30 Meridiano (Programa do Círculo de Estudos Ultramarinos)
19.00 Cartaz dos Espectáculos.
19.10 O mundo em música
20.00 Diário sonoro
20.30 16.º episódio do folhetim «A vida de S.Paulo»
20.50 O acordeonista Carlos Machado
21.00 Momento 72
21.20 Melodias por orquestras
21.40 Futebol: Campeonato do Mundo (Fase Preliminar) — Transmissão do Estádio da Luz, do relato do jogo «Portugal-Chipre»
00.00 «De um dia para o outro», por Fernando Correia — De um dia para o outro (cont.)
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho.

2.º Programa

16.00 Intercâmbio musical
16.30 Música de câmara
17.05 História do Teatro Português, pelo Dr. Duarte Ivo Cruz
18.00 Música do século XX
19.00 Semanário musical
20.00 Diário sonoro
20.20 Nocturno N.º 13, op. 119, em ré menor (Fauré)
20.30 Desdobramento — Sai o MF 2 — Opera comentada
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho.

Programa Estereofónico — MF 2

20.30 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical
23.17 Quarteto em Dó menor, op. postuma (Schubert)
23.25 Obras de Mozart e Beethoven
00.25 Sonata para dois pianos e percussão (Bartok)
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

16.00 Programa C.D.C.
18.00 Movimento
21.00 Rádio placard
21.15 Portugal além da Europa
21.30 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Grande roda
24.00 «PBX»
2.00 A noite é nossa
6.00 Diário rural
7.00 Talismã

Modulação de frequência

16.00 Programa C.D.C.
18.00 O nosso programa
19.00 Vértice
21.00 Boa noite em FM
22.00 Programa à Gô Gô
24.00 Em órbita dois
1.01 Banda sonora
2.00 Perspectiva
3.00 Fecho.

Emissor de Miramar

16.00 C.D.C.
18.00 Depois do chá
18.30 Ela e o seu mundo
18.45 Matinée teatral
19.03 Miscelânia
19.20 Vozes e orquestras
19.35 Estúdio 64
20.10 Norte dia a dia
21.05 Só-Rádio
21.40 Vozes do Brasil
21.45 O arauto da verdade
22.03 Em destaque
22.15 Mensagens bíblicas
22.30 Quando o telefone toca
23.04 Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Radiorama
18.00 Música de filmes
18.30 Terço e bênção da Basílica dos Mártires
19.05 Diálogo com os que sofrem
19.30 Página 1
20.30 Continuação do programa «Página 1»
20.58 Meditando
21.02 Só Jazz-Modern Jazz Quartet
21.30 Poente
21.45 Livros e leituras
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Canções que foram sucesso
23.00 A 23.ª hora

Estação do Porto

16.00 Radiorama
18.00 Vozes europeias
18.30 Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa
19.05 Diálogo com os que não sofrem
19.30 Página um
20.30 Continuação da Página um
20.58 Meditando
21.02 Modo de ler.
21.15 Artistas do Brasil
21.30 Poente
21.45 Livros e leituras
22.00 Auditório
23.00 A 23.ª hora

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Lídia, Calçada da Ajuda, 170 (Tel. 637318)

ALCÂNTARA:
Probidade, R. de Alcântara 15-A (Tel 638589), **Infante Santo,** Rua do Olival, 290 (te (661003)

ALFAMA:
Anunciada, Rua do Vigario, 74 (Tel. 866360).

ALTO DO PINA
Eusiq Rua Barão Saborosa, 104 (Tel. 841912).

ALVALADE:
Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Avenida do Brasil) (Tel. 765262); **Alentejo,** Avenida da Igreja, 28-B (Tel. 712682); **Belo,** Avenida de Roma, 53-A (Tel. 776314); **Estados Unidos,** Avenida dos Estados Unidos da América, 16-B (Tel 725859).

AMEIXOEIRA:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (Tel. 790969).

ANJOS:
Guerra, Rua Andrade, 32 (Tel. 845513).

AREEIRO:
Central, Avenida Paris, 2 (Tel. 720820).

ARROIOS:
Brasil, Rua Alves Torgo, 29-31 (Tel. 46843).

AVENIDAS NOVAS:
Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283-A (à Feira Popular) (Tel. 763016); **Cardote,** Avenida Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da Republica) (Tel. 772291); **Saldanha,** Avenida Praia da Vitória, 53 (Tel. 43938).

BAIRRO ALTO:
Durão, Rua Garret, 90 (Tel. 324166).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO:
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216).

BAIXA:
Frazão, Rua das Portas de Santo Antão, 72 (Tel. 328180).

BENFICA:
Marques, Estrada de Benfica, 648 (Tel. 700096); **Vilex,** Estrada de Benfica, 373-B (Tel. 780548); **São João,** Estrada da Luz, 124-A (Tel 783179).

CAMINHOS DE FERRO:
Alves de Carvalho, Rua Vale de Santo Antonio, 7-9 (Tel. 480125).

CAMPOLIDE:
Imparcial, Rua General, Taborda, 28 (Tel 680931); **Rualto,** Alto de Carvalhão, 5-B (Tel. 651721)

CAMPO DE OURIQUE:
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (Tel. 66606); **Almeida,** Rua Silva Carvalho, 136 (Tel. 681726).

CHARNECA DO LUMIAR:
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Tel. 324166).

CHIADO:
Durão, Rua Garrett, 92 (Tel. 324166).

CONDE REDONDO:
Branco, Avenida Duque de Loulé, 61 (Tel. 45048).

ESTRELA:
Gama, Calçada da Estrela, 130 (Tel. 660339).

GRAÇA:
Monte (do) Rua Senhora do Monte, 30-A/B (Tel. 867842); **Progressiva,** Rua de Santa Marinha, 18 (Tel. 863619).

GRILO:
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Tel. 385264).

LUMIAR:
Patuleia, Rua do Lumiar, 122 (Tel. 790332).

MADRAGOA:
Lys, Rua da Esperança, 17 (Tel. 660913).

OLIVAIS:
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, Lote 300 (Olivais-Sul) (Tel. 311091); **Central,** Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (Tel. 315539).

PEDROUÇOS
Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira 11-C (Tel. 610741).

PENHA DE FRANÇA:
Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (Tel. 842533).

PICHELEIRA:
Marluz, Calçada da Pichelei-ra, 140-B (Tel. 720703-728391)

RESTELO:
Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741).

SANTO AMARO:
Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A (Tel. 637070).

S. MAMEDE:
Cunha, Rua da Escola Politécnica, 16 (Tel. 325455).

S. PAULO:
Ultramarina, Rua de S. Paulo, 99-101 (Tel. 321771).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Sirius, Rua Fialho de Almeida, 38-A (Tel. 44000).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS:
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Telef. 212048)
CAXIAS:
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS:
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)
OEIRAS:
Alcântara Guerreiro, B.º Residêncial dr. Augusto de Castro, lote 10 (Telef. 2430691)
PAREDE:
Grincho, Av. da República, 87 (Telef. 2471204)
S. PEDRO DO ESTORIL:
S. Pedro, (Telef. 263052)
ESTORIL:
Ostende, R. de Espinho, 1 (Telef. 260391)
CASCAIS:
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 281419); **Nova,** Est. de Alvide - Fontainhas (Telef. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA:
Dias, Av. Marquês de Pombal (Telef. 934589); **Campos,** R. Elias Garcia, 185 (Telef. 930072); **Clabel,** R. António Sardinha, 23-D (Telef. 938551)
DAMAIA:
Confiança, Est. Militar, lote D (Telef. 9710231)

QUELUZ:
Zeller, R. da República, 83 (Telef. 950045); **Corrreia,** L. do Mercado, 3 (Telef. 950906)
CACÉM:
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)
MEM MARTINS:
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA:
Valentim, (Telef. 980456)
SINTRA:
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Telef. 980058)
COLARES:
Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE:
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS:
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)
ALMADA:
Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (Telef. 270076)
BAIXA DA BANHEIRA:
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)
BARREIRO:
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (Telef.)
COVA DA PIEDADE:
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Telef. 270121)
MOITA:
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO:
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Telef. 230156)
SESIMBRA:
Leão, Av. Salazar (Telef. 229471)
SETUBAL:
Bocagiana, R. do Romeu (Telef. 23425); **Bairros,** B.º Santos Nicolau (Telef. 23330)
SEIXAL:
Soromenho, R. Paiva Coelho (Telef. 221560)

PORTO

Sub-TURNO A

Barreiros, Rua de Serpa Pinto, 8; **Martino, Sucr.** Praça Marq. Pombal, 122; **Pombeiro,** C. Mart da Pátria, 152; **Prelada (da),** R. Central de Francos. 316; **S. Roque da Lameira,** S. Roque Lameira, 1111; **Sá da Bandeira,** Rua Sá da Bandeira, 236

SUB-TURNO B

Ameal, R. do Ameal, 1227; **Campo Alegre (do),** R. do Campo Alegre, 723; **Ferreira da Silva,** Rua dos M. da Liberdade, 150; **Peninsular,** Rua Chã, 100-102; **S. Lázaro,** Av. Rod. de Freitas, 297

COIMBRA

Olivais, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (tel. 22804); **Universal,** Pr.ª 8 de Maio, 35 (tel. 23733); **Adriana,** Pr.ª da República, 20 - 22 (tel. 23609).

cinemas

SATÉLITE (Tel. 562632)
15 30-18 30-21.45
(Grupo B - 10 anos)10.ª Semana
TEMPOS MODERNOS
O mais moderno filme de todos os tempos Escrito, produzido e realizado por Charlie Chaplin

ROMA (Tel. 727778)
15 30-21.45
Grupo B (10 anos). 3.ª Semana.
TRINITA - COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill e Bud Spencer em Color-Scope.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15 30-18 30-21 45
(Grupo C-14 anos). 3.ª Semana
A FONTE DA VIRGEM. O filme que ganhou o Oscar da Academia Americana e o Globo de oiro de Hollywood

ODEON (Tel 326283)
15.15-18.15 e 21.30
Grupo C (4 anos)
7.ª semana
NAO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15-21.45
(Grupo A-6 anos). 2.ª Semana
AGUA AZUL, MORTE BRANCA em Tecnicolor. Um documentário vivo e autêntico! A caça ao terrível tubarão branco.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo B - 10 anos)
«55 DIAS EM PEQUIM» com Charlton Heston, Ava Gardan e David Niven. Às 15.15-18.30 (14 anos) «VIDA NOVA». Últimas exibições.

AVIZ (Tel 47173)
15 15-21 30
(Grupo B-10 anos) 3.ª Semana
O Western do ano «TRINITA-COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill e Bud Spencer, em Color-Scope

CONDES (Tel. 322523)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) colorido
«O SALTO DO ANJO» com Jean Yanne e Senta Berger

LONDRES (Tel. 730579)
14.15 - 15.30 - 18 45 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
9.ª Semana. Um filme de Andres Cayatte «MORRER DE AMAR» c/ Annie Girardot. Grande prémio do Cinema Francês Cinema - Snack-bar - Pub THE FLAG Faça 3 coisas num sitio só.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15 30-18.30-21 45
Grupo D (18 anos) (Tecnicolor)
7.ª Semana. «VEJO TUDO NU» com Nino Manfredi e Sylvia Koscina.

APOLO 70 (T. 763319)
15 00-18.15-21.30
7.ª Semana
Grupo D (18 anos)
O PASSADO E O PRESENTE uma comédia de Manuel de Oliveira

EDEN (Tel. 320768)
15 30-18.30-21 45
Em 2.ª Semana
(Grupo D - 18 anos)
«O CAIXÃO» com Vincent Price e Christopher Lee.

S. JORGE (Tel. 54153)
15.15-18.15 e 21.30
M. 18 anos) DUAS MULHERES... UM DESTINO um espectáculo invulgar, com Debbie Reynolds e Shelley Winters
Em 2.ª semana (6.ª Feira-Santa - dia 31) às 15.15 e 21.30 (Grupo B - 10 anos)
2 únicos espectáculos «A MAIOR HISTÓRIA DE TODOS OS TEMPOS»

BERNA (Tel. 776098)
21.00
(Grupo B - 10 anos)
«OS DEZ MANDAMENTOS» uma realização de Cecil B. de Mille no maior e mais sensacional filme de todos os tempos
ás 15.15 e 18.30 (Grupo D - 18 anos)
últimas de «UMA CASA À SOMBRA DAS ÁRVORES»

CASINO ESTORIL
17.00 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«DULCIMA»

VOX (Tel. 720808)
15,15 - 18,30 - 21,45
(Grupo C - 14 anos)
«O RECADO» com Maria Cabral e José Viana

TIVOLI (Tel. 50595)
15.00 (A pr red.) e 21.30
(Grupo A - 6 anos)
«O LADRÃO DE BAGDAD» com Sabu, June Duprez e Conrad Seidt

ROYAL (Tel. 885037)
15.00 - 21.00
(Grupo B - 10 anos)
«TORA! TORA! TORA!» com Joseph Cotten e Martin Balsan. A seguir - (Grupo B-10 anos) «NOITE DE VIOLÊNCIA e «OS MILIONÁRIOS»

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18 15 - 21.45
(Grupo D 18 anos)
5.ª Semana de consagração com Renato Rascel, G. Granata e C. Giuffré «A TRANSPLANTAÇÃO». Hoje ás 18.30 em (Ritmo 18) Show de Dário de Barros com a colaboração de Maria Manuela Cassola, Ana de Castro, Jorge Quaresma e ainda o Duo de Geritana e viola de João Carregosa e Armando Holaio (14 anos)

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15-21.30
(Grupo D-M. 18 anos)
«O GOLPE» com Jean Paul Belmondo e Omar Sharif, em 3.ª Semana.
QUINZENAS DO BOM CINEMA
Hoje ás 18.30 (Adultos) «O ACIDENTE» com Dirk Borgard, Stranley Baker e Jacqueline Sassard
(6.ª feira dia 31 não há espectáculo)

EUROPA (Tel. 661016)
15.15.-21 30
(Grupo A-6 anos)
«A PATA DOS OVOS DE OURO» uma obra de Walt Disney em technicolor, com Dean Jones. Amanhã ás 18.30 (adultos) «OS CAVALOS TAMBEM SE ABATEM» com Jane Fonda, Michael Sarrazin e Gig Yonng

IMPÉRIO (Tel 555134/5)
15.30-21.30
(Grupo D - 18 anos)
3.ª Semana
«KLUTE» com Jane Fonda e Donald Sutheriand em Eastmancolor. Hoje às 18.30
(Adultos) «PERSEGUIÇÃO IMPIEDOSA» com Marlon Brando, Jane Fonda e James Fox.

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«O PAI DE FAMÍLIA» com Leslie Caron, Nino Manfredi, Claudine Auger e Ugo Tognazzi em Scopecolor com Joseph Cotten «GANGSTERS 70». Amanhã «BEN-HUR» (Grupo B - 10 anos)
Domingo ás 18.30 espectáculo infantil.

LYZ (Tel 48560)
15.00-21.00
(Grupo D - 18 anos) 3.ª semana
«O IMORAL» com Ugo Tognazzi e Stefania Sandrelli e «UM BELÍSSIMO NOVEMBRO» com Gina Lollobrigida.
Sábados e Domingos 3 espectáculos. Amanhã (Grupo B-10 anos) «AS SANDÁLIAS DO PESCADOR»

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

LAURA ALVES
21.45 - 18 anos
«Quem tem medo de Virginia Woolf»

TRINDADE
21.45-18 anos
«A Gaivota»

CAPITÓLIO
20.45 e 23. (18 anos)
«Ora bolas pró pagode!»

VILLARET
21 e 23 (18 anos)
«Tartufo»

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (M. 18 anos)
«Pronto a despir»

VASCO SANTANA
21.45 - 18 anos
«LAR»

LISBOA/Cinemas

JARDIM
21.00 (10 anos)
«O California»

RESTELO
21.30 (10 anos)
«A conquista do Oeste»

MAYER
21.00 (17 anos)

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Dois à italiana»

ARCO IRIS
21.45 (10 anos)
«Nem sempre se pode ganhar»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«As duas pistolas de Bill»

PARIS
21.30 (18 anos)
«O Segredo»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«O Divino mestre»

OLÍMPIA
21.00 (10 anos)
«A ESPADA NORMANDA»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«O Doce sabor da vingança»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00
«Deus como te amo» e «Hercules contra os Mongois».

CARCAVELOS
Vitória-cine
21.30 (12 anos)
«Os Boteniks».

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«Dulcima»

ESTORIL
Palácio
21.30 (17 anos)
«Deus sabe quanto amei»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Bananas».

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios-Desportivos
21.15 (18 anos)
«Tentação».

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Love Story».

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrivel
21.15 (10 anos)
«Jovens guerreiros».

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (17 anos)
«Os Ratoneiros».

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (18 anos)
«A Casa de Bernarda Alba»

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Querida Mamã»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«OS DEZ MANDAMENTOS»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«A TRANSPLANTAÇÃO»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Ben-Hur»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«O GOLPE»

S. JOAO
21.30 (18 anos)
«O Doce corpo do delito»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Entre duas margens»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«MORRER DE AMAR»

PASSOS MANUEL
21.00 (18 anos)
«O Passado e o Presente»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«O Golpe»

TRINDADE
21.30 (6 anos)
«OS ARISTOGATOS»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«007 ao serviço de sua Majestade» e «O Agente Diabólico».

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«Bom funeral» e Amigos para Sartana».

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«O Passaro de plumas de cristal».

GIL VICENTE
21.30 (M. 18 anos)
«Leito conjugal»

LEIRIA/cinemas

JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.15 (18 anos)
«Caiu uma garota na minha sopa».

BARS BOITES

ADEGA MACHADO Cantam: Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos. Tocam: Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

CASEBRE — Cantam: Carlos Barra, Zélia Lopes e Maria Jô-Jô. Julieta Briguel. Tocam: Jorge Fontes e Júlio Gomes. Os Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra aos domingos. **R. da Barroca, 133. Tel. 369760.**

ADEGA MESQUITA — Cantam: Fernanda Pinto, Natalina Bizarro e Alcindo Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo: 60$00 Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107. Telef. 328307.**

ARREDA Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda. Elenco. José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.ªs feiras. Consumo mínimo: 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

SANZALA Um pouco de Africa em Lisboa. Música constante. Encerra às 03,30 horas **Av. Marechal Carmona. Telef. 790177.**

TIMPANAS — Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reia, Luís Braga. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros. Consumo mínimo 62$50 (taxas incl.). **Rua Gilberto Rola, 24. Telefs. 676655 e 672431.**

«PORTAS DO SOL» — Restaurante-Bar. Almoços e Jantares e serviço de bar permanente **Rua S. Tomé, 86. ABC, Alfama, Lisboa. Telef. 861633.**

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — Conjunto Oliver) **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185-1 º2,ºE 4 º
TELEF 654531/ 2-3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

ARTHUR CUPERTINO DE MIRANDA FALANDO À ASSEMBLEIA DO BANCO COMERCIAL DE ANGOLA:

"Todo um universo de exigências a apontar para um infinito de possibilidades, tal é o repto que a História contemporânea nos lança como eco devolvido da glória do passado."

Na Sede Administrativa do Banco Comercial de Angola, em Lisboa, sob a Presidência do dr. Carlos Moreira Rato, vice-presidente da Mesa da Assembleia Geral desta instituição de crédito, secretariado pelos srs. Adriano Simão, em representação da firma José Cardoso de Matos, Lda., e Alberto Seabra da Costa, realizou-se, esta manhã, com a presença de grande número de accionistas, a Assembleia Geral Ordinária para, nos termos da Convocatória, discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1971, o Parecer do Conselho Fiscal e mais documentos referidos no art.º 189 do Código Comercial; dar cumprimento ao preceituado nos art.º-14 e 23 dos Estatutos; fixar a verba a consignar, do capital e reservas do Banco, aos departamentos financeiros de Angola e Moçambique; e, nos termos estatutários, proceder à eleição dos membros da Assembleia Geral, do Conselho Fiscal e do Conselho de Administração.

Presentes, por parte do Conselho de Administração, os srs. Arthur Cupertino de Miranda, presidente; prof. doutor Gonçalves de Proença, vice-presidente; dr. Manuel Vinhas, dr. Teixeira Pais e dr. Pereira Pinto, administradores; sr. Adriano Monteiro, Secretário Geral. Encontrava-se, também, em representação do Barclays Bank International, Limited, o senhor Douglas John Band.

O Conselho Fiscal estava representado pelos dr. Vasco Taborda Ferreira, presidente, dr. Carlos da Câmara Pestana, eng. Carlos Manuel Marques de Sousa e dr. José dos Santos Mota.

Abriu os trabalhos o dr. Carlos Moreira Rato que, depois de formular algumas considerações acerca da actividade do Banco no decurso do ano transacto, deu a palavra ao sr. Arthur Cupertino de Miranda, presidente do Conselho de Administração daquela instituição de crédito.

O discurso do banqueiro Arthur Cupertino de Miranda sobre as economias de Angola e Moçambique

O sr. Arthur Cupertino de Miranda, depois de saudar o presidente da Mesa da Assembleia Geral, dr. Carlos Moreira Rato, e de evocar a memória do dr. Augusto de Castro, que desde a fundação da instituição, em 1956, ocupou com raro brilho e inteligência este alto cargo, pronunciou oportuno e vigoroso discurso à assembleia de accionistas em que analisou detalhadamente alguns dos «pontos quentes» da temática económica, financeira e social do ultramar português.

Articulando a metodologia da sua dissertação em três coordenadas fundamentais assentes, respectivamente, nas características das estruturas económico-financeiras de Angola e Moçambique no decurso do ano transacto, passando, em seguida, às perspectivas que esse condicionalismo abre ao desenvolvimento futuro daqueles territórios e expondo, por fim, à influência que, nesta conjuntura, cabe à acção do Banco Comercial de Angola, aquele eminente banqueiro começou por salientar, reportando-se aos indicadores económicos angolanos, os seguintes aspectos: «uma balança superavitária, alimentada na coluna positiva essencialmente pela produção mineira (diamantes, ferro e petróleo), pelas indústrias da pesca e pela produção agrícola(com destaque para o café e o algodão). A coluna das importações assentou principalmente nos bens de consumo com ligeira intensificação dos bens de produção: matérias primas, bens intermediários e bens de equipamento.

Não fora a acentuação do sinal negativo da balança de pagamentos e a evolução da economia angolana poderia considerar-se saudável».

As linhas da força das economias de Angola e Moçambique e as suas causas e efeitos

Arthur Cupertino de Miranda, expôs em seguida os parâmetros em que se movimenta a vida económica de Moçambique. E fê-lo em termos sintéticos mas firmes quanto à sua concepção dos problemas e suas funções. Disse aquele banqueiro a propósito: «Pelo que concerne à economia moçambicana, as características de evolução não são muito diferentes, salvo quanto à balança comercial.

Com efeito, no domínio das relações com o exterior, persistiu em Moçambique, o agravamento das balanças comercial e de pagamentos, mercê de um ritmo de crescimento das importações sem contrapartida nas exportações e não obstante o sentido positivo da conta dos invisíveis correntes.

No plano interno, o sector agro-pecuário manteve o maior peso no contexto dos factores produtivos, com especial relevo para as culturas agro-industriais. As actividades extractivas começaram a revelar a sua potencialidade e as indústrias transformadoras continuaram excessivamente ligadas aos bens de consumo não duradoiro. A Construção civil por seu turno, revelou sensível vitalidade.

Em resumó, poderá dizer-se que tanto a economia angolana como a economia moçambicana foram dominadas durante o ano findo pelas seguintes linhas de força: «agravamento da situação cambial; excessiva dependência do sector primário, com acentuação para Angola, das indústrias extractivas, e para Moçambique dos produtos agro-industriais; escasso desenvolvimento das indústrias transformadoras; demasiado peso do afluxo dos capitais disponíveis à construção civil.»

E reportando-se aos efeitos das «linhas de força» das economias angolana e moçambicana, acrescentou: «No final de Junho do ano transacto, o saldo negativo da balança de pagamentos em Angola ascendia a 854 mil contos, o que traduz um agravamento de parte de 31 por cento em relação aos doze meses precedentes. Paralelamente o saldo, desfavorável à Província, das contas de compensação do Fundo Cambial subiu para 4,1 milhão de contos ou seja um agravamento superior a 725 mil contos, em relação à posição de Setembro de 1970.

Por sua vez, em Moçambique, no ano de 1971, até Julho, as importações tinham atingido cerca de 5 250 000 contos enquanto as exportações pouco mais de 2 200 000 contos.

O aumento das importações verificado é também consequência das pressões inflacionistas a que as economias ultramarinas têm estado sujeitas por via do desmedido aumento do crédito ao consumo, e paralelo empolamento da circulação fiduciária.

Além das razões referidas, o desequilíbrio das relações com o exterior parece estar ainda ligado a questões internas e falta de dinamismo dos nossos empresários na conquista de melhores posições nos mercados internacionais.

Na realidade, em Angola, no que se refere à evolução das indústrias extractivas o crescimento foi nitidamente menor que no ano anterior e no final de Setembro, a produção acumulada de diamantes e minério de ferro era inferior à de igual período de 1970, respectivamente em 105 mil quilates e 207 000 toneladas.

Apenas em relação ao petróleo se estima que a sua produção tenha aumentado para

O Presidente do Conselho de Administração do B.C.A., sr. Arthur Cupertino de Miranda, quando pronunciava o seu discurso na Assembleia Geral daquela instituição de crédito.

5,6 milhões de toneladas, o que representa um acréscimo de mais 10 por cento.

O reflexo deste comportamento da produção sobre a exportação foi imediato dado tratar-se de bens destinados quase exclusivamente a mercados externos.

Ainda que tenha sido no domínio dos produtos agrícolas (simples ou de baixo grau de transformação, como o café, algodão e as bananas) que se obtiveram os melhores resultados, nem por isso se deixou de notar também aí um nítido abrandamento das exportações que aumentaram apenas de 8 por cento em relação aos nove primeiros meses de 1970, quando a variação anterior tinha sido de 13 por cento.

Por seu turno, em Moçambique, cujas estruturas produtivas estão quase exclusivamente ligadas ao sector agro-pecuário, continua a verificar-se uma insuficiente e deficiente articulação entre as culturas agro-industriais (algodão, açúcar, cajú, copra, chá) e o sector industrial transformador com os consequentes reflexos na estrutura qualitativa e quantitativa das exportações, que não podem continuar exclusivamente dependentes das inseguras solicitações dos mercados transformadores externos.

Quanto à estrutura das importações, embora pareça não ter havido qualquer alteração significativa, uma amostra dos principais produtos importados deixa antever uma ligeira intensificação das compras de bens de produção: matérias-primas, bens intermediários e bens de equipamento. O que é certamente salutar.»

As perspectivas de desenvolvimento de Angola e Moçambique e a política de crédito

Referindo-se, em seguida, às perspectivas abertas ao desenvolvimento dos referidos territórios e ao papel que no contexto desse desenvolvimento cabe à política de crédito, afirmou Arthur Cupertino de Miranda: «O primeiro e principal elemento a mencionar, sob este aspecto, é sem dúvida o novo regime de pagamentos inter-territoriais instituído para a Província Ultramarina no final do ano transacto.

Não é fácil, de momento, pormenorizar as consequências da política adoptada, mas poderão tecer-se algumas considerações àcerca das suas causas e efeitos a curto prazo.

Debatendo-se o Ultramar português de há anos a esta parte com problemas cambiais suscitados fundamentalmente pelo volume de mercadorias importadas da Metrópole não compensado pela participação das Províncias no mercado metropolitano, viram aquelas avolumar-se de ano para ano o défice da sua balança de pagamentos, com simultânea acumulação de saldos desfavoráveis nas suas contas de compensação e atraso na liquidação dos seus compromissos à Mãe-Pátria.

O novo regime de condicionamento das importações permite aos poderes públicos um maior controle sobre a economia, podendo, do mesmo passo, constituir factor de progresso pelas maiores oportunidades que oferece aos detentores de capital, tornando atractivos investimentos em sectores que até agora se mantinham na sombra receosa da concorrência que lhes era movida pelas actividades exteriores.

O êxito do novo regime depende assim, em grande parte, da iniciativa, saber e capacidade dos empresários, atributos altamente motivadores da máquina do progresso. São características pessoais que encontrando na sociedade condições para se poderem concretizar, condicionam a evolução desta e daí que se diga, e com propriedade, que sendo o homem fruto da Sociedade em que vive, a sociedade será o que os homens quiserem que ela seja».

Sabemos quanto se tem feito e quanto aguarda realização no programa do Governo.

E, mais adiante, reportando-se a outras medidas de política económica disse: «Todo um arrojado programa imediato de fomento económico se impõe na prospecção das potencialidades ocultas ou escassamente reveladas, no lançamento de iniciativas concebidas à escala dos horizontes ultramarinos, na execução de projectos ousados e com forte impacto nas estruturas económicas — Cambambe, Cabora Bassa, Massingir — na coordenação financeira dos meios disponíveis ou de novo atraídos à sedução africana, na concepção de estruturas económicas originais e mais aptas ao rápido desbravar de um mundo, na conjugação dos esforços indespensáveis ao lançamento das infra-estruturas básicas nas comunicações, na energia, na educação e nos transportes.

Todo um universo de exigências a apontar para um infinito de possibilidades, tal é o repto que a história contemporânea nos lança como eco devolvido da glória que do passado nos vem.

Sabemos quanto se tem feito e quanto aguarda realização na programação que o Governo diligentemente tem sistematizado em sucessivos e bem elaborados Planos de Fomento.

O repto, porém, tanto como às entidades oficiais, visa as actividades privadas e sua capacidade de resposta e colaboração.

De resto, já demonstraram os portugueses do tempo presente quanto vale a energia colectiva em acção.

Que o diga Angola, na década que acabamos de viver, com uma perspectiva de desenvolvimento nunca antes sonhada.

Moçambique merece igual arrancada a que a Providência, certamente, não deixará de corresponder com a mesma generosidade».

Referindo-se, em seguida, à «extrema» vulnerabilidade» das economias de Angola e Moçambique em consequência da sua dependência quase exclusiva do sector primário, disse o Sr. Arthur Cupertino de Miranda: «Daí resulta uma excessiva sensibilidade dessas economias às variações ou crises que se verifiquem em relação à produção ou colaboração externa dos mesmos produtos, importando-se a necessidade de procurar com a maior urgência e empenho diversificar tais produções aumentando a sua gama e multiplicando a sua variedade, por forma a que quaisquer crises relativas não afectem decisivamente todo o complexo económico.

E aqui está um aspecto onde o crédito deverá ser chamado a marcar posição, fomentando novas iniciativas e explorações ou acalentando mais variadas vias de acesso aos mercados externos.»

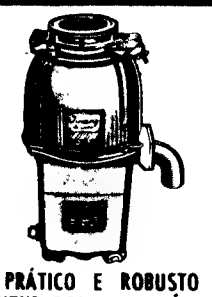
A expansão Comercial de Angola no contexto económico-financeiro de Angola E Moçambique

Deteve-se, em seguida, o banqueiro Arthur Cupertino de Miranda, na apreciação da actividade do B.C.A. nas províncias de Angola e Moçambique. E a esse propósito afirmou.» Nesta análise prospectiva que estamos a fazer do condicionalismo económico-financeiro característico das Províncias Ultramarinas de Angola e Moçambique, aludiremos, de seguida, à actuação do nosso Banco dentro do referido contexto, como expressão ou factor gerador de impulso económico-social.

Com justificada satisfação, a fundamentar o louvor devido a quantos para tal contribuíram — com destaque para a nossa devotada clientela e diligentes colaboradores — se confirma a posição alcançada pelo Banco Comercial de Angola como primeiro Banco de depósitos de Angola, detendo em seu poder cerca de 40 por cento de todos os capitais confiados à Banca Comercial privada, posição que tem paralelo no domínio das operações activas, onde igualmente cabem ao Banco Comercial de Angola responsabilidades por 40 por cento de todo o crédito distribuído pelos Bancos comerciais.

A satisfação mais se justifica ainda com a análise dos índices vectoriais de crescimento, durante o ano transacto: carteira de depósitos cresceu 34 por cento, passando de 4.700.000 contos para 6.300.000 contos; o total do activo elevou-se 48 por cento, subindo de 9.800.000

Continua na pag. 14

TWEENY

PRÁTICO E ROBUSTO TRITURADOR DE RESÍDUOS PARA A SUA COZINHA
REPRESENTANTE
ANSELMO SANTOS
AVEIRO — AV. ARAÚJO E SILVA, 109
LISBOA — R. COR. BENTO ROMA, 12-A
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

SE PROVAR
CASTELÕES
SÓ PEDIRÁ
CASTELÕES
Castelões é um queijo pasteurizado, amanteigado e de superior qualidade

DL MULHER

TWIGGY a "sexy"-magra

RECTÂNGULOS DA VIDA

MARIA JUDITE DE CARVALHO

As palavras e as vozes

Gostava de saber quanto tempo gastará por ano uma pessoa que se quer ou se julga bem informada sobre o que se passa no mundo (os mundos das pessoas têm tamanhos e rostos diferentes, podem ser a rua onde se mora, a cidade, o país, a Terra, podem até ser os mundos além mundo). Refiro-me às pessoas que, está claro, lêm o jornal, mas sobretudo às que ouvem rádio e véem televisão. Somos espectadores e ouvintes mais do que gente viva. Estaremos mesmo vivos, ainda, não seremos bichinhos do ouvido nem lente de contacto? Li não sei onde de um gondoleiro de Veneza (ignoro se é anedota ou se foi mesmo verdade, mas não me custa a crer que tenha sido verdade), que levou um dia, na sua gôndola, um aparelho de televisão, para os turistas não perderem o programa. O programa televisivo, a cidade sonho, ao mesmo tempo, de passeio. Não sei qual deles teria vencido o outro, espero que fosse Veneza, mas nunca se sabe, até porque se tratava no pequeno écran de um desafio de futebol. Internacional.

Os muitos e variados transistors que se passeiam no Verão por praias e parques populares e não só, são a prova gritante de que muitas pessoas já não podem libertar-se da «voz», e dentro em pouco, quando as televisões portáteis estiverem ao alcance de todos, da imagem. O pequeno aparelho sonoro, companheiro das horas de ócio, absorveu, talvez por isso, toda a ideia de lazer, e o homem já não sabe descansar sem a sua companhia. As criaturas ouvem, portanto. Notícias do mundo, do país, do desporto, anúncios, conversas entre locutores, mais anúncios, mais conversa, um disco pelo meio (com uma voz às vezes a interrompê-lo) desporto outra vez, notícias, anúncios.

Na verdade há muito pouco tempo livre e, quando o há, as pessoas já não sabem aproveitá-lo na sua totalidade. É como se tivessem medo de estar sós, mas sem por isso quererem estar acompanhadas. Então as vozes e os rostos, frios, tangentes e gelados.

Meninas de Angola ginastas a sério

Estas são as meninas de Benguela que deslumbraram a metrópole (P.2)

Ela era manequim. O manequim mais famoso da Inglaterra. Agora é estrela de cinema, condição que conquistou com o seu primeiro filme, «The Boy Friend». Seu nome: Twiggy. Ken Russel, o director da pelicula, o homem que já dirigiu actrizes como Glenda Jackson e Vanessa Redgrave, classifica-a de «única», o melhor elogio que uma estreante poderia receber. A história de Twiggy, que nesta foto aparece com Christopher Gable, está nas páginas centrais.

GINÁSTICA MUITO A SÉRIO

A equipa de meninas do Sport Benguela e Benfica

As meninas de Angola deslumbram a Metrópole

Texto de DANIEL REIS

De Benguela não vêm só «misses» (lá nasceu a Celmira Bauleth, do ano passado) e futebolistas (Malta da Silva, Jordão, Eurico e Franque). De Benguela — e do Lobito que lhe fica a trinta quilómetros — têm demandado a Metrópole, e este ano cá estão de novo, grupos de ginastas quase sempre caracterizados por um irrepreensível aprumo — eles — e por uma generalizada beleza juvenil — elas. E, é importante assinalar, uns e outros adestrados tècnicamente para levarem consigo os títulos nacionais de Ginástica nas provas em que competirem.

Ainda agora se disputaram os campeonatos nacionais de Juvenis e, no capítulo feminino, todos os títulos fugiram do Continente, indo três parar a Lourenço Marques e ficando o quarto nas mãos das gentis ginastas de Benguela que a nossa reportagem focou.

Como se vê, a mulher de Angola e Moçambique é decididamente mais voltada ao Desporto. Pratica-o sem problemas, sejam basquetebol e ginástica. judo ou atletismo. Começam de novas, como é o caso das seis meninas do Sport Benguela e Benfica, todas entre os doze e os quinze anos e que estão na ginástica há cerca de três. Ocupam assim grande parte dos seus tempos livres — no caso que analisamos, exactamente hora e meia por dia.

Questão de mentalidade? Escassez de divertimentos? Ou antes desafogo económico familiar, que permite pagar cem escudos de mensalidade para as aulas de Ginástica e não obriga os miúdos e miúdas a sobraçar ferramentas de trabalho, na altura em que o corpo só devia conhecer o peso dos livros e do material escolar? Talvez seja isso tudo, mas nunca o clima, como apressadamente se tentou explicar, para alienar responsabilidades nos insucessos das meninas dos clubes lisboetas.

Assim no-lo garante Wagner Isidro, chefe do Departamento de Ginástica no clube de Benguela e responsável pela comitiva que está entre nós:

— Podem apontar todas as explicações que quiserem para a superioridade das ginastas de Angola e Moçambique, menos razões de clima. O valor técnico não se deve a mais alta ou mais baixa temperatura — e lá também chove e faz frio — mas sim à capacidade do treinador, ao carinho do clube e dos pais e à dedicação do ginasta. A ginástica é um sacerdócio e só com muita dedicação um atleta se consegue aperfeiçoar até atingir um grau elevado na competição. O êxito destas miúdas e também das moças e dos rapazes do Lobito que em breve virão à selecção deve-se em especial ao trabalho do prof. Sommer que lecciona nas duas cidades e a quem o meu clube paga dez mil escudos mensais.

QUEM SÃO

Filhas de médicos, funcionários públicos e empregados bancários, todas as jovens estudam. No Liceu, ou na Escola Comercial, contactaram pela primeira vez com a Ginástica. Transitaram daí para o Sport Benguela e Benfica, passando da Ginástica Educativa para a Desportiva. Actualmente atingem todas média superior aos sete pontos e meio exigidos como mínimo para a participação nos campeonatos nacionais.

Na generalidade, são boas alunas, tendo a Fátima chumbado o ano passado, dizem-me que por namoricos. A prática desportiva não atrapalhou os estudos, antes ajudou. Tiveram a sorte de nascer numa terra onde se compreendem os problemas da juventude e onde o Desporto é encarado, já, a sério, isto é na perspectiva de elemento formativo e educativo., tanto a nível particular como oficial.

O chefe da embaixada de ginastas angolanas explica como:

— No Sport Benguela e Benfica temos diversas modalidades desportivas, sendo o Basquetebol e a Ginástica as únicas com secções femininas. Na Ginástica, que existe há dois anos, estão actualmente a praticar 190 jovens. Dedicamo-nos exclusivamente às categorias de Juvenis e Júniores, portanto na idade em que eles estudam, que é quando mais precisam de nós. É usual exigir-se tudo à juventude e nada lhe dar em troca. Nós tentamos dar-lhe um bocadinho do nosso tempo e do nosso entusiasmo. Para eles vamos também edificar um Pavilhão Gimnodesportivo. A partir daí o Desporto em geral e o Feminino em particular vão conhecer um extraordinário incremento na cidade de Benguela. Para já estamos em vias de criar uma classe de Senhoras, pois há imensa gente interessada e a mulher lá não tem complexos por entrar num recinto desportivo.

A propósito do Pavilhão ouvimos e registámos o que as entidades oficiais de Angola estão a fazer pelo Desporto:

— A obra vai para a frente, não só pelos esforços da Comissão criada para o efeito mas também pelo apoio da Câmara Municipal e do Conselho Provincial de Educação Física. Nunca nos negaram o seu apoio e o C.P.E.F. dá inteiro aplauso às embaixadas desportivas que se desloquem à Metrópole, desde que a deslocação se justifique. A nossa deslocação, que custou 150 contos, só foi possível graças ao Conselho Provincial de Educação Física e ao subsídio do Governador do Distrito. A justificação está nos resultados, pois regressamos com o título nacional de trave olímpica e o Sport Benguela e Benfica é subcampeão por equipas. Além do mais, deu-se um estímulo a quem tem trabalhado até aqui com todo o entusiasmo e em circunstâncias difíceis.

Acrescenta Wagner Isidro:

— O Prof. Daniel Leite, presidente do C.P.E.F., é pessoa de larga visão e por isso o Desporto angolano não pára mais. Quanto a mim, na Ginástica já nem adianta deslocarmo-nos à Metrópole, pois nada se aprende. Para o futuro devemos fazer encontros Angola-Moçambique, pois é lá que está o futuro da Ginástica. Na Metrópole, e salvo o caso de Filipe Abreu, um atleta persistente e insatisfeito, a Ginástica Desportiva definha dia a dia e em breve morrerá. Acho impossível ter-se chegado a um nível tão baixo como o que se viu nos campeonatos de Juvenis.

A PARTIDA

No Desporto (como devia ser em tudo o mais) um bom resultado é ponto de partida para um resultado melhor, é apenas referência para as sucessivas tentativas de superação. Daí que não seja inteiramente satisfatório o estado de espírito das ginastas que regressam a Angola no próximo sábado, apesar de transportarem na bagagem um título individual e o sub-campeonato por equipas.

— Só temos Ginástica Desportiva há quatro meses, isto é desde que chegaram os aparelhos importados da Alemanha e que nos custaram duzentos contos. As seis miúdas escolhidas cumpriram o que delas se esperava, obtiveram até as suas melhores pontuações e representaram honrosamente o clube. Mas vejo que houve uma certa desumanidade da parte do júri na pontuação atribuída às nossas ginastas, sobretudo nas paralelas assimétricas. Tiveram a preocupação de aperfeiçoar o pormenor, mas isso não foi levado em conta. Isto não ofusca de qualquer modo a vitória do Ginásio de Lourenço Marques, que foi indiscutìvelmente superior.

As nossas contrariedades começaram ainda antes das provas, pois nos derradeiros treinos a Isabel Maria fracturou um braço. Já não pôde competir e regressa a Angola de braço ao peito.

Concluindo as suas ideias acerca da participação destas seis miúdas angolanas nos campeonatos nacionais de Ginástica, Wagner Isidro diz:

— De qualquer modo, para o ano o Sport Benguela e Benfica cá estará com uma representação mais numerosa e com uma equipa de rapazes.

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

O seu corpo estará preparado para vestir o seu fato de banho ou vestidos próprios para a temporada? Num tempo «record» ele retomará o aspecto juvenil pelo mais moderno processo de emagrecimento: A GINÁSTICA ELECTRÓNICA. Tratamentos ao domicílio pelas nossas «visitadoras de beleza» especializadas. Marcações e inf. EURODINAMICA, LDA. T. 83 69 69.

Julia Maria Brito Sá Viegas. Nasceu na Matala a 17/4/59 anda no terceiro ano do Liceu e quer ser médica, como o pai. Tem mais três irmãos, classificou-se em 19.º lugar na geral e em 15.º na Paralelas Assimétricas, com a pontuação de 8,30.

Maria Isabel Almeida e Silva, natural de Benguela, onde nasceu a 29/6/59. Pratica Ginástica há dois anos, jogou Voleibol e quer ser futebolista. O pai é médico e a melhor classificação da Maria Isabel, nos campeonatos, foi em Movimentos Livres, com a pontuação de 8,60.

Beladona (nome de sonho, hein!) Silva Martins, é natural de Benguela, como a maioria das colegas e vai no 3.º ano da Escola Comercial e da Ginástica. Foi 3.ª em Movimentos Livres, com 9,15 e somou 33,40 pontos, que lhe valeram um 9.º lugar na classificação geral.

Tem cinco irmãos a Fátima Rogélia de Castro Ribeiro, que obteve a melhor classificação geral da representação angolana. Ficou em 3.º lugar com 34,60 pontos, situando-se também no 3.º posto na Trave Olímpica, com 8,45. Frequenta o 4.º ano da Escola Comercial.

Esta é a campeã de Trave Olímpica, título conquistado com a pontuação de 8,60. Na classificação geral, situou-se no 5.º posto, com a soma pontual de 34,55. Nasceu em Benguela no dia 9 de Novembro de 1957, anda no 3.º ano do liceu e é órfã de pai. Quando acabar o sétimo ano quer frequentar o INEF e especializar-se em Ginástica Desportiva. Seu nome é Anisabel Cristina Roque.

Sugestões de Paris para meninas e rapazes

A MODA INFANTIL EM PARIS

Por NATHALIE MONT-SERVAIN «Le Monde» «DL»

Paris - Alegre e prática, a moda infantil para a Primavera confirma as tendências do «estilo marujo» ou «campestre». À venda nas «boutiques» especializadas e nos grandes armazéns de Paris, os modelos ligeiros para a Primavera são já os favoritos, sobretudo os confeccionados com fibra, em tons alegres matizados de negro ou azul-marinho.

Com doze milhões de crianças para vestir, a França toma a dianteira na batalha da moda, com um interesse constantemente renovado por parte dos fabricantes que se sentem cada vez mais entusiasmados com as particularidades da moda infantil.

Os fabricantes parecem ter finalmente compreendido que a miniaturização dos excessos da moda adulta para consumo infantil não tinha afinal razão de ser; para tanto propõem para a Primavera verdadeiros modelos clássicos que darão conforto e bem-estar ás crianças da família. Assim, a flanela regressa em força com os conjuntos de casaco ou blusão, e ainda com bermudas e saias plissadas, enquanto o «estilo marujo» é igualmente actual para o ar livre e para a escola.

Os rapazes vêem já anunciada a moda de Verão nas roupas à base de veludo e flanela suave, onde surge como dominante a cor de pêssego.

As malhas de tons vivos são visìvelmente inspiradas pelos equipamentos dos futebolistas, dos ciclistas e dos jogadores de raguebi: casacos e blusões de largas bandas com cores contrastantes, reforçados nos ombros.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA

COMISSÃO DO PLANO DE AQUISIÇÕES DO EXÉRCITO

(COMPAE/D. S. I.)

CONCURSOS PÚBLICOS

Faz-se público que na Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Intendência, Travessa de Santo António da Sé, n.º 21, em Lisboa, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

Designação dos concursos	Material a adquirir	Caução provisória	Data e hora limite para recepção das propostas	Data e hora de abertura das propostas
39/PAE/71	VENTOINHAS DE TECTO	3% s/ o maior valor de custo proposto	26 ABRIL 72 18 horas	27 ABRIL 72 17 horas
38/PAE/71	ARCAS CONGELADORAS A PETRÓLEO		26 ABRIL 72 18 horas	27 ABRIL 72 16 horas
37/PAE/71	ARMEIROS		25 ABRIL 72 18 horas	26 ABRIL 72 16 horas

Os Cadernos de Encargos dos Concursos em referência, podem ser consultados todos os dias úteis, excepto aos Sábados, das 15 às 18 horas, na sede da COMPAE/DSI, Travessa de Santo António da Sé, n.º 21-r/c. em LISBOA.

A sessão pública de abertura das propostas terá lugar no dia e hora acima mencionados, na dita Travessa de Santo António da Sé, n.º 21-r/c. em LISBOA.

O PRESIDENTE DA COMPAE
JOSÉ R. PALMA VAZ
CORONEL DO SAM

OFERTA JOVICA

UM EXCEPCIONAL LIVRO COM RECEITAS DE COZINHA, A TODOS OS NOSSOS CLIENTES

SENSACIONAL

TELEVISORES (com os 2) (programas)		desde 2.990$00
OFERTA DA ANTENA		
MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA	»	4.750$00
MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA	»	5.500$00
FOGÕES C/ FORNO	»	990$00
ESQUENTADORES	»	1.350$00

Aquecimento eléctrico e a gás, frigoríficos, aspiradores e todos os aparelhos electrodomésticos DESDE 100$00 MENSAIS

SEM | ENTRADA FIADOR

E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

JOVICA

LISBOA { Largo de D. Estefânia, 12-D — Telefone 4 88 56
Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telefone 5 29 70
Avenida Duque de Ávila, 58 — Telefone 5 48 92

VENDA NOVA — Rua Elias Garcia, 13-A — Telefone 97 57 90
CASCAIS — Rua Padre Moisés da Silva, 1-C — Telef. 28 13 95

MANUEL J. MONTEIRO, & C.ª, LDA.

Representante de entre outras, das marcas JUNEX e VAILLANT, vêm por este meio informar todos os seus estimados clientes que por motivo da Semana Santa, os seus serviços se encontram encerrados das 14 horas do dia 30 do corrente até 2 de Abril, reabrindo no dia 3 às horas normais de expediente.

Aproveitando a oportunidade, deseja aos seus CLIENTES e AMIGOS uma PÁSCOA FELIZ.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30) e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras (a partir das 20 horas).

TWIGG

a "sexy"-ma

Espectáculo musical. Durante muito tempo, esse género foi o prato forte do cinema. As pessoas, que apenas queriam divertir-se, levavam a família a ver filmes que sabiam ser alegres e movimentados.

Agora, os filmes musicais estão outra vez na moda. É uma tentativa para fazer reviver a alegria e, até certo ponto, a ingenuidade dos «belos tempos», evocando uma época em que mesmo os anos mais sombrios pareciam ser menos trágicos que os de hoje. Assim é o novo filme musical de Ken Russel, «The Boy Friend», que marca a estreia de Twiggy como actriz. ZOOM!

Lá no alto do palco, uma loira, rainha das estrelas de cinema, está reclinada na curvatura de uma lua prateada. Trajada com um vestido preto e branco, adequado ao seu papel, domina a mesma ribalta que já conheceu os mais brilhantes talentos da Inglaterra. O cenário é deslumbrante, digno de glórias como Marilyn Monroe, Theda Bara, Betty Grable e The Golddiggers.

A única coisa em movimento no palco é aquela pequenina figura empoleirada no trono lunar. Graciosamente, ajeita as pregas da saia, humedece os lábios e respira profundamente. Ouvem-se os acordes de **«Poor Little Pierrette»** e a câmara, com um movimento de «zoom», aproxima a imagem.

Depois, a actriz é baixada lentamente até ao mundo real dos mortais. Então, agitando a volumosa saia no ar e arrastando os sapatos como uma colegial, faz descair um ombro, os joelhos unem-se e os pés começam a escorregar. Com leve sotaque, grita: **«Estou morrendo de fome. Alguém tem batatas fritas?»**.

Pois: é a própria Twiggy. Twiggy transpôs os portões do estúdio, passou pelos guardas, chegou até aos magnates do cinema e tornou-se uma autêntica estrela.

ROSTO/66

Com a idade de 21 anos, a mulher que fez sucesso como modelo e que vivia retirada das actividades foi chamada para desempenhar o papel principal do filme de Ken Russel, **«The Boy Friend»**. Nada como começar logo por cima, o que, afinal, foi exactamente como ela começou como modelo. De um dia para o outro, ela passou de ajudante de cabeleireira, quando tinha 16 anos, a «Twiggy, The Face for 1966», a primeira actriz jovem vinda dos círculos da alta moda, poderosa força económica da Grã-Bretanha, «The World's Narrowest Girl», que serviu de motivo para uma anedota, pelo menos, no reportório de qualquer comediante; foi também ela que lançou inúmeros cílios postiços, mini-saias, e fez publicidade de regimes para emagrecer e cabeleiras artificiais.

Quando chegou aos 19 anos, começou a ficar cansada de ser modelo de roupas, e retirou-se das actividades para fazer todas essas coisas a que as pessoas ocupadas se costumam dedicar. Subiu aos píncaros da fama, passou a acompanhar os Beatles, jantou com a Princesa Margarida, e passou a interessar-se um pouco por um complexo império de negócios dirigido pelo homem que a descobriu, o produtor e empresário Justin de Villeneuve.

Ken Russel, tão contovertido como talentoso, não apenas produziu e dirigiu **«The Boy Friend»**, da EMI-MGM Film Production Ltd., como fez a sua adaptação à tela, moldando o argumento à personalidade de Twiggy e transformando a acção num verdadeiro espectáculo tridimensional.

Twiggy, Ken R

UM SÓ FI

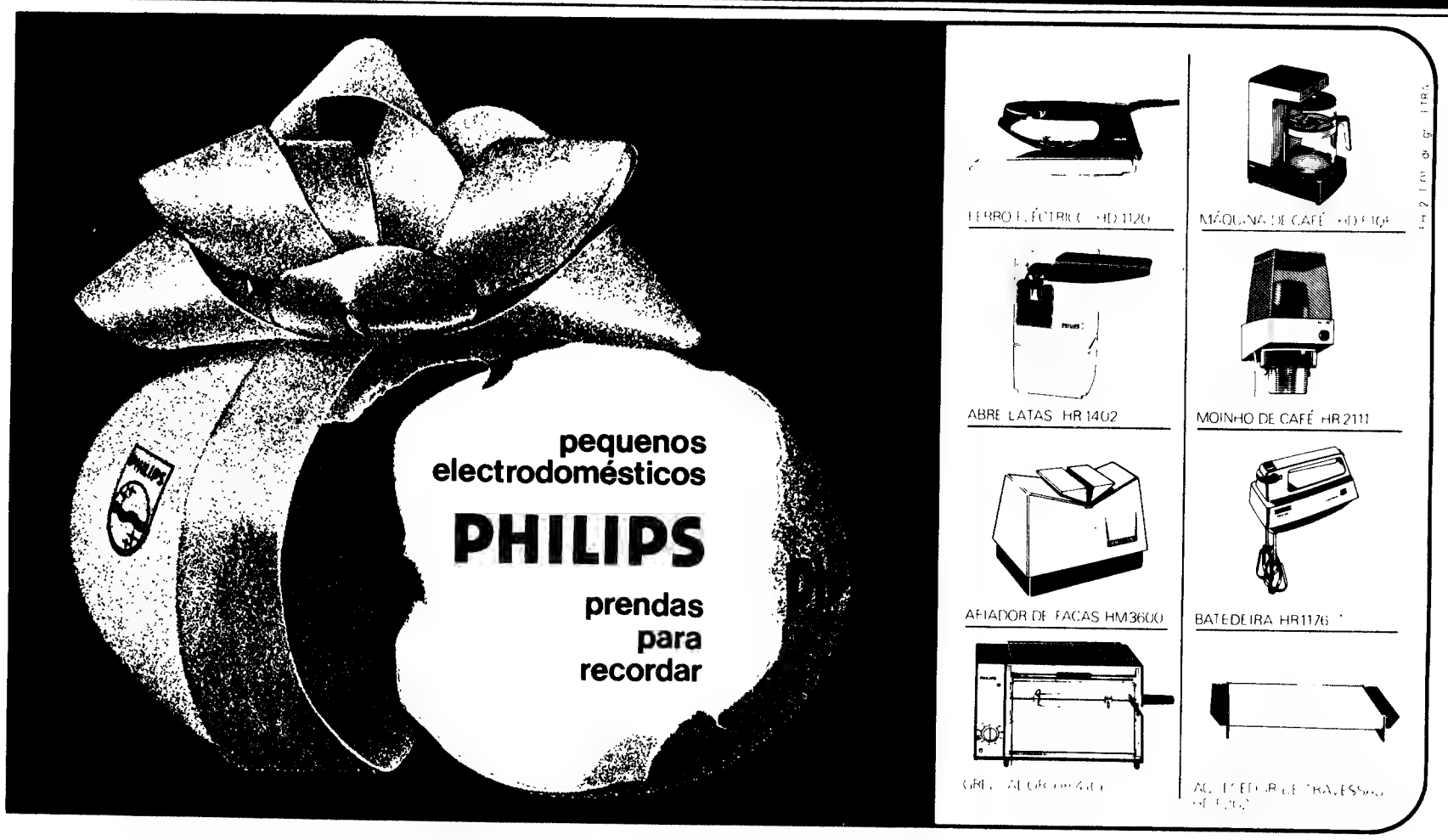
NUMA "EST

«Muitas coisas, nos filmes dele, não me entram na cabeça», confessa Twiggy, **«mas desta vez a coisa é diferente. Não me agradaria nada tomar parte numa coisa que eu não compreendesse, não é verdade?»**.

Num dos poucos momentos livres de que dispôs, Russel comentou: **«Ela é única. Representa como... bem, só como Twiggy sabe representar. Ela é simples, dedicada ao trabalho, tem imaginação e é absolutamente honesta. Também tem talento. Foi como uma espécie de força rejuvenescedora para mim. De todas as actrizes com quem tenho trabalhado, Twiggy é a que está mais perto da perfeição»**. Esta opinião tem mais valor porque é a de um homem que trabalhou com actrizes como Vanessa Redgrave e Glenda Jackson, e que no ano passado ganhou um Óscar pela sua direcção no filme **«Women in Love»**.

O CARISMA

Durante a sua prolongada carreira de triunfos pelos Estados Unidos, uma revista norte-americana de grande circulação apresentou a actriz em grandes letras: **Grandes olhos claros e boca adolescente»**. Vendo Twiggy representar, iluminada pelos projectores de cena, compreende-se que a descrição não é exagerada.



GY

agra

en Russell, Gable

Ken Russel: ELA É UNICA

FILME TRANSFORMOU-A "STRELA"

ro-
ua
o
de
a
c-

es
a-
as
ie.
ar
ão
a-

os
el
e-
no
é
o,
a-
m
ie
ra
m
o,
to
o
le
m
a-
ie
m
l-

a-
os
ta
ir-
n
os
».
u-
de
a
a.

O encanto transformou-se em carisma.

«O que me faz diferente é o meu cabelo», acha ela. Mas não é. Ainda continua a pesar menos de 50 quilos, ainda tem 1,70 de altura e, em quatro anos, conseguiu alcançar as medidas excepcionais de 81-56-81. Continua com o seu ar de provinciana, sardenta, alegre e, aparentemente, não foi afectada pelas consequências do sucesso.

Mas não parece ter perdido os traços de perpétua adolescente. Os olhos lânguidos de inocente, que atraem tanta simpatia, ainda continuam os mesmos. Parece não se aperceber de um imperceptível véu de sensualidade que lhe cobre o rosto.

A sensualidade e a inocência combinam bem. Ela já se teria apercebido de que poderá ser, futuramente, o símbolo da mulher sensual? Sùbitamente, ela pára de mastigar a «sandwich» e exclama: **«Oh,! Acho que não. E você? Sou apenas uma rapariga comum. Sei que tenho um rosto engraçado e, evidentemente, sei que sou magra. Admiro a Sofia Loren, mas eu ficaria ridícula com o «equipamento» dela, não lhe parece?»** E, depois de uma risadinha, acrescentou: **«Comecei a desenvolver-me muito tarde.»**

Ela prefere não falar da sua vida e, quando o faz, é ràpidamente: **«Deixei a escola aos 15 anos, e empreguei-me no salão de cabeleireira onde a minha irmã trabalhava. Ninguém reparava em mim. Foi aí que encontrei Justin, e disse-lhe que o meu sonho era ser modelo.»**

- Assim magra como você é disse ele parece uma vara!

«De facto, parecia uma vara. Cortou-me o cabelo curto, pediu-me que posasse para uma fotografia e uma repórter conseguiu publicá-la num jornal. Esta é toda a minha história. Muito curta, não é verdade? Eu represento uma situação. Houve alguém que olhou para mim e compreendeu que não era necessário pertencer a uma elevada classe social nem assumir ares de petulância para alcançar o sucesso. Que não haveria nada a esconder pelo facto de provir de uma família modesta. E eu provei que não há lei nenhuma que possa condenar-nos pelo simples facto de não nos adaptarmos à nova moda de bustos.»

Certa vez ela manifestou desejo de não querer ser actriz «ou coisa parecida». Agora, que é a figura principal de um filme extraordinário, admite que **«isso não parecia possível há quatro anos, mas agora é. Parece um pouco confuso compreender como é que tudo aconteceu. Antes deste, ofereceram-me muitos outros papéis; papéis do tipo Lolita, principalmente, mas nunca apareci assim tão despida como agora, compreende?»** Continuando com a sua opinião de que se desenvolveu muito tarde, ela continuou: **«Depois fiz um filme publicitário, onde aparecia vestida e cantava como a Marlène Dietrich. Achei engraçado, e comecei a pensar a sério em tornar-me actriz.**

«Tivemos uma entrevista com essa tal mulher, agente de artistas, que era bastante pedante», recordou ela, procurando imitar os seus ares afectados. **«Perguntou-me se eu sabia cantar, e eu respondi que não. Perguntou se sabia dançar, disse-lhe que não. Perguntou se sabia representar e a resposta também foi não. Uma coisa horrível!»**

APRENDIZAGEM

Depois essa mulher e Justin foram assistir à reapresentação em Londres de **«The Boy Friend»**, e descobriram que ela era a actriz indicada para fazer o papel na versão cinematográfica. Falaram nisso a um amigo, Ken Russel. Mais tarde, entrevistado por repórteres num **cocktail** para a imprensa, onde lhe perguntaram qual era o seu próximo projecto, o famoso cineasta, casualmente, revelou que Twiggy iria fazer o papel de Polly Browne em **The Boy Friend.**

«As coisas estavam neste pé», prosseguiu Twiggy com uma risada, **«e a MGM, que estava de posse do argumento, chamou Ken para explicar o que estava acontecendo. É difícil dizer o que aconteceu, porque foi um pouco complicado. Acho que Ken teve muita coisa que dizer, mas, é claro, os génios conseguem tudo o que querem.»**

A actriz imediatamente iniciou um período de seis meses de ensaios intensivos de canto e dança, mas Russell preocupava-se com a representação pròpriamente dita. Quis que Twiggy tivesse lições de dicção, mas ficou espantado por saber que ela já estava a tê-las.

«Pensei que talvez as pessoas estivessem à espera que eu falasse como uma grande senhora. Sempre fui entusiasta do cinema. Gostava principalmente de Greta Garbo, Mickey Mouse e Fred Astaire. Gente «super»! Ah! Bing Grosby, e Jean Harlow, e James Cagney quando vai ver o presidente. Ainda choro de cada vez que Garbo morre!»

«TESS»

Nascidas em Londres, Twiggy e suas duas irmãs mais velhas cresceram sempre à espera que o pai chegasse do emprego todos os dias. Vinha da M.G.M. onde trabalhava como carpinteiro e trazia na bagagem inúmeras histórias de estrelas de cinema. Curiosamente, o sr. Lesley Hornby, pai de Twiggy, continua com o mesmo trabalho, já não na M.G.M., e Twiggy continua a viver durante largos períodos na modesta casa dos pais. As coisas de que ouvia (e ouve) falar tornaram-se suas: trabalho, canseira, alegria, etc.

«Dançamos de muitas maneiras diferentes em «The Last Picture Show.» Há um sapateado, no estilo de Fred Astaire, mas eu nunca o conseguirei fazer como ele. Ninguém o fará nunca. Ele é fantástico! Dançamos, também, uma espécie de «charleston». Deve ter sido uma loucura na época! Ah! E danço com o Christopher Gable, que foi uma grande figura do «ballet» antes de se tornar actor. Costumava dançar com grandes bailarinas e agora dança comigo. Isto é alguma coisa, não? Ele roda tão depressa que lhe chamo o «tornado branco».

Twiggy e o sensacional Ray Bolger

«A época de 1920 é fora de série. Deve ter sido divertida a vida nessa altura. Claro que prefiro ser jovem agora do que em 1920, mas foi aí que as coisas realmente começaram a acontecer. Durante centenas de anos tudo se passou muito devagar. Parece que tudo começou neste século. Até 1920 as raparigas usavam obrigatòriamente cabelos e vestidos compridos e eram obrigadas a ser, apenas, gentis. De repente começou a liberalização: cortaram o cabelo, começaram a usar calças. Mudou a música. Não é, para nós, «pop music», mas deve ter sido para eles. Muitas das canções devem ter sido óptimas!»

Sobre o futuro, diz Twiggy: **«O principal é ser feliz. Pode-se ser ambicioso, ganhar dinheiro, mas sem felicidade nada se consegue: a felicidade é tudo. E eu sou muito feliz!**

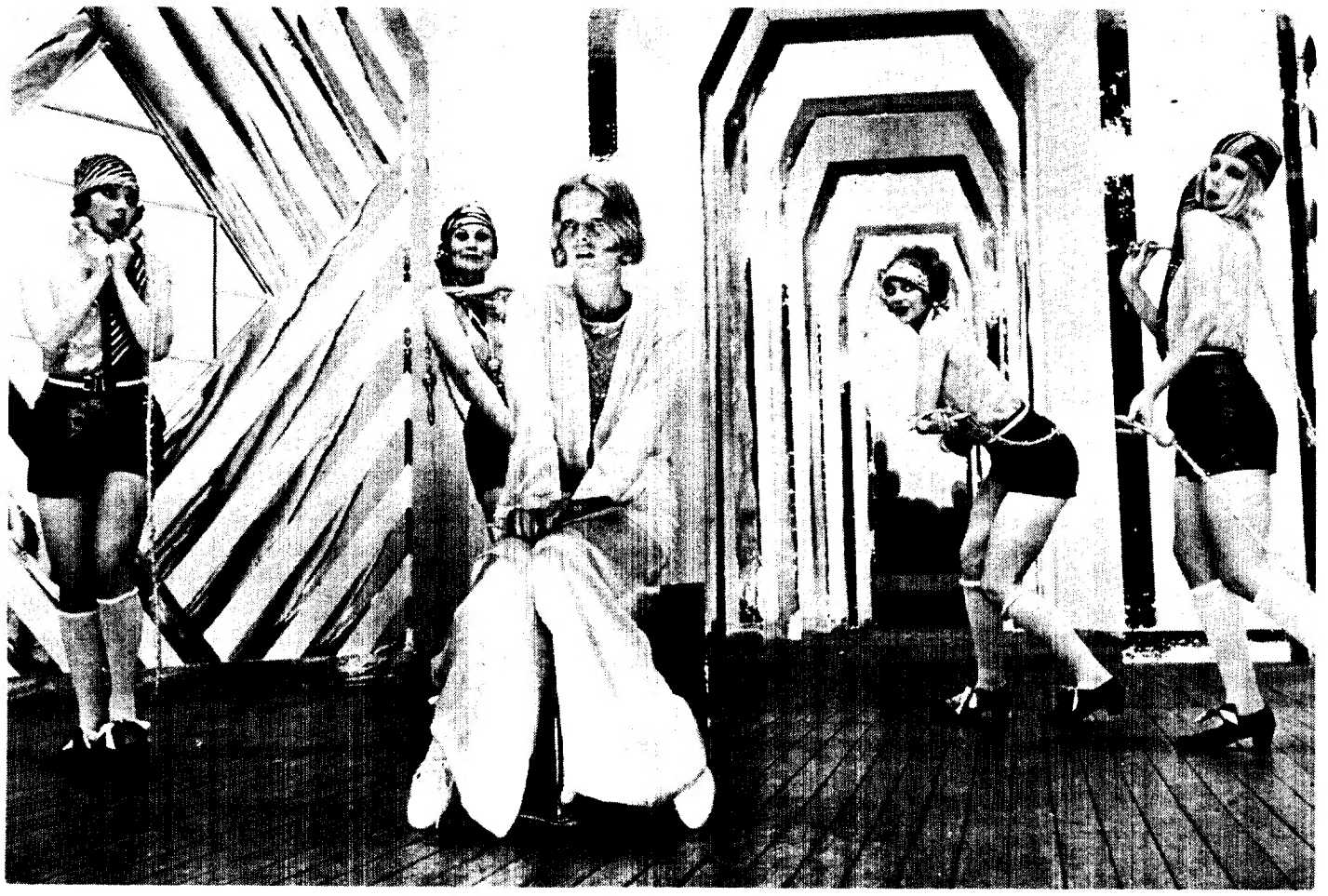
Quero fazer mais filmes. Gostaria de entrar na adaptação dos romances «Rebecca», de Daphne du Maurier e «Tess of D'Uberville», de Thomas Hardy. «Rebecca» já foi feito com Jean Fontaine, e foi óptimo, mas «Tess» foi só feito no cinema mudo em 1924. Seria maravilhoso interpretar esse filme. É o livro mais incrível que li até hoje: o meu favorito. Não sei se seria capaz de o representar, mas gostava de tentar. Creio que nem todos os realizadores são como Ken: ele conseguiu fazer com que eu sentisse que era capaz. Creio que isso é essencial.»

CASAMENTO

«Casamento? Justin e eu não concordamos com o casamento demasiado cedo. Todos os que conhecemos nessas circunstâncias acabaram mal. Os vinte e cinco anos são uma boa idade. Honestamente devo dizer que me sinto doente só de pensar que há pessoas que defendem que uma rapariga deve casar antes de se sentir feliz.»

O que vive por dentro do «complexo Twiggy» é uma rapariga que é tão introvertida quanto o pode ser numa profissão voltada para fora. Deita-se normalmente às dez e meia da noite e não tem hábitos extravagantes. Anda a cavalo, nada e sonha com uma casa de campo.

«Chorei quando tive de cortar o cabelo para entrar em «The Boy Friend.» Tinha levado três anos a crescer!»

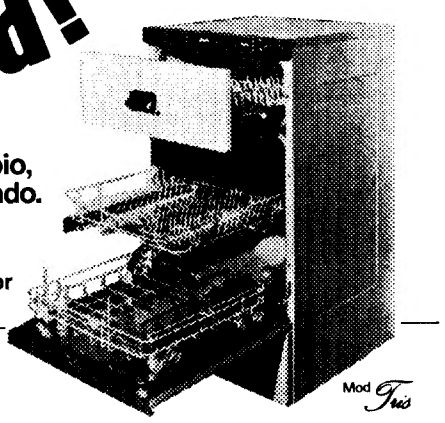


Twiggy, a «sexy» - magra que já é estrela de cinema

tanta loiça!

riber

lava-a toda!



A máquina super automática-bio, de maior capacidade do mercado.

Modelos para 8 e 12 pessoas (incluindo tachos)

Equipadas com rodas e descalcificador

Mod Três

use sun

SABEL
Rua D. Estefânea, 98 – LISBOA
Rua de Sta. Catarina, 1209 – PORTO

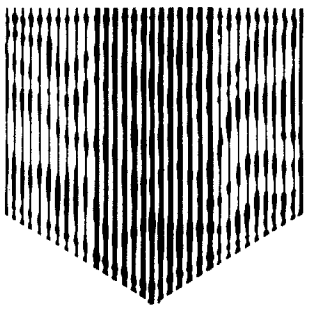
Em exposição

M. L. FERREIRA
R. D. Estefânia, 48

ANDILUX
R. Pascoal de Melo, 7

IMPERLUZ
Av. Almirante Reis, 172

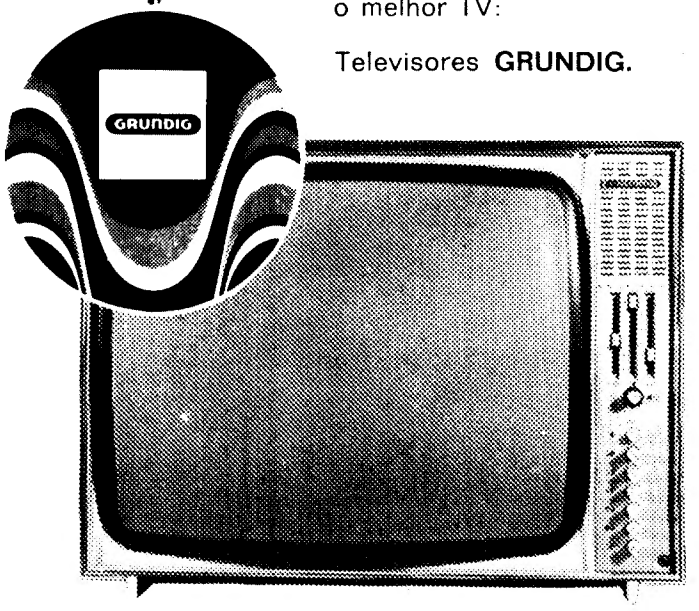
sobre a meta, na 1ª fila, junto ao pódium, na sua cadeira preferida!



... transporte-se ao Estádio Olímpico de Munique.

Para o melhor atleta, a melhor imagem.
Para o melhor comentário o melhor som.
Para o melhor espectador o melhor TV:

Televisores **GRUNDIG.**



Vários modelos de 51 e 61 cm com VHF e UHF (1.º e 2.º programas).

À venda nos Agentes Oficiais

GRUNDIG

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

CONCURSO N.º 36
FORNECIMENTO DE VENTILADORES TIPO ENGSTRON, ELECTROCARDIÓGRAFOS E APARELHOS DE RAIOS ULTRA-VIOLETAS

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 14 de Abril próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), das 9 às 11,30 e das 14 às 16 horas e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 24 de Março de 1972.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) *Alexandre Pinheiro*

FIGUEIRA & FIGUEIRA, LD.ª

Certifico que, por escritura de ontem, lavrada de fl. 77 v.º a fl. 79 v.º do livro n.º 73-D de escrituras diversas do 2.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado Antônio Lopes Fernandes Costa, foi constituída entre Eduardo dos Santos Figueira e Vivilde de Sousa Figueira uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma Figueira & Figueira, Lda., tem a sua sede e estabelecimento em Lisboa, na Rua do Arco do Carvalhão, 50 e 50-A, e durará por tempo indeterminado.

2.º

O seu objecto consiste no exercício do comércio de drogaria, perfumaria e ferragens e qualquer outro ramo de comércio ou indústria que a sociedade resolva explorar.

3.º

O capital sócial é de 50 000$00, acha-se integralmente realizado, em dinheiro, e corresponde à soma de duas quotas de 25 000$00 cada uma, pertencendo uma a cada sócio.

4.º

É livremente permitida a cessão de quotas entre sócios: a cessão a estranhos depende do consentimento da sociedade.

5.º

A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme deliberação social, pertence aos dois sócios, mas para obrigar vàlidamente a sociedade é necessária e suficiente a assinatura do gerente Eduardo dos Santos Figueira.

§ único. Fica vedado aos gerentes obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e em quaisquer outros actos ou contratos estranhos ao seu objecto.

6.º

Quando a lei não exija formalidades especiais, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência de oito dias, pelo menos.

Vai conforme.

2.º Cartório Notarial de Lisboa, 20 de Janeiro de 1972. — A Ajudante, **Maria Antonieta Fernandes Antunes.**

ESTABELECIMENTOS J. B. Fernandes, S. A. R. L.

Comunicam que, por motivo das solenidades relacionadas com a semana da Páscoa, encerrarão todos os seus serviços na quinta-feira, dia 30, pelas 13 horas, reabrindo na segunda-feira, dia 3, às 9 horas.

Carochinha

MODAS
JUVENIS ATÉ
20 ANOS

Av. Guerra Junqueiro, 19-C
Telef. 72 67 31

PNEUS – VENDO

4 todo terreno da FIRESTONE Suíça 165-13 **completamente novos por bom preço.**

4 todo terreno 2.ª da Mabor 5.60-13 **em meio uso por esc. 350$00.**

A SURDEZ

A audição é recuperável com um aparelho auditivo adequado. Se não ouve bem consulte sem compromisso **MICROSOM**, casa especializada.

LISBOA — Av. Almirante Reis, 75-1.º, Esq.
PORTO — Praça da Batalha, 3
FARO — Rua Ivens, 24-26

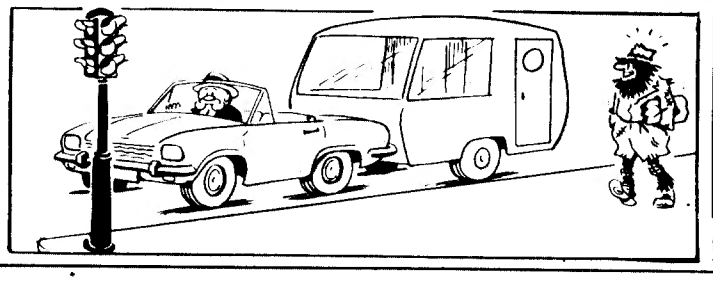
TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telfs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

Eis a surpresa da BMW para os Jogos Olímpicos de 1972 em Munique: um automóvel eléctrico destinado a acompanhar a maratona e competições semelhantes. Como é isento de ruídos e de gases de escape, não incomodará os atletas. As baterias pesam 350 kg, são fáceis de substituir (foto ao alto) e conferem ao automóvel a velocidade máxima de 100 km/h. O motor está disposto entre os assentos da frente (foto em baixo). Será este o automóvel do futuro?



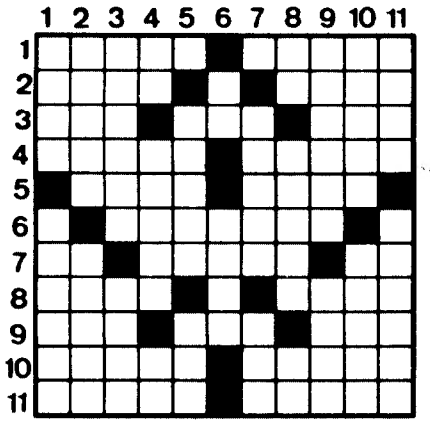
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 048

HORIZONTAIS:

1 Galga. Tanger.
2 Aves pernaltas. Artigo definido. Cidade da Arábia.
3 Bigorna de ourives. Filtra. Chefe etíope.
4 Efemina. Entrada (fig.)
5 Lavras. Jarro (planta).
6 Ligas.
7 Batráquio. Limpar metais. Abreviatura da palavra inglesa mister.
8 Gostar muito de. Aguce.
9 Pronome relativo. Saudável. Agência Telegráfica de Imprensa.
10 Ave pernalta da América do Sul. Feição.
11 Reunir. Tribo indígena brasileira.



VERTICAIS

1 Mentira. Baixelas.
2 Querida. A alma.
3 Cantara para adormecer as crianças. Levantam.
4 Artigo definido. Sugar o leite materno. Ruim.
5 Unir por casamento. Senhor em inglês.
6 Preposição e artigo. Taramela.
7 Aguça. Base aérea portuguesa.
8 Grande ribeira da Ásia Russa. Rezara. Viração.
9 Circules. Estilo.
10 Respeito. Província de Portugal.
11 Nivela. Travões (fig).

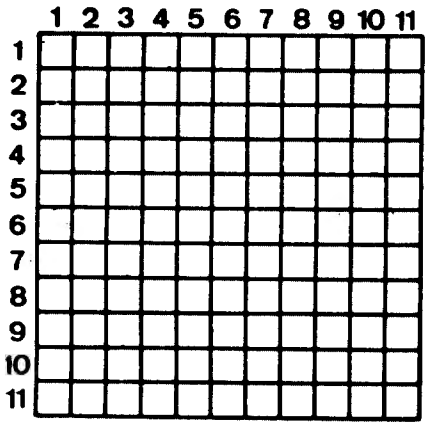
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6206

HORIZONTAIS

1 Associação ou confraria cristã na India. Ave galinácea africana. Artigo definido.
2 Cólera. Tanto. Acreditei.
3 Nome de um grande poeta brasileiro. Mudança.
4 O mesmo que airo. Gorgulho tropical.
5 Sufixo que designa estado. O lado do vento.
6 Ruim. Brada. Amónio (s.q.)
7 Cofres. Nome de fruto seco.
8 Ofereceis. Patrões.
9 Espéeie de mangueira do Gabão. Camareira. Matéria (pop).
10 Raeras. Amarrara.
11 Guarnecida de asas. Molestar.



VERTICAIS

1 Árvore indiana de fibras têxteis. Freguesia do concelho de Oeiras.
2 Cercadura. Habitantes da Arábia.
3 Ilha do Pequeno Belt. Remara para trás.
4 Apelido de um chefe de Estado brasileiro. Preposição latina que designa movimento.
5 Prendeu. Reis. Pega.
6 Sódio (s.q). Letra grega. Niquel. (s.q).
7 Pinga. Basta. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
8 Rebolava. Pronome pessoal
9 Canto de muitas vozes reunidas. Susténs com estacas a videira.
10 Qualquer porção de uma curva. Tornara louro.
11 Fecha as asas para descer mais depressa. Achatar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 047

HORIZONTAIS:

1 Mimada. QUEM.
2 Avila. Mio.
3 Rb. Até. Feri.
4 NÃO. Varar.
5 Arca. Sado.
6 Aas. Aio. Ao.
7 Remis. LV.
8 És. Sós. Tias.
9 Cal. Urano.
10 Ural. AVANÇA.
11 Airosa. Sãos.

VERTICAIS:

1 Morna. RECUA.
2 Bara. Sari.
3 Má. Ocar. Lar.
4 Avá. Ases. Ló.
5 Dita. Mor.
6 Ale. Sais. Aã.
7 Vais. Vu.
8 Fado. Trás.
9 Úmero. Liana.
10 Avanço.
11 Moirão. Soas.

PROVÉRBIO: Quem avança recua.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6205

HORIZONTAIS:

1 Halis. Palma.
2 Ávila. Soais.
3 Limo. Sias.
4 Laj. Cós. Via.
5 Ralo. Aros.
6 Rematas.
7 Às. Gatas. Pr.
8 Sama. Ócio.
9 Cio. Ias. MLV.
10 Óo. Dó. Aí. Aa.
11 Assina. Faro.

VERTICAIS:

1 Hall. Páscoa.
2 Aviar. Saios.
3 Limiar. Mó.
4 Ilo. Lega. DI.
5 Sá. Coma. Ion.
6 Tó. Atra.
7 Ps. Satã. Sa.
8 Aos. Raso. If.
9 Laivos. CM.
10 Miais. Pilar.
11 Assa. Trovão.

— A sua filha acaba de decidir que será minha mulher. O senhor importa-se que eu inspeccione a casa?

— O que é que essa amostra de cachorro fez para ganhar a taça? Cantou?

A MULHER EM FOCO

ADELAIDE

Um rosto na multidão

Chama-se Adelaide e tem 24 anos. Adelaide Botelho Passos. Quem a conhece? Entre a multidão anónima de Lisboa, é apenas um anónimo rosto. Sem história. Na sua passagem habitual pelo círculo da Cidade Universitária, apenas uma estudante, entre tantas outras.

TEXTO DE REGINA LOURO

Ninguém, a não ser os amigos mais chegados, conhece a sua história. Como está aqui, donde veio, qual a finalidade da sua vida - da sua luta e da sua esperança. Adelaide é apenas um nome.

Se eu vos contar a sua história, Adelaide passará a ser, então, nome de **mulher**, em toda a dimensão humana e social que esta palavra implica. Passará a ser, talvez, o retrato que se deseja fazer da mulher dos nossos dias: numa posição conscientemente activa dentro da sociedade em que vive.

Por tudo isso, vale a pena deixar aqui o seu retrato. Sem retoques. Esboçado por ela própria.

O RETRATO

- Nasci em Lourenço Marques e ali fiz o estudos liceais. Entretanto, casei, muito nova ainda - com apenas 17 anos, mal tinha acabado o 5.º ano. Resolvi empregar-me e continuar a estudar. Terminado o 7.º ano, deparou-se-me um problema: não podia tirar, em Moçambique, o curso que me interessava, por não haver ali Faculdade de Direito. Não tive outra solução senão matricular-me em Lisboa, como aluna voluntária, fazendo as frequências na Universidade de Lourenço Marques. Estava todo o ano afastada da Faculdade e só em Outubro vinha a Lisboa para efectuar os exames. Significava um excesso de trabalho que acabou por provocar-me um esgotamento, obrigando-me a suspender os estudos. Passada a crise, matriculei-me no 2.º ano ainda no mesmo regime. Entretanto, nasceu o meu filho...

E Adelaide continuou, mesmo assim. Mas, no 2.º ano, o problema era mais difícil: nem sequer havia «sebentas» editadas de algumas disciplinas... Sem poder frequentar as aulas, sem qualquer contacto com as matérias, a moça **chumbou** a uma cadeira. E isso levou-a a modificar o seu sistema de divisão entre estudo e família.

- Não tive outro remédio senão ficar em Lisboa, desde Outubro até Janeiro (foi a primeira vez que concederam uma época especial de exames para os estudantes ultramarinos), deixando marido e filho em Lourenço Marques. E, logo em Junho seguinte, voltei para realizar os exames do 3.º ano. Mais dois meses de separação... Este ano, resolvi vir mais cedo, para aproveitar a época de Março. E, como não tenho dinheiro para andar sempre «em bolandas» de Lisboa para Moçambique e de lá para cá, vou ficar até Junho-Julho para os exames dessa época. Claro que, entretanto, fui obrigada a desempregar-me...

Dinheiro... Adelaide gasta, em média, 25 contos por ano, nas viagens e estada na capital. Uma sobrecarga considerável no orçamento familiar. Tendo deixado de trabalhar, deixou de ser, também, uma mulher econòmicamente independente... Afinal, onde está a sua emancipação?

- É este o primeiro ano em que o meu marido me custeia as despesas, de colaboração com o meu irmão mais velho. Anteriormente, como estava empregada, reservava o meu vencimento para os gastos com os estudos. Não posso dizer que, não contava com o dinheiro do meu marido, pois o Código Civil diz que «ambos os conjuges devem contribuir para as despesas do lar» e já nessa altura era só o meu marido a custeá-las... Mas, naturalmente, espero vir a compensá-lo, quando tiver o curso e um emprego compatível.

O CURSO

Adelaide escolheu, no entanto, um curso considerado ainda, e entre nós, «pouco feminino» e através do qual se abrem poucas portas à mulher. De entre os poucos caminhos permitidos, ela opta pelo da advocacia. Sabe-se, no entanto, que a advogada é aceite, entre nós, com um sorriso de generosa curiosidade, que traduz desconfiança sobre as possibilidades da mulher neste campo. Sabe-se, também, que esse ambiente de incredulidade acaba por tornar mais difícil o trabalho da mulher, comprometendo as suas possibilidades de sucesso. Será que Adelaide não pensou nisso? Que espera ela do curso, nestas circunstâncias?

- Falar em «realização» será talvez lugar-comum. Mas é a única palavra que pode traduzir aquilo que eu espero do curso de Direito, por ser o único que me permite seguir a profissão que mais se coaduna com a minha personalidade. Quanto ás dificuldades de colocação, penso que serão, em parte, anuladas pela falta de mulheres a exercer esta profissão, especialmente na minha terra. Tenho, portanto, um largo campo à minha frente, no qual posso actuar em todo o aspecto social.

- Significa isso que à mulher cabe um papel próprio dentro da advocacia?

- A mulher pode, pelo menos, ter esse papel próprio, tal como o tem noutros campos. Poderá aproveitar o seu conhecimento directo de determinado tipo de problemas para procurar dar-lhes uma solução na altura própria. Defende-se melhor aquilo que se conhece. O que não significa que exista, na advocacia um domínio reservado da mulher e que esta não possa actuar em toda a latitude da profissão. Não há, de qualquer forma, abdicação da sua personalidade. Pelo contrário: é uma forma de canalizar certas características femininas, como a intuição e a afectividade, para um campo onde poderá ser útil à sociedade.

Uma luta difícil, cansativa

Longe do marido e do filho, solitária em Lisboa, ela é apenas uma estudante entre tantas outras

De resto, não há sequer, no Direito, sector algum que esteja, por natureza, fora do alcance da mulher. No nosso País, não lhe é permitido enveredar nem pela Magistratura nem pela Diplomacia. Creio que isso acontece apenas por força da tradição. Quem é que aceita, hoje em dia, que a mulher não possa dar uma boa diplomata? Inclusivamente, no ramo da Investigação, a jurista pode desempenhar um trabalho muito importante aproveitando as suas qualidades de método e espírito de sacrifício.

Adelaide reconhece, no entanto, que o mérito da «conquista» de um curso em circunstância tão singulares não lhe pertence inteiramente. O apoio da família (contràriamente ao que seria de esperar) constituiria, se necessário fosse, um bom motivo para ir em frente:

- O meu marido é a pessoa que mais me estimula. Aliás, não compreenderia que ele se opusesse, sabendo que este é o caminho da minha realização. Creio que a frequente oposição dos homens à promoção da mulher através de um curso, se deve à insegurança e à falta de confiança naquilo que valem.

AS PRIVAÇÕES

No entanto, há outras barreiras a vencer. A do comodismo, por exemplo. A renúncia a uma situação de estabilidade familiar e económica impõe um certo sacrifício:

- A vida, em Lisboa, é bastante difícil, bastante cansativa. Estou num quarto, tomo as refeições na cantina (má comida e chego a perder uma hora na «bicha») e passo o resto do tempo a estudar. Gasto o menos possível: arranjo-me com 2 contos e quinhentos por mês, mas não me chega nem para um par de sapatos...

E há também, inevitàvelmente, a angústia:

- Este ano custou-me particularmente. Nunca a família esteve tão separada: o miúdo ficou com a minha mãe, em Moçambique, o meu marido, que jogava hóquei em patins na equipa do «Ferroviário» de Lourenço Marques, passou para a do B.C.A., de Luanda e eu estou em Lisboa...

Esta é a parte sentimental de Adelaide, moçambicana de 24 anos, futura advogada, mulher que não parou no casamento.

«Nunca a família esteve tão separada»